

Deutscher Morgen

Berausgeber: E. Sommer

Aurora Allemã

Erscheint wöchentl.ich

Folge 26

São Paulo, 28. Juni 1940

9. Jahrgang

Schriftleitung, Verwaltung und Druckerei: Rua Victoria 200 — Fernruf: 4-3393, Caixa postal 2256 — São Paulo. — Zuschriften nicht an Einzelpersonen, sondern nur an die Verwaltung. — Bezugsgebühr: halbjährlich 15\$000, ganzjährig 30\$000, für Deutschland und die Weltpostvereinsländer 7 Mark

Exigem a destruição da Grã-Bretanha

A Guerra das Falsidades

Nosso Quadro Negro

42.ª Semana

kt. — A Inglaterra acaba de perder seu ultimo companheiro de armas no Continente europeu. Tem de enfrentar agora sozinha a força cohesa da Alemanha e da Italia nessa sua tão alardeada „esplendida isolamento“. Arma-se ella agora, pois, para o ultimo e decisivo golpe que a atingirá. Vem-a hoje só e isolada, como por occasião da guerra dos boers, ha quarenta annos, quando todo o mundo se revoltou ante os methodos cruéis do seu imperialismo insaciavel.

A guerra do gaz e do toxico do espirito adapta-se a essa nova situação. Essa guerra parte cada vez mais inequivocamente de Londres. Tudo visa tranquilizar os bretões e seus escravos por sympathia — sim, existe tambem esta fauna! — despertando nelles esperanças através de exitos inventados, esperanças num desfecho auspicioso desta guerra tão leviamente provocada. Para esse effeito, os Estados Unidos da America do Norte vem sendo cortejados cada vez mais ardentemente. Prosegue-se na tentativa de explorar sentimentos religiosos para fins politicos, e, numa contradição engraçada com isso, a Russia serve de novo de alvo de considerações apaixonadas e langorosas. Aos contra-regras ás margens do Tamisa parece agora inutil continuar a excitar as almas tão piedosas e sempre tão promptas para prometter auxilio nos casos da Suissa „ameaçada“ e da Suecia igualmente em „risco de vida“. Quanto aos Balkans reina o mais completo silencio, desde que a propria Rumania passou a constituir uma das „ditaduras“ abjectas. E a Turquia? E' bom não tocar neste ponto melindroso. Sonhos ephemeros, nada mais, mau grado o exercito de Weygand-Mittelhauser no Oriente Proximo, com seu milhão ou dous milhões de soldados constantes do ... papel.

Em relação á Italia repete-se, dentro dos mesmos moldes, o jogo tão apreciado frente á Alemanha e anteriormente applicado no caso da Hespanha nacionalista. Trata-se dos mesmos homens, das mesmas emissoras, das mesmas agencias de informações e dos mesmos jornaes e adulteradores de photographias que ha dous e tres annos lançaram semcerimoniosamente, sua baba sobre os „rebeldes“ do generalissimo Franco, ao mesmo tempo que divinizavam a corja de assassinos internacionais na Hespanha.

Naturalmente não faltam as habituaes calumnias assacadas ao povo allemão e ao seu Exercito. Tinha ellas um sabor todo peculiar notadamente nos dias em que o nacional-socialismo obteve, com dignidade e com uma serenidade reservada, depois do empolgante feito de armas, tambem uma inequivoca victoria moral, uma victoria da correção e do cavalheirismo na floresta de Compiègne.

Vejam só: polygamia!

Em 17-6, o radio britannico e a Havas assoalharam, que o chefe da SS, Himmler, teria publicado uma declaração em que teria manifestado o desejo, depois de se referir ás pesadas baixas soffridas pelos allemães, que as mulheres teutas abandonassem a idéa da monogamia e deixassem a cargo do Estado a educação das gerações futuras. Com isso se visaria, de um lado, equilibrar o desfalque em varões em condições de casar, e, de outro lado, neutralizar a influencia enfraquecedora da familia! Abstracção feita da circumstancia de que a radiodiffusora britannica parte, acintosamente, de premissas falsas acerca das baixas e da natalidade na Alemanha — ora, com 1.600.000 nascimentos no anno de 1939, o povo tedesco está longe de representar um povo moribundo — essa noticia traz todos os signaes da mais reles calumnia. Se em alguma parte do mundo a familia gosa, em sua existencia economica e em sua honra, a protecção do Estado, isso se verifica na Alemanha de hoje, como todo o mundo e mesmo a gente da British Broadcasting Corporation sabem. Entretanto, se essa empresa mais ou menos official julga ter de se occupar de questões dessa natureza, em beneficio da humanidade ameaçada e de sua moral, recommendemos-lhe o conhecido livro „O Matrimonio“. Seu autor é o celebre „lider trabalhista“, capitalista e ex-presidente do Ministerio francez Léon Blum. Pois essa obra encerra tantas frivolidades, que a „Bri-

(Continua na 2.ª pagina.)

Madrid, 27. (T.O.) — Grandes cartazes foram expostos hoje nas ruas da capital, annunciando as exigencias imperiais espanholas.

Estas exigencias citam tambem Oran — que em junho de 1732 fora conquistada pela Espanha. O „Alcazar“ faz notar a este respeito que a Espanha deve aproveitar o momento europeu para fazer justiça por suas

proprias armas. A Inglaterra e a França que durante cinco gerações exerceram sua pernicioso influencia são substituidas agora pela Alemanha, Italia e Espanha. Com o aniquilamento da Grã-Bretanha será eliminado o obstaculo para um desenvolvimento natural e produtivo do mundo.

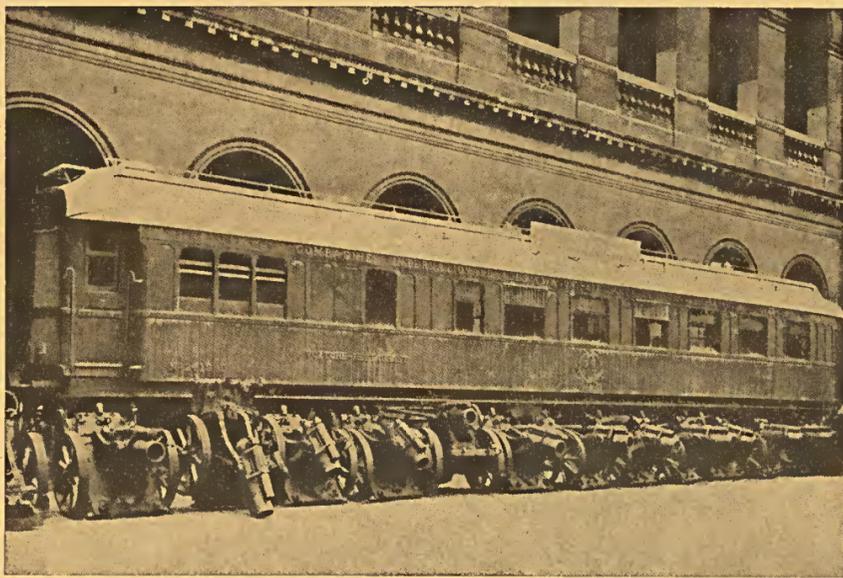
Bomben, Blitzkrieg und Britannien

Knieschlotternd, schimpfend, mit plumpen Ablenkungsmanövern und einem lächerlichen Mut der Verzweiflung stemmen sich die Londoner Machthaber nach dem Verlust ihres letzten Festlandsdegens gegen die nahe Stunde der Generalabrechnung

Der zehnte Kriegsmonat geht zu Ende. Noch gute acht Wochen fehlen bis zum geschichtlichen 3. September, da England vor cinem Jahr havssvoll verblendet und überheblich dem Reich den Krieg erklärte und Frankreich mit in den Abgrund riss. Heute ist die militärische Macht der Franzosen, deren Blutopfer die Briten so schändlich missbrauchten, zerschlagen und vernichtet. Winston Churchill hat sich ein Vergnügen daraus gemacht, dem einstigen Alliierten den Eselsfußtritt zu versetzen. Seine Wut ist um so erklärlicher, weil er weder die französische Flotte ausgeliefert erhielt noch sonst mit der geringsten Unterstützung durch die Regierung des Marshalls Pétain rechnen kann. Das französische Volk ist zur Einsicht gelangt, dass es genau wie alle anderen von England in diesen Krieg verwickelten kleinen Nationen seine Haut völlig sinnlos für die Lords und ihre plutokratischen Interessen zu Markt getragen hat. Die Waffenstillstandsverträge mit Deutschland und Italien bedeuten ihm eine wirkliche Erlösung aus einer furchtbaren materiellen und seelischen Zwangslage, und es denkt nicht daran, auch nur noch einen Finger für seine von Churchills Gnaden lebenden Emigranten zu rühren.

Diese Ueberzeugung ist aber auch in der aussereuropäischen Welt in wenigen Tagen Allgemeingut geworden. Die rasche Erledigung der hochgerüsteten tapferen Franzosen durch die deutsche Wehrmacht hat den letzten Zweiflern die Augen weit geöffnet. Vieles stehen sie noch sprachlos da. Die deutschen Stukas und Panzer haben tatsächlich eine völlig neue Kriegssprache geredet. Was wird Deutschland jetzt gegen England einsetzen? Diese Frage beherrscht alle Gemüter. Und merkwürdig: Niemand gibt den Briten eine Chance. Alle antworten, dass England keine sechs Wochen wie Frankreich Widerstand leisten wird. Alle erwarten einen Angriff auf die Inseln, der wie ein Orkan, ein erdaufwühlendes Unwetter losbrechen und jedes Hindernis zermalmen wird. Ein Strafgericht Gottes, hört man die Leute sagen. Und weiss sofort, wie sie es meinen; dass nämlich die Vorsehung die deutschen Flieger, die deutschen Soldaten zur Vollstreckung eines geschichtlichen Urteilspruches an Britannien ausersehen hat. Englands Schicksalsstunde hat geschlagen. Seit dem Jahre 1066 hat kein fremdes Heer seinen Boden betreten — heute warten wir auf die Sondermeldung (Schluss auf Seite 2.)

O carro ferroviario, em que nos annos de 1918 e 1940 foram assignados os dois armisticios, no pateo dos invalides em Paris. Este carro foi mais tarde novamente levado para Compiègne, como „lembrança permanente“ da guerra mundial, franqueado aos turistas mediante uma contribuição em moeda.



Der historische Waffenstillstandswagen von 1918 und 1940, als er noch im Hof des Invalidendoms in Paris stand. Die französische Regierung liess ihn später nach Compiègne schaffen, wo er von Weltreisenden als „bleibendes“ Erinnerungsstück des Weltkrieges gegen Geld besichtigt werden konnte.

Der Lügenkrieg

Unser schwarzes Brett

42. Woche

kt. — England hat nunmehr seinen letzten Gefolgsmann auf dem europäischen Festland verloren. Es steht allein der geschlossenen Macht des Reiches und Italiens gegenüber, in der vielerufenen „glänzenden Vereinsamung“, und rüstet sich für den letzten und entscheidenden Gang. Fast so einsam steht es da, wie im Eurenkrieg vor vierzig Jahren, als alle Welt sich gegen die grausamen Methoden seines unersättlichen Imperialismus empörte.

Dieser neuen Lage passt der Gas- und Giftkrieg des Geistes sich an. Er geht immer eindringlicher von London aus. Alles zielt darauf ab, die Briten und ihre Sklaven aus Sympathie — auch solche gibt es! — zu beruhigen und durch erdichtete Erfolge ihnen Hoffnungen zu erwecken, Hoffnungen auf einen glimpflichen Ausgang des leichtfertig heraufbeschworenen Krieges. Zu dem Zweck werden die Vereinigten Staaten heisser als je umworben. Es wird der Versuch fortgesetzt, religiöse Gefühle für politische Zwecke zu missbrauchen, und in erheiterndem Widerspruch hierzu wird auch Russland von neuem in den Kreis schwärmerisch-sehnsuchtsvoller Betrachtungen gezerrt. Zwecklos erscheint es den Regisseuren an der Themse hingegen, die so mitleidvollen und stets zu Hilfeversprechen bereiten Gemüter weiterhin um die „bedrohte“ Schweiz und das ebenso „gefährdete“ Schweden aufzuregen. Vom Balkan schweigt man ganz, seit selbst Rumänien unter die verabscheuungswürdigen „Diktaturen“ gegangen ist, und die Türkei? — O rühret, rühret nicht daran! Verflögere Blütenräume trotz der Weygand-Mittelhauser-Armee im Nahen Orient mit ihren ein bis zwei Millionen Mann — auf dem Papier.

Gegenüber Italien wiederholt sich in gleichen Formen das Spiel, das Deutschland und vorher dem nationalen Spanien gegenüber beliebt war. Es sind auch die gleichen Männer, die gleichen Sender, Nachrichtenagenturen, Zeitungen und Bildfälscher, die vor zwei bis drei Jahren den „Rebellen“ General Franco unentwegt mit Schmutz bewarfen und das internationale Mordgesindel in Spanien verhellten.

Selbstverständlich fehlen die üblichen Verleumdungen des deutschen Volkes und seines Heeres nicht. Sie wirken ganz besonders geschmackvoll in den Tagen, in denen der Nationalsozialismus würdevoll und mit zurückhaltendem Ernst nach dem überwältigenden Waffenerfolg auch einen eindeutigen, moralischen Sieg, einen Sieg der Gesittung und des Anstandes, im Walde von Compiègne erfocht.

Hört, hört: Die Weiberei!

Am 17. 6. wusste der Britische Rundfunk mit ihm Havas zu berichten, der Führer der SS Himmler habe eine Erklärung veröffentlicht, in der er die schweren deutschen Verluste an Toten anerkannte und den Wunsch aussprach, die deutschen Frauen möchten den Gedanken der Einhehe aufgeben und dem Staat die Erziehung der künftigen Geschlechter überlassen; dadurch sollten einmal die Verluste an heiratsfähigen Männern ausgeglichen und zum anderen der nachteilige Einfluss des Familienlebens ausgeschaltet werden! — Abgesehen davon, dass der Britische Rundfunk bewusst von falschen Voraussetzungen über die Verluste und die Geburtenhäufigkeit in Deutschland ausgeht — das deutsche Volk ist mit 1.600.000 Geburten im Jahre 1939 kein sterbendes Volk mehr — weist diese Meldung alle Anzeichen niedrigster Verleumdung auf. Wenn irgendwo die Familie in ihrem wirtschaftlichen Dasein wie in ihrer Ehre den Schutz des Staates genießt, so ist das im heutigen Deutschland der Fall, wie jedermann auch in der British Broadcasting Corporation weiss. Wenn diese mehr oder weniger antliche Einrichtung jedoch glaubt, sich zum Wohle der bedrohten Menschheit und ihrer Moral mit derartigen Fragen befassen zu müssen, so sei ihr das bekannte Buch „Die Ehe“ empfohlen. Es stammt von dem berühmten „Arbeiterführer“, Kapitalisten und ehemaligen französischen Ministerpräsidenten Léon Blum und enthält so viele Frivolitäten, dass die „Corporation“ nicht an Stoffmangel leiden wird. Dass die französische Sittlichkeitspolizei es schon vor Jahren vom

Bahnhofsbuchhandel ausschloss, sei nur der Vollständigkeit halber erwähnt ...

Die Kathedrale von Reims

Aus dem Bedürfnis heraus, die christliche Welt gegen das deutsche Heer zu verhetzen, verkündete United Press am 18. 6., die Kathedrale von Reims sei vollkommen zerstört worden. Es handelt sich dabei gleichfalls um eine Verleumdung, von der gewisse Kreise sich eine besonders starke Wirkung versprechen, denn Reims ist eines der Nationalheiligtümer der Franzosen. In der prächtigen gotischen Kathedrale führte einst die Jungfrau von Orleans einen französischen König zur Krönung, als Frankreich sich in einem hundertjährigen Krieg gegen englische Eroberungslust verteidigen musste. Wie hilflos die Meldung der bekannten amerikanischen Agentur ist, beweist eine ausführliche Schilderung des Vertreters der Transocean, Georg Schroeder, vom 22. Juni. Darnach ist Stadt und Kathedrale völlig unversehrt, nicht eine Bombe, nicht einmal eine Kugel ist in die Stadt gefallen, keine Fensterscheibe zerbrochen. Vor dem Eingang der Kirche stehen deutsche Posten, und um die Stadt mit ihren ehrwürdigen Denkmälern einer grossen Vergangenheit vor jedem Schaden zu bewahren, hat der Führer sie unter seinen besonderen Schutz genommen. Aber das alles hilft nichts: United Press und ihre Gewährsmänner wollen die Deutschen zu kulturlosen Hunnen stempeln, und deshalb muss Reims eben „vollkommen zerstört“ sein. Der Leser in Brasilien oder Kanada kann die Angabe ja nicht gleich nachprüfen.

Eine russische Sphinx?

In Bild und Schrift werden die Versuche, Russlands Haltung gegenüber den kriegführenden Mächten als zweideutig erscheinen zu lassen, beharrlich fortgesetzt. Könnte nicht die Sowjet-Union immer noch eingreifen und die britischen Goldmänner im letzten Augenblick retten! Sie würden die Hilfe ja gern annehmen, so gern dabei Finnland vergessen —, und alle weltanschaulichen, alle religiösen Bedenken wären in dem Augenblick fortgeblasen, da das Spiel von 1914 sich wiederholen und eine neue „Dampfwalze“ gegen die Ostgrenzen des Reiches heranrollen würde. Um den Anschein zu erwecken, als leuchte über den russischen Steppen bereits ein Silberstreifen demokratischer Hoffnungen, meldet deshalb United Press am 16. 6., dass die Besetzung der Finnmarken im nördlichen Norwegen durch deutsche Truppen als eine Sicherungsmassnahme des Reiches gegenüber seinem östlichen Nachbar zu werten sei; Reuter weiss am 20. 6. von der Zusammenziehung deutscher Truppen in Ostpreussen zu berichten; nach United Press vom 17. 6. ist das Vorgehen der Russen im Baltikum gegen Deutschland gerichtet; nach Havas (17. 6.) rief die Niederlage Frankreichs grosses Unbehagen in Moskau wach, und die Columbia Broadcasting in Newyork gibt ihren Hörern an selben Tage sogar die allgemeine russische Mobilmachung gegen das Reich bekannt! Die auf Deutschland bezüglichen Angaben wurden schon am 21. 6. amtlich als jeder Grundlage entbehrend zurückgewiesen, und ebenso amtlich stellte die russische Nachrichtenagentur „Tass“ am 22. 6. fest, dass „die namentlich in Frankreich, England, der Türkei und Finnland verbreiteten Gerüchte, nach denen an der deutsch-litauischen Grenze 100 bis 150 russische Divisionen infolge Unzufriedenheit mit der deutschen Politik konzentriert seien, frei erfunden sind.“ Die „Tass“ fügte hinzu: „In amtlichen russischen Kreisen herrscht die Ansicht vor, dass derartige Gerüchte nur zu dem Zweck verbreitet werden, das gutnachbarliche Verhältnis zwischen Russland und Deutschland zu stören. Die Kreise, die solche Gerüchte verbreiten, scheinen sich immer noch nicht der Tatsache bewusst geworden zu sein, dass die deutsch-russischen Beziehungen auf einer festen freundschaftlichen Grundlage aufgebaut sind.“ Die Haltung Russlands ist alles andere als zweideutig. Von einer russischen Sphinx kann keine Rede sein — und Moskau legt Wert auf diese Feststellung.

Noch 50.000 Juden dazu

Die hunderttausend amerikanischen Juden, die Havas am 12. 6. zur Rettung des britischen Reiches mobilisieren wollte, genügt nicht. Havas erinnert am 21. 6. daran, dass sich schon zu Beginn des Krieges 50.000 Israeliten zum Heeresdienst für die ehemaligen Alliierten zur Verfügung gestellt hätten und dass diese Freiwilligen ihr Angebot aufrecht erhielten. Dabei soll es sich offenbar um Juden aus Europa und den britischen Besitzungen handeln. Die Gefahr für Deutschland wird also immer grösser. Trotz aller Besorgnisse, die man darob in Deutschland hegt oder vielleicht auch nicht hegt, drängt sich aber eine Frage auf: warum haben diese Fünfzigtausend die vergangenen neun Monate nicht ausgenutzt, um sich zur Verteidigung der europäischen Zivilisation etwa in Reih und Glied mit den Afrikanern oder Asiaten aus dem englischen und dem französischen Kolonialreich ausbilden zu lassen? Wie gut wären sie jetzt an der englischen Kriegsküste mit Stahlhelm und MG zu gebrauchen. Haben etwa die Herren Chamberlain und Daladier und Reynaud — lang, lang ist's her — auf die Waffenhilfe all dieser begeisterten Liberalisten aus guten militärischen Erwägungen verzichtet? Vielleicht im Hinblick auf zweifelhafte Waffentauglichkeit, während sie doch jeden polnischen und tschechischen Staatsangehörigen, den sie z. B. an Bord neutraler Schiffe abfangen liessen, eifrig und freiwillig-zwangsweise in die betreffenden, früher in Frankreich stehenden „Armeen“ einreihen? Es kann sein. Mehr Wahrschein-

(Schluss von Seite 1.)

dingung, die uns in knapper Sprache dieses Ereignis verkündet.

Das wird dann keine Sensation sein, sondern die logische Abschlussphase im Kampf einer sterbenden haltlosen gegen eine junge erdfeste und sonnenzugewandte Weltanschauung: die eigentliche Geburtsstunde eines neuen Europas. Die Herren der Hungerblockade, die das „Gespenst eines Blitzkrieges“ so oft bespöttelten, werden die „Waffen des Blitzkrieges“, Stukabomben und Panzer, ins eigene Land bekommen. Die von Piraten zu Beherrschern der Weltmeere emporgestiegenen Briten werden nicht einmal die Küsten ihres kleinen Mutter-Insellandes genügend schützen können. Kriegsminister Eden hat eine billige überflüssige Phrase gedroschen, als er in seiner Mittwochrede die Verteidigungsparole ausgab: „Bleibt, wo ihr seid!“ Darauf kommt es nicht an. Der englische Arbeiter wird mit seiner Familie sowieso nicht nach Kanada abdampfen oder abbrausen, weil er nicht die nötigen Pfund Sterling hat. Der Fabrikarbeiter, Handwerker und kleine Angestellte in Birmingham, Liverpool, Cardiff und Manchester verfügt für den Fall deutscher Luftangriffe auch keineswegs über den komfortablen Luftschutzraum, der für die königliche Familie tief unterm Buckingham-Palast eingerichtet wurde, wo stets warmes Tee, Wasser, mögliche Kleider, Telefon und — man höre! — sogar Nadelarbeiten für die Königin und ihre Hofdamen bereitliegen. Von Mr. Edens Vertröstung auf den „Endsieg“ kann er aber auch nicht leben, und so ist es nicht ausgeschlossen, dass die Churchill, Eden, Duff Cooper nebst ihren hebräischen Propagandamännern vom englischen Volk selbst den Laufpass erhalten, wenn die ersten ergebigen Bomben „en masse“ ihre Ziele erreicht haben. Es mag schwer fallen, mit schlotternden Knien ein Weltreich zu repräsentieren, schwerer jedoch wiegt die Tatsache, dass die britische Regierung immer noch mit der Möglichkeit rechnet, den Krieg von irgendeinem Dominion, am liebsten von der Neuen Welt aus gegen Europa fortzusetzen. Nur so ist der Mut der Verzweiflung zu erklären, der aus allen Aeusserungen der Machthaber in London klingt, nur so die un-

lichkeit spricht jedoch für die Annahme, dass das ganze Gerede eben Gerede ist und dass damit nur der Anschein erweckt werden soll, als wollten die Juden in diesem Krieg, den sie so oft „ihren Krieg“ zur Vertilgung des Nazismus genannt haben, auch ihr Leben einsetzen und nicht nur ihre propagandistischen Fähigkeiten und ihre goldenen Kugeln. —

A Guerra das Falsidades

(Continuação da 1.ª pag.)

tish Broadcasting“ não teria de se queixar de penúria de matéria irradiaível. Seja dito, tão só para efeito de explicação complementar, que a polícia de costumes francesa baniu esse livro, já ha annos, do commercio livreiro ...

A cathedral de Reims

Sentindo a premente necessidade de incitar o mundo christão contra o Exercito Alemão, a United Press lançou aos quatro ventos, em 18-6, a noticia de que a cathedral de Reims havia sido destruida completamente. Trata-se ahi igualmente de uma calumnia, da qual certos circulos esperam um efeito particularmente retumbante, pois Reims é um dos sarrarios nacionaes dos francezes. Na sumptuosa cathedral gotica, Joanna d'Arc conduziu, seculos atrás, um rei francez que ia ser coroado, quando a França tinha de se defender, em uma guerra de cem annos, contra a avieez dos conquistadores ingleses. Uma descrição minuciosa feita de Reims por Georg Schroeder, correspondente da Transocean, em 22 de junho, prova quão inconsistente é a noticia espalhada pela conhecida agencia norte-americana. Por essa narrativa se vê, que tanto a cidade como sua famosa cathedral se encontram absolutamente intactas. Não cahiu sequer uma bomba, nem mesmo uma bala de fuzil em Reims, onde não se espatifou uma unica vidraça. A entrada principal da igreja encontram-se sentinellas allemãs. E para defender a cidade com seus respeitaveis monumentos, que datam de éras remotas, de quaesquer damnos — por certo que não susceptíveis de serem praticados por soldados allemãs — Hitler tomou-a sob sua protecção pessoal. Mas, tudo isso nada adianta. A United Press e os freguezes do seu noticiario querem, á viva força, applicar aos allemãs o estigma de hunos sem cultura, eis por que se quer que Reims esteja „completamente destruida“. Ora, o leitor no Brasil e no Canadá não póde examinar promptamente a informação, para pôr a nú a aleivosia.

Uma esphinge russa?

Prosegue-se, obstinadamente, sob recurso á letra de forma e á illustrações, na tentativa de fazer com que a attitudo da Russia em relação ás potencias belligerantes se apresente ambigua. Será que a União Sovietica não interferirá, salvando, no derradeiro ins-

verzeihliche Blutschuld, die sie für die nächtlichen Bombardierungen der deutschen Zivilbevölkerung tragen.

Ein höchst lächerliches Ablenkungsmanöver leistete sich der britische Generalstab mit einer angeblichen Truppenlandung an der deutschen Küste — irgendwo. Mit einer Lust ohnegleichen drahtete und funkte die „United Press“ derartigen Blödsinn am Nachmittag des 26. Juni um die Welt, und die Meute der Strassenblätter kläffte gierige Schlagzeilen unter die Massen. Diese Massen lachten, denn englische Siege sind in diesem Krieg trotz marktschreierischer Verkündung nicht ein einzigesmal wahr gewesen, abgesehen von der Besetzung — Islands. Die Rückzieher am Abend waren denn auch von beschämendem Ausmass. Was war wirklich geschehen? Die Landungsversuche einiger britischer Fahrzeuge an der französischen Kanal-küste — irgendwo — wurden von den Deutschen mit Leichtigkeit zurückgeschlagen, also im Keime erstickt nach amtlicher Mitteilung aus Berlin. Doch immerhin: Auf dem Papier waren die Briten am 26. Juni an der deutschen Küste und möglicherweise sogar auf dem Marsch nach Berlin! Aber was heisst hier kindisch? Ist Juda britischer Parteigänger oder ist es das nicht? Stimmung muss sein, Stimmung und wenn alles verreckt. Schliesslich lassen sich die britisch-jüdischen Propagandamethoden sehr wohl mit Börsenmanövern zugunsten des ständig sinkenden Pfundes auf einen Nenner bringen.

Wir sind aus sehr stichhaltigen Gründen von einem schnellen und radikalen Ausgang des Kampfes gegen England überzeugt. Nicht Britannien allein, sondern die ganze Welt wird aus einem schweren Traum erwachen und von allen kindischen Vorstellungen über das nationalsozialistische Deutschland schlagartig geheilt sein. Es wird für viele ein bitteres Erwachen. Die Aera der internationalen Spekulanten und Parasiten, der Lügner, Verleumder, Hetzer und Kriegstreiber muss dem Zeitalter einer neuen wirklichen und ehrlichen Völkerverständigung weichen. Das wird dann das Ergebnis des englischen Krieges gegen die jungen Nationen und bewährten Achsmächte Deutschland und Italien sein.

ep.

tante, os homens das finanças hritannicas?! Gom que prazer não se accitaria esse auxilio sovietico, em troca do que se esquecer, de bom grado, o caso da Finlândia! E todos os escrúpulos religiosos e todas as susceptibilidades em torno de concepções universaes desvanecer-se-iam subitamente, como que por encanto, visto que se reproduziria o jogo de 1914 e um novo „rolo a vapor“ se movimentaria em direcção á fronteira oriental da Alemanha. Afim de se provocar a apparencia de que sobre as estepes russas já brilharia o clarão argenteo de esperanças democraticas, a United Press noticiou, em 16-6, que a occupação de Finnmarka no norte da Noruega pelas tropas allemãs deveria ser interpretada como medida de segurança do Reich em relação ao seu visinho oriental. A Reuter fala, em 20-6, na concentração de tropas teutas na Prussia Oriental. Na opinião da United Press (17-6), o avanço dos russos no Baltico visaria a Alemanha. Segundo a Havas (17-6), a derrota da França teria provocado grande desapontamento em Moscou. A Columbia Broadcasting, de Nova York, vai mesmo ao extremo de communicar aos seus ouvintes, no mesmo dia, a mobilização geral da Russia contra o Reich! As noticias referentes á Alemanha foram repelidas, officialmente, já em 21-6, como carecentes de todo e qualquer fundamento. Tambem a agencia de informações „Tass“ affirmou, em caracter official, em 22-6, que „não passam de puras invenciones os boatos espalhados sobretudo na França, na Inglaterra, na Turquia e na Finlândia, segundo os quaes se encontrariam concentradas, na fronteira teuto-lituanica, 100 a 150 divisões russas, em virtude de descontentamento com a politica allemã“. Acrescenta a „Tass“: „Os circulos officiaes russos são de opinião, que esses rumores vem sendo divulgados com o unico fito de perturbar as relações de boa vizinhança existentes entre a Russia e a Alemanha. Os circulos que espalham boatos desse naipe parece que ainda não conseguiram penetrar-se da realidade de que as relações teuto-russas assentam numa base de solida amizade.“ A attitudo da Russia póde ser tudo, menos ambigua. Não se póde falar numa esphinge russa — e Moscou faz questão de frisar isso.

Mais 50.000 judeus!

Os 100.000 judeus norte-americanos que a Havas pretendeu mobilizar em 12-6, para salvar o imperio britannico, não eram sufficientes. A Havas lembra em 21-6, que já no inicio da guerra 50.000 israelitas se haviam promptificado a prestar serviços militares aos ex-alliados e que esses voluntarios sustentariam hoje seu offerecimento de então. Dizem tratar-se, evidentemente, de judeus da Europa e das possessões britannicas. Pelo que se vê, o perigo cresce cada vez mais para a Alemanha ... Apesar de todos os cuidados que porisso se alimentam na Alemanha, ou talvez não se alimentem, assalta-nos inopinadamente a interrogação: Por que cargas dagua

Das Oberkommando der Wehrmacht gibt bekannt...

Hauptquartier des Führers, 26. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht teilt, am Mittwochmittag mit:

„Von der Westfront nichts Nennenswertes zu berichten. In der Nacht zum 26. Juni haben unsere Kampfstaffeln mit Erfolg mehrere Flugplätze und Anlagen der Flugzeugindustrie in Mittelengland mit Bomben belegt. Nachträglich wird bekannt, dass am 24. Juni ein feindlicher Truppentransporter von 7000 t auf der Höhe von Bayonne mit Bomben belegt wurde, die heftige Explosionen hervorriefen. Ein deutsches U-Boot torpedierte an der Südwestküste Irlands den bewaffneten englischen Dampfer „Saranac“ von 12.000 t und zwei andere bewaffnete feindliche Handelsschiffe. Von drei englischen Bristol-Blenheim-Flugzeugen, die gestern neuerdings den Flugplatz von Stavanger zu bombardieren versuchten, wurden zwei von deutschen Jägern abgeschossen, während das dritte umkehren musste, ohne Bomben abwerfen zu können. Bei den Bombeneinflügen englischer Flieger in der Nacht zum 26. Juni nach Nord- und Westdeutschland wurden keine militärischen Ziele getroffen und nur geringer Schaden angerichtet. Soweit bisher bekannt, wurden vier Personen getötet.“

Hauptquartier des Führers, 27. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht teilt mit:

„Im Einvernehmen mit den Bestimmungen des Waffenstillstandsvertrages sind die deutschen Truppen bis zum Abschnitt von Dordogne östlich Bordeaux vorgerückt. Ohne grössere Anstrengungen wurden schwache Patrouillen der feindlichen Seestreitkräfte in der Nacht vom 24. zum 25. Juni an der nordfranzösischen Küste zurückgewiesen. Ein deutsches U-Boot teilt mit, dass es 35.000 t feindlichen Schiffsraum versenkt hat. In der Nacht vom 26. zum 27. Juni griffen deutsche Kampfgeschwader neuerdings mit Bomben die Hafen- und Flugzeugindustrieanlagen in England an. Ein deutsches Flugzeug ist nicht zurückgekehrt. Britische Flugzeuge warfen weiterhin Bomben über Westdeutschland in der vergangenen Nacht ab, ohne militärischen Schaden anzurichten. Mehrere Zivilpersonen wurden getötet oder verletzt. Zwei englische Flugzeuge wurden durch Flak und ein weiteres durch deutsche Jäger abgeschossen. Beim Uebergang über den Rhein am 15. Juni während der folgenden Kämpfe sowie bei der Einnahme eines Vogesenpasses zeichnete sich der Major Schüller als Kommandeur seines Infanterieregiments durch persönliche Tapferkeit und Mut besonders aus.“

Italienischer Heeresbericht

Rom, 27. (TO) — Der Heeresbericht des italienischen Oberkommandos hat den folgenden Wortlaut:

„Unsere Bombengeschwader griffen neuerdings Malta an und belegten erfolgreich die Marine- und Flugzeugstützpunkte mit ihren vernichtenden Bomben. Sämtliche Flugzeuge sind heimgekehrt. In Nordafrika wurden die Luftangriffe auf feindliche Lager und Lastkraftfahrzeuge wiederholt. Sämtliche Flugzeuge kehrten zurück. Einheiten unserer Flotte beschossen wirksam die englische Basis von Sollum. Feindliche Luftangriffe auf Massaua und Assab blieben erfolglos.“

esses cincoenta mil judeus não aproveitaram os ultimos nove mezes decorridos, afim de se prepararem militarmente, para a defesa da civilização européa, honbro a honbro com os africanos ou asiaticos pertencentes aos imperios coloniaes ingles e francez? Agora podiam ser bem aproveitados, de capacete de aço no cocurito e de metralhadora em punho, postados nas costas gredosas da Inglaterra. Será que os senhores Chamberlain e Daladier e Reynaud — como corre o tempo ... — renunciaram, devido a razões plausiveis de ordem militar, o auxilio armado de todos esses liberaes entusiastas? Talvez assim tenham agido, em face da duvidosa prestabilidade dos judeus no manéjo das armas, enquanto incorporavam todo cidadão polonez e tschecho, que logravam apanhar a bordo de navios neutros, diligente e voluntario-forçadamente, nos respectivos „exercitos“ outrora existentes na França. Póde ser que assim seja. Ha, entretanto, maior probabilidade de se admitir, que tudo isso não passa de um disque-disque com que se pretende despertar a apparencia de que os judeus queriam empenhar tambem sua vida nesta guerra, que renetidas vezes elles denominaram „sua guerra“ de extermínio do nazismo, e não apenas suas habilidades propagandistas e suas balas de ouro.

Der Waffenstillstandsvertrag mit Frankreich

Berlin, 25. (TO) — Am Dienstagmittag wurde in Berlin der offizielle Wortlaut der Waffenstillstandsbedingungen veröffentlicht:

„Zwischen dem Bevollmächtigten des Führers und Obersten Befehlshabers der deutschen Streitkräfte, Chef des Oberkommandos des Heeres, Generaloberst Keitel, einerseits und den mit den hierzu erforderlichen Ermächtigungen ausgestatteten Emissären der französischen Regierung: General Huntzinger als Vorsitzenden der Delegation, Botschafter Noel, Vizeadmiral Lelue, kommandierender General der Luftwaffe Bergeret andererseits, sind die nachstehenden Waffenstillstandsbedingungen vereinbart worden:

1. Die französische Regierung befiehlt die Einstellung der Feindseligkeiten gegen das Deutsche Reich in Frankreich sowie den französischen Kolonialbesitzungen, den Protektorsgebieten und den Mandaten sowie in Uebersee. Sie wird sofort die Niederlegung der Waffen der von den deutschen Truppen eingeschlossenen französischen Einheiten verfügen.

2. Um die Interessen des Reiches zu garantieren, werden die deutschen Truppen das französische Staatsgebiet nördlich und westlich der auf beiliegender Karte eingezeichneten Linie besetzen, soweit sich diese Teile nicht bereits in Händen der deutschen Truppen befinden. Diese Besetzung wird sofort nach Inkrafttreten dieses Abkommens vollzogen werden.

3. In den in Frankreich besetzten Gebieten übt das Deutsche Reich Rechte und Gewalt aus, und die französische Regierung verpflichtet sich, mit allen ihr zur Verfügung stehenden Mitteln die Ausübung dieser Rechte zu unterstützen und mit Hilfe der französischen Verwaltung zu erfüllen. Alle Behörden und französischen Bezirksstellen im besetzten Gebiet werden demzufolge von der französischen Regierung davon unterrichtet, dass sie die Anordnungen der deutschen Militärbehörden befolgen und mit ihnen in korrekter Form zusammenarbeiten. Es ist Absicht der deutschen Regierung, die Besetzung der Westküste auf das unbedingt notwendigste einzuschränken, nachdem die Feindseligkeiten mit England eingestellt sein werden. Es bleibt dem Ermessen der französischen Regierung anheimgestellt, den Sitz der Regierung in dem nichtbesetzten Gebiet zu wählen, oder ihn nach Paris zu verlegen, sofern sie dies wünscht. In diesem Fall sichert die deutsche Regierung der französischen Regierung und ihren Behörden alle notwendigen Erleichterungen zu, damit sie von Paris aus das besetzte sowie das nichtbesetzte Gebiet verwalten kann.

4. Die französischen Streitkräfte zu Wasser, zu Lande und in der Luft werden demobilisiert und entwaffnet werden, und zwar bis zu einer noch festzusetzenden Frist. Ausgenommen hiervon sind einzig diejenigen Einheiten, die zur Aufrechterhaltung der inneren Ordnung erforderlich sind. Die Stärke und Bewaffnung derselben werden Deutschland und Italien bestimmen. Die französischen Truppen auf dem von Deutschland besetzten Gebiet werden unverzüglich nach dem nicht zu besetzenden Gebiet geführt und beurlaubt. Diese Truppen legen an Ort und Stelle, wo sie sich im Augenblick des Inkrafttretens dieses Vertrages befinden, ihre Waffen und Ausrüstung nieder, bevor sie den Abmarsch antreten. Sie sind für eine Uebergabe an die deutschen Truppen in gebührender Weise verantwortlich.

5. Als Garantie für die Einhaltung des Waffenstillstandes kann die unversehrte Ablieferung aller Kanonen, Tanks, Luftabwehrwaffen, Kriegsflugzeuge, Flakgeschütze, Infanteriewaffen, Schiessmaterial und Munition der französischen Truppen gefordert werden, die im Kampf gegen Deutschland standen und sich in dem Augenblick des Inkrafttretens dieses Vertrages auf dem von Deutschland nicht zu besetzenden Gebietes befanden. Das Verhältnis der Auslieferung wird eine deutsche Waffenstillstandskommission bestimmen.

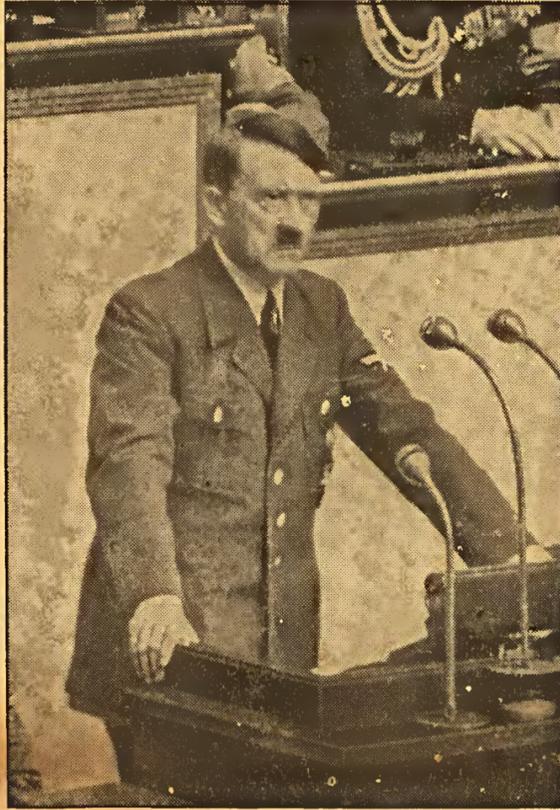
6. Waffen, Munition und Kriegsausrüstungen aller Art, die in dem nicht zu besetzenden Teile Frankreichs verbleiben, werden, sofern es sich nicht um Ausrüstung der zulässigen französischen Truppen handelt, niedergelegt oder unter deutscher oder italienischer Kontrolle sichergestellt. Das deutsche Oberkommando behält sich vor, alle diejenigen Massnahmen anzuordnen, die zur Verhinde-

rung unrechtmässigen Gebrauchs dieser Depots notwendig sind. Auf dem nichtbesetzten Gebiet wird die Herstellung neuen Kriegsmaterials sofort eingestellt.

7. In dem zu besetzenden Gebiet werden alle Land- und Küstenbefestigungen mit Waffen, Munition und Zubehör sowie Depots und alle Art von Anlagen unversehrt übergeben werden. Die Pläne dieser Befestigungen sowie die Pläne der von den deutschen Truppen bereits eroberten Befestigungen werden ausgehändigt. Dem deutschen Oberkommando werden genaue Angaben über vor-

gen das Reich zu kämpfen. Französische Untertanen, die dieser Bestimmung zuwiderhandeln, werden von den deutschen Truppen wie Frantireurs behandelt werden.

11. Allen französischen Handelsschiffen jeder Art, auch Küsten- und Hafenzugmaschinen, die sich in französischen Häfen befinden, ist das Auslaufen bis auf weiteres verboten. Die Wiederaufnahme des Handelsverkehrs wird einer vorherigen Genehmigung der deutschen bzw. der italienischen Regierung unterworfen sein. Französische Handelsschiffe, die sich ausserhalb französischer Häfen befinden, wer-



Adolf Hitler, der Führer und erste Soldat der Nation

bereitete Sprengungen, ausgelegte Minensperren, Zeitwünder, die mit Gas verseuchten Zonen usw. ausgehändigt. Diese Hindernisse werden von den französischen Kräften auf deutsches Ansuchen entfernt. Die französische Kriegsflotte, mit Ausnahme jenes Teiles der Flotte, der zur Wahrung der französischen Interessen in seinem Kolonialreich zugestanden wird, ist unter deutscher oder italienischer Kontrolle zu demobilisieren und zu entwaffnen und wird sich in später festzulegenden Häfen konzentrieren. Das Entscheidende für die Bestimmung des Hafens wird die Friedensbasis der Einheiten sein.

8. Die deutsche Regierung erklärt der französischen Regierung feierlich, dass sie nicht beabsichtigt, die französische Kriegsflotte, die sich in den unter deutscher Kontrolle stehenden Häfen befindet, im Kriege zu verwenden, ausgenommen die notwendigen Einheiten zum Küstenschutz und zur Minensuche. Sie erklärt ferner feierlich und auf das bestimmteste, dass sie die französische Flotte beim Friedensschluss nicht zu beanspruchen beabsichtigt. Alle Einheiten, mit Ausnahme derjenigen, die zur Vertretung der französischen Interessen im Kolonialreich erforderlich sind, kehren, soweit sie sich ausserhalb Frankreichs befinden, dorthin zurück.

9. Das französische Oberkommando wird dem deutschen Oberkommando genauestens alle von Frankreich ausgelegten Minen und alle Sperren in den Häfen, an den Küsten und den Verteidigungsanlagen bekanntgeben. Sofern das deutsche Oberkommando dies verlangt, werden französische Kräfte die Minenzonen säubern.

10. Die französische Regierung verpflichtet sich, keinerlei feindliche Aktionen unter irgendwelcher Form gegen das Deutsche Reich mit irgendeinem der ihr verbleibenden Teilen bewaffneter Streitkräfte zu unternehmen. Ebenso wird die französische Regierung verhindern, dass Angehörige der französischen Streitkräfte das Land verlassen oder nach England oder sonstwie ins Ausland gebracht werden, das gleiche gilt für Waffen und Material, Schiffe, Flugzeuge usw. Die französische Regierung verbietet den französischen Untertanen, im Dienste von Staaten, mit denen Deutschland sich im Kriege befindet, ge-

den von der französischen Regierung zurückgerufen und, falls ihnen dies nicht möglich ist, sind sie angewiesen, neutrale Häfen anzulaufen. Alle deutschen aufgebracht Handelsschiffe, die sich in französischen Häfen befinden, werden ohne Entschädigung zurückgegeben, falls dies angeordnet wird.

12. Es wird sofort ein Verbot für alle Flugzeuge, die sich auf französischem Boden aufhalten, erlassen, den Abflug vorzunehmen. Jedes Flugzeug, das ohne deutsche Genehmigung startet, wird von der deutschen Luftwaffe als Feind betrachtet und als solcher behandelt. Flughäfen und Bodenanlagen der Luftwaffe, die in dem nichtbesetzten Gebiet liegen, werden von einer deutschen oder italienischen Kontrolle überwacht. Es kann ihre Unbrauchbarmachung verlangt werden. Die französische Regierung ist verpflichtet, jedes ausländische Flugzeug, das sich in dem nichtbesetzten Gebiet befindet, zur Verfügung zu stellen oder an der Abreise zu verhindern und der deutschen Wehrmacht abzuliefern.

13. Die französische Regierung verpflichtet sich, dass in dem von den deutschen Truppen zu besetzenden Gebiete alle Einrichtungen, Werke und Heeresdepots diesen unversehrt übergeben werden. Sie wird ferner dafür Sorge tragen, dass Häfen, Fabriken und Werften in dem gegenwärtigen Zustand verbleiben und keineswegs beschädigt oder zerstört werden. Das gleiche gilt für alle Verkehrsmittel und -wege, insbesondere Eisenbahnen, Landstrassen und Flusswege, für das gesamte Telephonnetz und die Telegraphenverbindungen sowie die Flusschiffahrtseinrichtungen und die Marinearsenale. Gleichzeitig verpflichtet sich die französische Regierung, auf Ersuchen des deutschen Oberkommandos, die erforderlichen Ausbesserungsarbeiten durchführen zu lassen. Die französische Regierung wird dafür sorgen, dass in dem besetzten Gebiet Fachpersonal in ausreichender Menge, rollendes Eisenbahnmateriale und die übrigen Verkehrsmittel vorhanden sind, wie sie den normalen Friedensbedingungen entsprechen.

14. Allen, auf französischem Boden befindlichen funkttelegraphischen Stationen wird sofort die Uebermittlung untersagt. Die Wiederaufnahme des funkttelegraphischen Dienstes von

französischem unbesetzten Gebiet aus bleibt einer Sonderregelung vorbehalten.

15. Die französische Regierung verpflichtet sich, über das unbesetzte Gebiet hinweg den Eisenbahn-Güterverkehr zwischen dem Deutschen Reich und Italien in der von der deutschen Regierung gewünschten Ausdehnung durchzuführen.

16. Die französische Regierung wird die Rückkehr der Bevölkerung in die besetzten Gebiete im Einvernehmen mit den zuständigen deutschen Stellen regeln.

17. Die französische Regierung verpflichtet sich, jede Umsiedlung aus den von den deutschen Truppen besetzten Gebieten in die nichtbesetzten Zonen oder ins Ausland zu verhindern, ebenso die Ueberführung von irgendwelchen wirtschaftlichen Werten oder Vorräten. Ueber diese Vorräte sowie über die in den besetzten Gebieten befindlichen Werte kann sie nur im Einverständnis mit der deutschen Regierung verfügen. Die deutsche Regierung wird in diesem Zusammenhang die lebensnotwendigen Anforderungen der Bevölkerung in den unbesetzten Gebieten in Rechnung stellen.

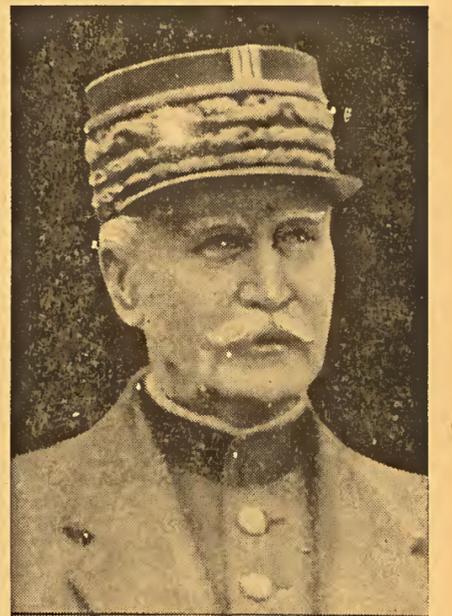
18. Die Kosten für den Unterhalt der deutschen Besatzungstruppen auf französischem Boden laufen zu Lasten der französischen Regierung.

19. Alle deutschen Kriegs- und Zivilgefangenen, die sich in französischer Gewalt befinden, einschliesslich die in Präventivhaft genommenen und die wegen Handlungen zugunsten des Deutschen Reiches gefangengesetzten Verhafteten und Verurteilten, werden unverzüglich an die deutschen Truppen übergeben. Die französische Regierung verpflichtet sich, auf Ersuchen alle Deutschen auszuliefern, die die deutsche Regierung namhaft macht und die sich in Frankreich, in den Kolonialbesitzungen, den Protektoraten und den französischen Mandaten aufhalten. Die französische Regierung sichert zu, zu verhindern, dass Kriegs- und Zivilgefangene von Frankreich nach den französischen Kolonien oder ins Ausland verbracht werden. Sie wird eingehende Listen mit Angaben über deren Aufenthaltsort der bereits nach ausserhalb von Frankreich gebrachten Gefangenen sowie über die deutschen Kriegsgefangenen, Kranken und transportfähigen Verwundeten aushändigen. Das deutsche Oberkommando übernimmt die Kranken und Verwundeten.

20. Die französischen Kriegsgefangenen bleiben bis zum Friedensschluss in Gefangenschaft.

21. Die französische Regierung garantiert die Sicherheit aller Gegenstände und Werte, um die es sich in diesem Vertrag handelt, und wird sie unversehrt an Deutschland ausliefern oder zu seiner Verfügung halten und deren Transport aus dem Lande untersagen. Die französische Regierung verpflichtet sich, alle Zerstörungen, Schäden und Verluste aus dieser Vereinbarung zu entschädigen.

22. Die Durchführung der Waffenstillstandsbedingungen wird von der deutschen Waffenstillstandskommission überwacht, die ihre Tätigkeit in Uebereinstimmung mit den Direktiven des deutschen Oberkommandos ausüben wird. Ferner ist es Aufgabe der Waffenstillstandskommission, die notwendige Rückwirkung dieses Abkommens auf den italienisch-



Frankreichs Regierungschef, der greise Marschall Pétain, erwiderte auf die anmassenden Aeusserungen Churchills über den deutsch-französischen Waffenstillstand, dass der britische Premier absolut kein Recht habe, sich als Richter der Ehre Frankreichs aufzuspielen

französischen Waffenstillstandsvertrag zu sichern. Zur Vertretung der französischen Interessen und zur Entgegennahme der Durchführungsbestimmungen der deutschen Waffenstillstandskommission entsendet die französische Regierung eine Abordnung an den Sitz der deutschen Waffenstillstandskommission.

Dieser Waffenstillstandsvertrag tritt mit dem Augenblick in Kraft, in dem die französische Regierung mit der italienischen Regierung ein Uebereinkommen zwecks Einstellung der Feindseligkeiten getroffen hat. Die Feindseligkeiten werden 6 Stunden nach Benachrichti-

gung der Reichsregierung durch die italienische Regierung von der Unterzeichnung dieses Abkommens eingestellt. Die Reichsregierung wird der französischen Regierung dies auf drahtlichem Wege zur Kenntnis bringen.

24. Das Waffenstillstandsabkommen gilt bis zur Unterzeichnung des Friedensvertrages. Es kann seitens der deutschen Regierung mit sofortiger Wirkung annulliert werden, falls die französische Regierung die Verpflichtungen, die sie durch diesen Vertrag übernommen hat, nicht erfüllt.

Dieses Waffenstillstands-Abkommen wurde

im Walde von Compiègne am 22. Juni 1940 um 18.50 Uhr deutscher Sommerzeit unterzeichnet.

(gez.) Huntzinger. (gez.) Keitel."

Die in Artikel 2 erwähnte Linie beginnt im Osten an der französisch-schweizer Grenze bei Genf und zieht sich etwa über die Orte Dole, Paray-le-Monial und Bourges bis etwa 20 km östlich von Tours hin. Von hier geht sie in einer Entfernung von 20 km westlich der Eisenbahn Tours—Angoulême nach Libourne und über Mont de Marsen und Orthez bis zur spanischen Grenze weiter fort.

reich, Französisch-Nordafrika, Syrien und Französisch-Somali vorgenommen werden kann.

20. Handelt von dem freien Güterverkehr zwischen Deutschland und Italien über das nichtbesetzte französische Gebiet hinweg.

21. Es werden sofort in Freiheit gesetzt und den italienischen Militärbehörden übergeben: alle italienischen Kriegsgefangenen und Zivilpersonen, die aus politischen Gründen oder infolge des Krieges oder wegen irgendeiner Handlung zugunsten der italienischen Regierung interniert, verhaftet oder verurteilt wurden.

22. Die französische Regierung garantiert den guten Zustand all dessen, was auf Grund dieses Abkommens abgeliefert werden muss.

23. Eine italienische Waffenstillstandskommission, die dem italienischen Oberkommando untersteht, wird direkt oder durch Vermittlung ihrer Organe die Durchführung des vorliegenden Waffenstillstandsabkommens regulieren und kontrollieren. Sie ist auch damit beauftragt, dieses Abkommen mit dem inzwischen zwischen Frankreich und Deutschland abgeschlossenen Vertrag in Einklang zu bringen.

24. Am Sitz der in vorstehendem Artikel genannten Kommission wird sich eine französische Delegation mit der Aufgabe niederlassen, die Wünsche ihrer Regierung bezüglich der Durchführung vorliegenden Abkommens zu vertreten und den französischen Behörden die Bestimmungen der italienischen Waffenstillstandskommission zu übermitteln.

25. Das vorstehende Abkommen tritt mit dem Augenblick seiner Unterzeichnung in Kraft. Auf allen Kriegsschauplätzen werden die Feindseligkeiten sechs Stunden nach der Mitteilung an die Reichsregierung eingestellt, dass dieses Abkommen geschlossen wurde. Die italienische Regierung wird diese Stunde der französischen Regierung durch den Rundfunk mitteilen.

26. Vorliegendes Waffenstillstandsabkommen bleibt bis zum Friedensschluss in Kraft. Es kann jeden Augenblick seitens Italiens aufgekündigt werden, falls Frankreich die damit übernommenen Verpflichtungen nicht einhält. Die ordnungsgemäss legitimierten bevollmächtigten Unterzeichner erklären, das oben Ausgeführte zu billigen.

Rom, den 24. Juni 1940. Unterzeichnet um 19.50 Uhr."

Folgen Unterschriften des Marschalls Pietro Badoglio und des Generals Huntzinger.

Das italienisch-französische Waffenstillstandsabkommen

Rom, 25. (TO) — Der Text des italienisch-französischen Waffenstillstandsvertrages lautet:

1. Frankreich stellt die Feindseligkeiten gegen Italien in Frankreich, den französischen Gebieten Nordafrikas, in den Kolonien und Mandaten ein. Frankreich stellt gleicherweise die Feindseligkeiten gegen Italien zur See und in der Luft ein.

2. Bei Inkrafttreten dieses Abkommens und während der ganzen Dauer des Waffenstillstandes werden die italienischen Truppen in den an allen Kampffronten erreichten vordersten Linien verbleiben.

3. In Frankreich wird eine entmilitarisierte Zone zwischen den im Artikel 2 erwähnten Linien und einer Linie, die von diesen 50 Kilometer in Luftlinie entfernt liegt, auf die Dauer des Waffenstillstandes hergestellt. In Tunis wird für die Dauer des Waffenstillstandes eine Zone zwischen der jetzigen Grenze von Libyen und einer auf beigefügtem Plan verzeichneten Linie entmilitarisiert. In Algerien und den französischen Gebieten Südalgiers, die mit der Grenze Libyens zusammenstossen, wird auf die Dauer des Waffenstillstandes eine entmilitarisierte Zone zwischen der Grenze von Libyen und einer in 200 Kilometer entfernt parallel verlaufenden Linie hergestellt. Solange die Feindseligkeiten Italiens gegen das britische Empire andauern und für die Zeit des Waffenstillstandes wird die gesamte Küstenzone von Französisch-Somali entmilitarisiert. Italien hat für die Dauer des Waffenstillstandes das völlige und uneingeschränkte Recht, den Hafen und die Hafenanlagen von Djibouti und die Eisenbahnlinie Djibouti—Addis Abeba zum Transport jeder Art zu benutzen.

4. Die zu entmilitarisierenden Zonen werden von den französischen Truppen binnen zehn Tagen nach Einstellung der Feindseligkeiten geräumt, mit Ausnahme der für die Bewachung der Befestigungen, Kasernen, Feldlager und Gebäude notwendigen Besatzung und der für die Aufrechterhaltung der inneren Ordnung notwendigen Truppen, die im einzelnen noch von der italienischen Waffenstillstandskommission bestimmt werden.

5. Alle Waffen, Einrichtungen und Bestände in der in Frankreich sowie in den französischen kolonialen Besitzungen zu entmilitarisierenden Zone müssen innerhalb einer Frist von 14 Tagen abgeliefert werden. Fest eingebaute Waffen und deren Munitionsvorräte müssen in der gleichen Frist unbrauchbar gemacht werden. Im Gebiet von Französisch-Somali müssen alle beweglichen Waffen und deren Munitionsbestände in der gleichen Frist von 14 Tagen an der noch von der italienischen Waffenstillstandskommission zu bezeichnenden Stelle deponiert werden. Für die feststehenden Waffen und deren Munition sowie die Befestigungen dieser Zone gilt das gleiche wie für Frankreich und das an Libyen angrenzende französische Gebiet.

6. Während die Feindseligkeiten zwischen Italien und dem britischen Empire andauern, werden die Land- und Seebefestigungen und die Flottenstützpunkte Toulon, Biserta, Ajaccio und Oran entmilitarisiert, bis die Feindseligkeiten völlig abgeschlossen sind. Diese Entmilitarisierung muss binnen 14 Tagen vorgenommen sein.

7. In den entmilitarisierten Zonen, den Land- und Küstenbefestigungen und Flottenstützpunkten bleiben selbstverständlich die französischen Zivilbehörden sowie die zur Aufrechterhaltung der öffentlichen Ordnung erforderlichen Streitkräfte in Funktion. Ferner bleiben die Militär- und Flottenbehörden dieser Gebiete, die von der italienischen Waffenstillstandskommission noch bezeichnet werden, auf ihrem Posten.

8. Die italienische Waffenstillstandskommission wird die genauen Grenzen der militärischen und Küstenbefestigungszonen sowie die Flottenstützpunkte kartographisch festlegen, die zu entmilitarisieren sind und die Einzel-

heiten der Durchführung zur Entmilitarisierung anordnen. Die gleiche Kommission hat das uneingeschränkte Recht, die Durchführung der in diesem Artikel für die befestigten Gebiete und Stützpunkte erlassenen Anordnungen sowohl durch Inspektionen und Kontrolle als auch vermittels ständiger Delegationen für diese Angelegenheiten zu kontrollieren.

9. Alle Flotten- und Luftstreitkräfte des französischen Mutterlandes werden binnen einer noch festzusetzenden Frist demobilisiert und entwaffnet, mit Ausnahme der zur Aufrechterhaltung der inneren Ordnung notwendigen Streitkräfte. Stärke und Bewaffnung der zuletzt genannten Formationen werden von Italien und Deutschland festgesetzt.

10. Als Garantie für die völlige Erfüllung der Waffenstillstandsverpflichtungen behält sich Italien das Recht vor, die gesamte oder teilweise Auslieferung der Infanterie- und Artilleriewaffen, Tanks, Kampfwagen, motorisierte Fahrzeuge und Munition der Einheiten zu fordern, die gegen die italienischen Truppen gekämpft haben. Diese Waffen und das Material müssen im gleichen Zustand übergeben werden, in dem sie sich im Augenblick des Abschlusses des Waffenstillstandes befanden.

11. Bezieht sich auf die deutsche oder italienische Kontrolle der Waffen, Munitionsdepots und der Depots an Kriegsmaterial in den nichtbesetzten Gebieten und die sofortige Einstellung der Herstellung von Kriegsmaterial in diesem Gebiet.

12. Es wird festgesetzt, dass die Einheiten der französischen Kriegsmarine unter italienischer oder deutscher Kontrolle in noch namhaft zu machenden Häfen zusammengezogen und demobilisiert werden, ausgenommen jene Einheiten, die die italienische und die deutsche Regierung zur Sicherung der französischen Kolonialinteressen bestimmen. Alle Einheiten der französischen Kriegsmarine, die sich ausserhalb Frankreichs befinden, müssen nach französischen Häfen zurückkehren, ausgenommen die Einheiten, die zur Sicherung der französischen kolonialen Interessen bestimmt werden. Die italienische Regierung erklärt, dass sie nicht die Absicht hat, die unter ihre Kontrolle gestellten Einheiten der französischen Kriegsmarine in dem jetzigen Kriege zu verwenden, und dass sie ebensowenig beabsichtigt, Forderungen auf die französische Flotte zu erheben, wenn der Frieden geschlossen wird.

13. Alle Minenfelder werden dem italienischen Oberkommando bekanntgegeben. Die französischen Behörden sorgen dafür, dass binnen 10 Tagen und durch eigenes Personal alle unterbrochenen Eisenbahnverbindungen und Landstrassen wieder hergestellt und alle Minenfelder sowie im allgemeinen auch alle Anlagen jeglicher Art, die in den zu entmilitarisierenden befestigten Land- und Seezonen und den Flottenbasen ausgelegt wurden, beseitigt werden.

14. Die französische Regierung verpflichtet sich nicht allein, gegen Italien an keinem Ort und in keiner Form Krieg zu führen, sondern sie verpflichtet sich auch, zu verhüten, dass Angehörige ihrer bewaffneten Streitkräfte und französische Bürger im allgemeinen aus dem französischen Territorium kommen, um irgendwo an den Operationen gegen Italien teilzunehmen. Diejenigen, die gegen diese Bestimmung verstossen und die französischen Staatsbürger, die sich bereits im Ausland befinden und in Gruppen oder einzeln Kriegsoperationen gegen Italien unternehmen, werden von den italienischen Truppen genau wie diejenigen behandelt, die ausserhalb des Gesetzes kämpfen.

15. Die französische Regierung verpflichtet sich zu verhindern, dass Kriegsschiffe, Flugzeuge, Waffen, Kriegsmaterial und Munitionsbestände jeglicher Art, die französisches Eigentum sind oder sich auf französischem Boden oder in den irgendwie von Frankreich kontrollierten Gebieten befinden, nach dem Ge-

biet des britischen Empire oder eines anderen ausländischen Staates gebracht werden.

16. Für alle Schiffe der französischen Handelsmarine gilt das Ausreiseverbot solange, bis die deutsche und die italienische Regierung die Wiederaufnahme des gesamten oder teilweisen französischen Seeverkehrs gestatten. Französische Handelsschiffe, die bei Unterzeichnung dieses Waffenstillstandsabkommens sich nicht in französischen Häfen oder solchen, die von Frankreich nicht kontrolliert werden, befinden, erhalten Befehl, zurückzukehren oder neutrale Häfen anzulaufen.

17. Alle italienischen aufgebrachten Handelsschiffe mit Fracht für Italien an Bord müssen unverzüglich mit voller Ladung zurückgegeben werden. Ebenso müssen Güter zurückgegeben werden, die nicht verderblich und italienischer Herkunft sind oder für Italien bestimmt waren und an Bord italienischer Schiffe beschlagnahmt wurden.

18. Es wird umgehend allen auf französischem Boden oder in den von Frankreich kontrollierten Gebieten befindlichen Flugzeugen verboten, zu starten. Alle Flughäfen und sonstigen Einrichtungen in diesen Gebieten werden unter italienische oder deutsche Kontrolle gestellt. Ausländische Flugzeuge, die sich in den obengenannten Gebieten aufhalten, werden den italienischen oder deutschen Behörden übergeben.

19. Solange die italienische und die deutsche Regierung nichts Gegenteiliges verfügen, sind Rundfunkübertragungen in allen französischen nationalen Gebieten untersagt. Die italienische Waffenstillstandskommission wird die Bedingungen festlegen, unter denen die radiotelephonische Verbindung zwischen Frank-

Juden von Sidney bis Kapstadt

Selbst Engländer klagen über die Verjudung des Empire — In wichtige Ämter eingedrungen

England ist als die Hochburg des jüdischen Einflusses in Europa zu bezeichnen. Seit der Volljude Disraeli britischer Premier war (1870—80) sind die Juden in ständig steigendem Umfange in massgebende Stellungen des englischen öffentlichen Lebens aufgerückt und beherrschen heute nicht nur die Finanz-, sondern seit langem auch die allgemeine Politik des Inselreiches, von wo aus sie ihre Polypenarme nach allen Teilen des Weltreiches ausgestreckt haben. Die in Prag erscheinende tschechische Korrespondenz „Centropress“ macht den Versuch, die Juden in den einzelnen Gebieten des Empire zahlenmässig zu erfassen, weist jedoch darauf hin, dass die Art der jüdischen Positionen weit wichtiger sei, als eine blosse Zahlenübersicht, zumal sich diese grösstenteils auf jüdische Statistiken beschränken muss.

Die Perle des Empire ist zweifellos Indien, und man sollte demnach annehmen, dass die Zahl der Juden dort gross sein werde. Das jüdische Jahrbuch „Jewish Year-Book“ für das Jahr 1933 führt jedoch die Zahl der Juden in Indien mit nur 25.000 an. Diese Zahl wird allerdings in den letzten Jahren eine gewaltige Erhöhung erfahren haben, da auch englische Kreise in Indien seit dem Jahre 1933 immer steigende Klagen über die Expansionslust der Juden führen. So wurden zum Beispiel die Juden Sassoon David in Bombay und David Ezer in Kalkutta Bürgermeister, also in den beiden grössten Städten Indiens. In Neuseeland wird die jüdische Kolonie mit 5000 bis 6000 Mitgliedern angegeben. Auch hier haben die Juden es verstanden, sich wichtiger Stellungen zu bemächtigen, wie die Beispiele Sir Julius Vogls, der Ministerpräsident des Landes und Michael Meyers, der Mitglied des Obersten Gerichtshofes wurde, lehren. Nach Australien kamen die ersten Juden im Jahre 1921. Seit dieser Zeit hat sich ihre Zahl auf 23.000 erhöht. Wie erwartet, siedelten sich die Juden auch in diesem Lande in den Handelsnervenzentren an. Sydney besitzt heute über 10.000, Melbourne 9.500, Brisbane ebenfalls 10.000 und Perth 2.000 Juden. Ihr Einfluss ist ungeheuer, da eine grosse Zahl von Juden leitende Posten im Handels- und Finanzleben des Landes besetzt haben. Im öffent-

lichen Leben finden wir Juden wie Sir Julian Salomons, Mitglied des Gerichtshofes von Neu-Südwalles, H. E. Cohens, Sir Isaac Isaacs und den Generalgouverneur des australischen Bundes, Sir John Monash. Von ihrem Einfluss zeugt die Tatsache, dass die australische Bundesregierung im Jahre 1933 ihre Bereitschaft erklärte, noch weitere 14.000 Juden ins Land zu nehmen, was vorher kein anderes britisches Land getan hat. In Kanada werden auf 13.000.000 Einwohner 200.000 Juden gezählt, welche Zahl aber sicher zu niedrig gerechnet ist. Montreal, die Hauptstadt Kanadas, gilt nach London als zweitgrösste Judenstadt des Empire, ihm folgt Toronto auf dem Fusse.

In Südafrika forderten englische Gesetze seit dem Burenkrieg die massenhafte Ansiedlung der Juden. Erst im Jahre 1930 wurde eine bestimmte Jahresquote für die jüdische Zuwanderung festgesetzt, der im Jahre 1937 ein generelles Verbot der jüdischen Einwanderung folgte. Die Durchsetzung des Landes mit jüdischen Elementen hat aber schon so grosse Fortschritte gemacht, dass es zu zahlreichen Protesten und Demonstrationen kam, bei denen auch eine Synagoge in die Luft gesprengt wurde. Der Jude Sir David Harries war Jahre hindurch Präsident der Diamantenindustrie, und zu seinem Nachfolger wurde wieder ein Jude — Sir Ernest Oppenheimer — bestimmt, der auch der führende Faktor in der Goldförderung ist. Im öffentlichen Leben begegnen wir Namen wie Richard Salomon, Gouverneur von Transvaal, William Salomon, Mitglied der Regierung, ferner Parlamentsmitglieder G. Hartig, C. P. Robinson, Morris Alexander usw. Den jüdischen Einfluss charakterisiert ferner der Umstand, dass fast jede grössere Stadt Südafrikas unter ihren leitenden Männern Juden hat.

In anderen Teilen des Empires finden wir Juden überall in den Handelszentren. Viele Juden werden in den jüdischen Statistiken nicht geführt, weil sie ihre Glauben gewechselt haben oder die Statistiken verschweigen die Wahrheit, damit Aufsehen vermieden wird. Tatsächlich ist es heute so, dass die Juden im British Empire eine dominierende Machtstellung inne haben.

Hans Fröhliche

Die Wachsfiguren-Kabinette in London

Aber Duff Cooper meint: Kriegssproblem einfacher, da die Front kürzer

Es gibt eine Reihe von politischen Fehlern, die unentschuldigbar sind, die als Verbrechen gewertet werden müssen und sich selbst zu rächen pflegen. Eine dieser politischen Todsünden, die wir immer und immer wieder bei unseren Gegnern feststellen konnten, ist die Flucht aus der Verantwortung, die man sich selbst aufgeladen hat. Wir haben es erlebt, dass die Leute, die für das Schicksal Polens, für den Kampf in Norwegen, in Holland und Belgien verantwortlich waren, sich in dem Augenblick verdrückten, in dem die bösen Früchte ihrer falschen Politik reiften. Die verächtlichste bei all diesen verächtlichen Erscheinungen aber war die Tatsache, dass diejenigen, die ihr Volk ins Unglück stürzten und es auf dem Schauplatz eines verlorenen Krieges zurückliessen, noch aus der Emigration heftige Aufrufe erliessen, man möchte den Widerstand noch weiter fortsetzen. Alle diese Leute, wie Best, Hambro oder Hamburger und Pierlot, deren militärische Machtmittel vor der Gefahr zerbrachen, die sie heraufbeschworen hatten, wagten es aus ihrem sicheren Zufluchtsort noch die Zivilbevölkerung zu einem Kampf aufzufordern, der von vornherein aussichtslos war und der bei dem deutschen Gegner nicht eine Gegenaktion, sondern eben nur eine legale Bestrafung der kämpfenden Zivilpersonen auslösen konnte.

Diese traurige Gesinnungslumperei von einst in der Welt hochangesehenen Politikern zeigt sich auch hinsichtlich Frankreichs. Die Franzosen in London, die ihr Volk in einer von ihnen verschuldeten Not im Stich gelassen haben, überschlugen sich in Aufrufen, den Kampf um jeden Preis fortzusetzen. Diese Herrschaften fordern von dort aus Gott und die Welt auf, nach dem verlorenen Kampf in Frankreich nun auch nach England zu kommen und von dort weiter zu kämpfen. Das tut zwar nicht Herr Reynaud selbst, der in den Augen des französischen Volkes viel zu kompromittiert ist, als dass er noch ein Wort riskieren könnte und der sich auf dem Wege nach Amerika befindet, wo er rechtzeitig sein Kapital — übrigens in Mexiko — angelegt hat. Aber Reynauds Kabinettschef De Gaulle, der stellt sich vor das englische Mikrophon und gebärdet sich als angeblicher Hüter französischer Interessen, indem er sogar Ingenieure auffordert, zu ihm, d. h. zu den Engländern zu stossen. Er beschönigt dabei die grösste der militärischen Niederlagen in Frankreich und gibt tausend Gründe für dieses Debacle an, die tausend Entschuldigungen sind. Nur den einen Grund, den wirklichen, den gibt er nicht an, nämlich sein eigenes Versagen und das seiner Vorgänger im Amt. General De Gaulle ist nicht der einzige, der von London aus weiterherrscht. Wir alle setzen uns über die Tatsache hinweg, dass ja ein Volk von 40 Millionen nicht auch plötzlich in die Emigration gehen kann, wie ein General De Gaulle, sondern dass die Masse des französischen Volkes mit dem Boden verwachsen ist, auf dem es seit Generationen lebt. Sie machen sich nicht klar, dass ihre Hetze das Leben ihres Volkes nicht erleichtert und seine Zukunft noch weiter gefährdet. Hier zeigt sich das unbarmherzige Gesetz, dessen Wahrheit wir sofort erleben: Jener Emigrant hat unrecht.

Wer sein Volk und sein Land in der Stunde der Not verlässt, noch dazu in der Not, die er selbst verschuldet hat, der hat in diesem Augenblick das Recht verwirkt, noch im Namen seines Volkes zu sprechen und wer von den Franzosen nach London geht und sich den Engländern zur Verfügung stellt, die das französische Volk bereits dem Gotte ihres Mammons geopfert haben, der ist, ganz gleich, was er vorher war, nichts anderes, als eine der langsam verstaubenden Wachsfiguren in dem Panoptikum, in dem ein Negus und ein Exkönig Zogu, ein Benesch, ein Beck, ein Ridz-Szmigly, ein Hamburger und ähnliche andere leicht lädierte Schaustücke, wie z. B. Otto von Habsburg, stehen. Die Tatsache, dass die englischen Besitzer dieses Wachsfiguren-Kabinetts ihre Schaustücke aller Welt als kostbaren Besitz anpreisen, ändern an ihrer wärschernen Schenswürdigkeit nichts. Das alles sind keine politischen Realitäten mehr. Eine Realität ist das grauenhafte Elend der Hunderttausende, wenn nicht Millionen von Flüchtlingen, die als Opfer der Fehler geflüchteter Politiker jetzt auf den Strassen Westeuropas herumirren und deren

einzigste Hoffnung Deutschland ist, das sich schon jetzt durch den Einsatz einer grossen Hilfsorganisation wohlthätiger erweist, als die Leute, die dieses Elend verschuldeten. Aber wir Deutschen reden nicht einmal viel davon, dass wir uns dieser Opfer des Krieges, den andere erklärten, so annehmen, sondern wir handeln nur. Und nicht wir erzählen von diesem Hilfswerk, sondern die zufällig anwesenden neutralen Beobachter, wie auch nicht wir, sondern sie in diesem Falle davon berichten, dass deutsche Flieger z. B. vor einem Bombenabwurf auf eine Brücke im Rücken des Feindes, die zerstört werden musste, warteten, bis die flüchtenden Kolonnen das offensichtlich bedrohte Ziel des geplanten deutschen Bombenabwurfes verlassen hatten. Die sogenannten hohen Priester der Zivilisation aber, die erklären, wie z. B. der Londoner „Evening Standard“, jeder Aufruf und jede Unruhe sowie jede Verwirrung im deutschen Machtbereich seien Verbündete für England. Wir brauchen diese Tatsachen nur nebeneinander zu stellen und sie für sich reden zu lassen. Wir werden solche Aussprüche, die tiefen Einblick in das englische Gemütsleben gestatten, nur verzeichnen. Deshalb wollen wir auch nicht an der abschliessenden französischen Tragödie so vorübergehen wie die Londoner Zeitung „Daily Herald“. Dieses Blatt meint nach einigen bedauernden Worten, die Katastrophe in Frankreich habe doch etwas Gutes gehabt, denn Frankreich habe dadurch die erste Wucht des Nazi-Angriffes aufgesaugt und damit eine wertvolle Atempause gewonnen.

Wir dürfen ruhig ergänzen, nicht Frankreich hat diese Atempause gewonnen, denn ihm geht der Atem zurzeit aus, sondern England glaubt, diese Sicherheit zu haben. Damit bieten sie den Franzosen das Bild der englischen Dankbarkeit, das schon die Polen genossen, die hohe Bestätigung, jede Kugel, die euch traf, jede Bombe, die auf euch niederfiel, habt ihr auf euch gezogen und damit England erspart. Nur haben wir Deutsche, Mann für Mann und Frau für Frau, das Gefühl, dass für England immer noch genug übrig geblieben ist, und mit einer ganz besonderen Genugtuung hörten wir heute aus dem Heeresbericht des Oberkommandos der Wehrmacht, dass die deutsche Luftwaffe nunmehr mit der Vergeltung gegen England begonnen hat. In England selbst hat dieses Bewusstsein eine gewisse Verwirrung hervorgerufen. Es sind auf der einen Seite die Stimmen der alten Ueberheblichkeit, denen auf der anderen Seite die Stimmen der tiefen Mutlosigkeit oder solche grenzenloser Verwirrung gegenüberstehen. Da meint die Zeitung „Times“, dass England noch ungeheuer leistungsfähig sei. Die englischen Waffen und die englischen Soldaten hätten sich immer überlegen gezeigt. Die „Times“ empfehlen übrigens trotzdem die englische Taktik, in Zukunft sich rein defensiv zu halten. Der „Daily Telegraph“ spricht davon, dass die nächste Schlacht keine Schlacht der

Soldaten, sondern eine Schlacht des englischen Volkes sein werde. Alle englischen Zeitungen rufen zu äusserster Kraftanstrengung und rückhaltloser Entschlossenheit auf. Wie Kinder, die aus lauter Angst im dunklen Walde recht laut singen, reden englische Journalisten und Rundfunkprediger mit dem falschen Brustton einer geheuchelten Ueberzeugung von dem, was man dem deutschen Volke alles antun wolle, wenn es erst am Boden liege. Man prophezeit den Deutschen Hungersnot und Seuchen und alles mögliche andere Unheil, weil man mit den Armeen fremder Hilfsvölker, die sonst ein beliebiger Gegenstand englischer Drohungen waren, ja nunmehr nur noch schlecht arbeiten kann. Eine ganz besondere Note klingt in diesem Konzert der beginnenden ängstigenden Erkenntnis, dass der britische Propagandaminister Duff Cooper schon nach einigen Tagen des verlogenen Schweigens doch die Verpflichtung fühlt, wieder ein Lebenszeichen von sich zu geben. Denn Herr Duff Cooper sagt, dass der Verlust der französischen Armee gewiss ein schwerer Schlag sei, doch er werde ausgeglichen durch die Zuwanderung und die gute Hilfe der Franzosen, der Belgier, der Holländer, der Polen, Tschechen und Oesterreicher.

Meine lieben Leser in der Welt, wer wie ich alle diese Völker besucht hat, die Herr Duff Cooper hier aufzählt, der hat den Eindruck, dass sie alles andere haben, nur keine Segenswünsche für England. Im Gegenteil, wenn Flüche und Verwünschungen töten könnten, dann würde die Unsumme von Flüchen, die heute noch aus Polen, Norwegen, Holland, Belgien und Frankreich gegen England geschleudert werden, dieses Land in Grund und Boden vernichten. Denn alle diese Völker wissen, dass die Quelle des Leidens, das sie erdulden mussten, England ist. Aber hören Sie Herrn Duff Cooper weiter: Er tröstet sich über die augenblickliche militärische Lage Englands mit folgender Feststellung hinweg: Das Kriegssproblem Englands ist ernst, aber, so sagt er, es ist auch einfacher geworden, denn Englands Front hat sich bedeutend verkürzt. Sie besteht nur noch aus den Küsten Englands. Da Herr Duff Cooper das für einen Vorteil ansieht, dann können wir nur fragen, warum er denn eigentlich alle seine Mühe und keine Kosten scheute, diese Front Englands auszuweiten: nach Skandinavien, nach Südosteuropa, nach dem Balkan, ins Mittelmeer und nach Westeuropa. Wenn er die Kürze der englischen Front als eine Stärke ansieht, dann kann man nur sagen, diese Stärkung hätte er auch billiger haben können. Zum Schluss: Duff Cooper sagt, wir werden kämpfen mit unserem Rücken gegen die Wand; aber diese Wand ist eine sehr starke Wand, denn sie heisst Atlantischer Ozean. Nun, wir sind der Ueberzeugung, dass nicht die Stärke der Wand entscheidet, vor der jemand steht, sondern die Stärke dessen, der mit dem Rücken gegen diese Wand gedrängt ist.

Fassen wir einmal alle vorliegenden englischen Pressestimmen zusammen, dann scheinen sie zu bedeuten, dass England diesen Kampf eins zu eins als völlig unfair empfindet und wenn es das schon tut, dann kann es nicht mehr weit her sein mit dem englischen Siegesbewusstsein.

Hans Fröhliche

Frankreich wird England verfluchen

Als wir erfuhren, dass der neue französische Ministerpräsident, Marschall Pétain, seinem Volk erklärte, Frankreich müsse nunmehr die Waffen niederklegen, und als wir hörten, dass man sich an die Reichsregierung gewandt habe mit der Bitte um Bekanntgabe ihrer Bedingungen, da war unsere erste Empfindung der Dank an den Führer und der Dank an unsere Soldaten, die diese vor einigen Jahren noch grösste Militärmacht der Welt in so unvorstellbar kurzer Zeit verschwinden liessen. Der Feind, der uns mit wilden Schmähungen und überheblichen Drohungen eine baldige restlose Vernichtung versprach, der Feind, der dann selber Niederlage nach Niederlage einstecken musste, der diese Katastrophen noch in Siege umzufalschen versuchte und der kein Argument der Gerechtigkeit oder des gesunden Menschenverstandes gelten liess, begann sich endlich vor den Argumenten und der Ueberzeugungskraft der deutschen Waffen und des deutschen Soldaten zu beugen.

Vor unserem Geist tauchte jene Zeit des Wiederaufbaus auf, in der wir mit Anstrengung aller unserer Arbeitskraft das wiederherzustellen versuchten, was von England und Frankreich verschuldete Friedensvertrag von Versailles uns an Leben und an Lebensmöglichkeiten zerstört hatte. Es tauchten wieder vor unserem Auge jene Tage des Spätsommers des vorigen Jahres auf, in denen

gen endgültig geschlossen. Der Stuhl Deutschlands am Verhandlungstisch ist für alle Zeiten weggenommen. Jetzt wird nie wieder mit Deutschland geredet, jetzt wird es nur noch vernichtet, vernichtet, vernichtet!

Noch vor wenigen Tagen stellte sich Herr Reynaud, der letzte Statthalter Englands in Frankreich hin und erklärte, Frankreich würde sich vor Paris, in Paris und hinter Paris schlagen und werde dann siegen, weil es sich der Aufgabe bewusst sei, im Namen der sogenannten gesitteten Welt Deutschland zu vernichten. Als die deutschen Waffen die entscheidenden Worte in Frankreich gesprochen hatten, als jene Karte von der Aufteilung Deutschlands wegwischten, die vor drei Monaten aus dem Arbeitszimmer Reynauds an das Licht des Tages gezogen wurde, da verschwand dieser merkwürdige französische Regierungschef Reynaud bei Nacht und Nebel, liess sein Volk in dem Unglück, in das er es geführt hatte und haute ab. Jetzt sind plötzlich alle die plutokratischen Kriegshetzer in Frankreich still, die seit Monaten, ja seit Jahren, im Namen des französischen Volkes gesprochen und gehandelt haben, und überliessen ihren Platz einem alten Soldaten, dem Marschall Pétain, der von der Stelle ritterliche Waffenstillstandsbedingungen erbat, von der aus vorher die unritterlichen Pläne ihren Ausgang genommen hatten. Von Kapitulation war bei dieser Bitte um die Uebermittlung der deutschen Waffenstillstandsbedingungen überhaupt noch nicht die Rede. Im Gegenteil, der Aussenminister der neuen französischen Regierung, Baudoin, erklärte, Frankreichs Moral sei noch nicht gebrochen. Frankreich habe die Waffen noch nicht niedergelegt. Es besitze noch eine Flotte, eine starke Luftmacht und einen mächtigen Verbündeten. Wenn also die Bedingungen nicht ehrenhaft wären, die die Deutschen zu stellen hätten, dann würde man sie nicht annehmen, ja, wenn man sich überhaupt nach Bedingungen erkundigte, dann geschähe das nur deshalb, weil man wünsche, das Blutvergiessen zu beenden.

Diese Erkenntnis und dieser Wunsch kommen reichlich spät. Warum hat Frankreich denn das Blutvergiessen, das man jetzt zu vermeiden wünscht, überhaupt erst begonnen? Warum fiel Herr Baudoin seinem Vorgänger nicht am 3. September 1939 in den Arm? Jetzt hat die Geschichte und die Kraft der einzigen Waffen Deutschland die Pflicht auferlegt, nicht nur dieses Blutvergiessen zu beenden, sondern auch seine Wiederholung unmöglich zu machen. Schon melden sich in Frankreich und England und sonstwo die Stimmen derjenigen, die erstannt fragen: „Was, Frankreich hat seinen Willen geäussert, die die Waffen niederzulegen, und warum ist immer noch keine Waffenruhe eingetreten? Als Deutschland am 4. Oktober 1918 dem damaligen Präsidenten der Vereinigten Staaten, Wilson, die Bitte um Waffenstillstand zuleitete, dauerte es fünf Tage, nämlich bis zum 9. Oktober, bis Deutschland überhaupt eine Antwort von Wilson erhielt, und es dauerte länger als fünf Wochen, bis zum 11. November — fünf Wochen eines harten und sehr verlustreichen Kampfes — bis der Waffenstillstand abgeschlossen wurde, und zwar unter Formen, die wir Deutschen nicht vergessen haben!

Wir wollen die Dinge doch nicht verschieben lassen. Es geht nicht an, dass ein Volk im Dienste einiger hetzender Plutokraten den alten Erdteil in Brand setzt und dann, wenn ihnen die Flammen zum Fenster hineinschlagen, erklärt: „Kommt, lasst uns doch alle löschen!“ Frankreich hat in den letzten zwanzig Jahren zwei entscheidende Fehler von gewichtigstem Ausmass begangen: Es hat im Besitz aller Macht nach dem Ende des Weltkrieges nicht verstanden, Europa so zu ordnen, dass die Völker dieses Erdteils entsprechend ihrer Grösse, ihrer Leistungsfähigkeit und inneren Bedürfnisse existieren können. Im Gegenteil, Frankreich hat aus Europa ein Feld von Minen gemacht, deren Zündschnüre es in der Hand hielt, um je nach Bedarf und da und dort das Pulver hochgehen lassen. Auf solch einem unterminierten Boden aber können die Völker nicht leben, und es lässt sich auch kein Frieden aufbauen. Der zweite entscheidende Fehler, den Frankreich hegt, war die Unfähigkeit, die Tatsache zu begreifen, dass sich Adolf Hitler zum ersten Male als deutscher Staatsmann imstande sah und die Kraft und den Willen besass, trotz allem Vorangegangenen Verhandlungen für die deutsch-französische Verständigung auf der Basis der Gleichberechtigung anzubieten. Der Führer wäre in der Lage gewesen, in friedlicher Ueberkunft alles wegzuräumen, was Europa bedrohte. Es ist wie eine Ironie, dass unverantwortliche französische Staatsmänner gerade diese Arbeit für die Sicherheit Europas unter dem Motto „Mehr Sicherheit für Frankreich“ forderten.

Das ist das grosse Erbe, dass ein Soldat, wie der Marschall Pétain, jetzt als französischer Ministerpräsident, und ein Aussenminister wie Herr Baudoin, heute zu verwalten haben. Sie haben sich für dieses Erbe bei ihren Vorgängern zu bedanken und bei England, das in Frankreich nur das Hilfsvolk sah, das die Aufgabe hatte, die Unruhe auf dem Kontinent aufrecht zu erhalten, damit England freies Spiel habe. Kaltschnäuzig meinte der Londoner Rundfunk, es sei ja zu erwarten gewesen, dass Frankreich von Deutschland überrannt werden würde. Wir kennen diese englische Auffassung. Wir haben sie gehört bei Abyssinien, bei der Tschechoslowakei, bei Polen, bei Norwegen. Wir hörten sie über Holland und Belgien. Man hat Frankreich das Gleiche prophezeit — und die Sprecher Frankreichs haben uns damals ausgelacht. Jetzt ist es Tatsache!

Am Abend des 17. Juni gab die britische Regierung bekannt, dass sie der französischen Regierung den Abschluss eines Unionsvertra-

ges zwischen England und Frankreich vorge schlagen hätte. Der Vertrag sieht die gemeinsame Verwaltung beider Länder vor. Er bedeutet freilich genau betrachtet nichts anderes als die Auslieferung der französischen Flotte und des französischen Kolonialreiches an England, wobei die Transaktion eben über eine etwas brüchige legale Hintertreppe geleitet werden sollte. All die Länder, die England auf dem Altar der Kriege seiner Plutokratie verbluten liess, hatten wenigstens den Trost für ihre unnützen Blutopfer, nämlich, dass ihr Geld nach London kam. Der Negus kam schliesslich nicht als armer Mann nach London. Herr Benesch hatte sein Gold auch rechtzeitig verfrachtet. Die polnische Regierung von einst hatte ihr Depositem in London. Herr Hambro, alias Hamburger, aus Norwegen rettete wenigstens das norwegische Gold nach England. Die letzten Schiffe, die aus Holland abfuhren, nahmen holländische Wertstücke und Diamanten mit nach England und der Thronschatz des belgischen Königshauses wurde zum Teil entführt. Und nun sollte Frankreich das letzte Hemd für England ausziehen, um unfer dem erneuerten Schwur ewiger und unverbrüchlicher Freundschaft auch dies noch England anzuvertrauen!

Aus London kommt die Kunde, dass England entschlossen sei, den Kampf fortzusetzen. Herr Churchill ist noch nicht so weit wie sein französischer Kollege von gestern, Herr Reynaud. Er meinte in düsterer Entschlossenheit, England wolle seine Inselheimat verteidigen und wolle weiterkämpfen bis der Hitler-Fluch vom Antlitz der Menschheit genommen sei. Der alte Heuchler, der mit der Lüge über Deutschland den Fluch über Polen, Norwegen, Holland, Belgien und nun auch Frankreich heraufbeschwor, steht jetzt im Be-

griffe, den Fluch über England heraufzubeschwören. Er wird auch vom englischen Volk selbst verflucht werden, wenn auch dort die Erkenntnis reift, die Frankreich schon aufgegangen ist. Herr Churchill hat den französischen Verbündeten in einer Rede im Unterhaus den Eselsstritt versetzt, indem er erklärte, an dem ganzen Debakel in Frankreich sei das französische Oberkommando schuld, das beim ersten Durchbruch der deutschen Truppen sich falsch verhalten hätte.

Nachdem also französische Soldaten gegenüber der überwältigenden Ueberlegenheit des deutschen Kriegsmaterials, wenn auch vergeblich, so doch heldenmütig, Widerstand geleistet haben, begehrt jetzt Herr Churchill die Infamie und erlaubt sich festzustellen: „Ihr habt Eure Pflicht gegen England nicht erfüllt!“ Und von diesem England sagt heute irgendein Journalist: „Eines könne man England ja nicht vorwerfen, nämlich, dass es nicht treu geblieben sei.“ Na, die Madrider Zeitung „Informaciones“ sieht klar, wenn sie heransstellt mit welcher Ueberheblichkeit England und Frankreich am 3. September des vorigen Jahres Deutschland den Krieg erklärten. Das Blatt schreibt: „Ursache allen Übels war London, das Frankreich in den Abgrund riss, aber selbst nicht in der Lage war, seine wehrfähigen Männer zu Kriegsdiensten zu verpflichten und seine Rüstungsarbeiter vom Streik abzuhalten.“ England konnte ruhig leben, solange auf Frankreichs Schultern die Last der grossen Schlachten ruhte, und Frankreich dann im Auftrage Englands in Flandern verblutete. Jetzt aber habe England zum letzten Male die Register seiner schändlichen Politik gezogen. Die Geschichte werde dies nicht nur verurteilen, sondern sie werde es auch rächen.

tra a laia dos dominadores ingleses de ter de lançar mão de recursos dessa natureza, afim de gerar u'a moral de guerra adequada. No mesmíssimo instante em que a mulher e a filha do operario inglez se encontram junto aos tornos das fabricas de munições, fazendo serão, os selectos e nababescos representantes do Empire se entregam ao divertimento barato de fazer arrastar na lama, por uma „girl“ de revista qualquer, os symbolos sagrados da nação allemã de 80 milhões de almas. Mas vemos que se trata da Inglaterra, cuja derradeira hora já soou. Eis a Inglaterra que por muita gente bisonha é considerada o „baluarte da civilização“, a „sé da cultura“ e o „symbolo da liberdade“. Entretanto, é necessario que desapareçam taes concertos da liberdade, para que os povos da Europa possam fruir, finalmente, em paz, uma vida em commum. Essa imensuravel cegueira não merece nenhuma contemplação e nenhuma consideração, mas deve ser collocada no pelourinho, como um mal internacional e, ao mesmo tempo, exterminada. Respondam: Onde e quando a Alemanha atacou, nesta guerra que lhe foi imposta pela Britannia, por mais leve que fosse, o pavilhão do Empire? Muito menos então ella enxovalhou e enlaivou a bandeira do seu adversario. Quanta ausencia de character nessa attitude ingleza! Muito seria de desejar, que essa série de photographias reveladoras da moral de guerra e da propaganda britannica se tornasse conhecida em todo o mundo. Estamos convencidos de que em toda a parte onde a influencia judaica não determina, de igual maneira abjecta, os scenarios de palco, os povos hão de rejeitar, tomados de engulho e de revolta, machinações desse jaez. Dahi além, esses povos comprehenderão, que o actual ajuste de contas com a Inglaterra não representa apenas uma expiação da provocação insolente, da presumpção, da oppressão de longos annos, da injustiça feita a todos os povos do mundo, das injurias e da escravização pelo ouro e mediante canhões, mas sim, e sobretudo, uma necessidade de ordem historico-politica. A luta da Alemanha contra a Inglaterra se fere em pról de u'a moral mais pura nas relações de nação para nação, em pról de um entendimento honesto, em pról do direito e, consequentemente, em pról de uma nova Europa que trabalhe em paz e que, mercê de sua laboriosidade e de sua pujança, seja o vigia da ordem, da verdadeira civilização e cultura.

in ähnlicher widriger Art bestimmt, die Völker von Abscheu und Empörung ergriffen, diese Machenschaften ablehnen werden. Darüber hinaus werden sie begreifen, dass die gegenwärtige Abrechnung mit England nicht



allein ein Strafgericht für die freche Herausforderung, für die Anmassungen, die jahrelangen Bedrückungen, für das allen Völkern der Erde zugefügte Unrecht, die Beleidigungen und für die Unterjochung durch Gold und Kanonen ist, sondern eine geschichtspolitische Notwendigkeit. Deutschlands Kampf gegen England geht um eine saubere Moral in den Beziehungen zwischen den Nationen, um eine ehrliche Verständigung, um das Recht und damit um ein neues im Frieden arbeitendes Europa, das dank seines Fleisses und seiner Kraft Hüter der Ordnung, der wirklichen Zivilisation und Kultur sein wird.

A "Moral" Britannica na Guerra

Um subsidio sui-generis para a salvação da civilização

Alguns mezes antes da batalha da Flandres, quando o corpo expedicionario britânico na França ainda julgava poder ganhar a guerra do sitio commodo em que se achava na retaguarda, á respeitavel distancia da linha Maginot, como si se tratasse, nada mais nada menos, de um simples encontro futebolístico em fim de semana, e quando Paris reboava das bambochatas dos tommies endinheirados, a propria alta sociedade da metropole insular se sentiu obrigada a fazer um sacrificio em prol da guerra. Lia-se então nos jornaes, que conhecidas actrizes, estrellas de cinema e outras artistas, mas sobretudo „damas“ da assim chamada „society“ se postavam no palco de um clube nocturno qualquer, cercadas de chusmas de admiradores encasacados de olhares lubricos, e alli se dispiam, tirando, uma após uma, as peças de sua indumentaria intima, pondo-as em leilão e passando-as a quem maior laço offercesse, afim de que o respectivo producto constituísse um fundo destinado a socorros de guerra. Muitos coevos qualificaram, naquella occasião, de odiosa invencione da propaganda allemã, as descrições de taes hastas publicas de roupas de baixo e de carne, pois uma tal depravação moral parecia inacreditavel em face do espectáculo grave que offerece esta guerra em que os maiores povos da Europa se enfrentam numa luta de vida e de morte.

Eis que chega ás nossas mãos, em tempo opportuno, o exemplar N.º 18 da revista illustrada norte-americana „Life“, datado de 29 de abril do corrente anno. Encontramos ahi uma pagina inteira repleta de photographias bem chocantes de antros nocturnos londrinos em cujos palcos se desenrolam scenas que não são, de forma alguma, ambiguas, mas sim bem inequivocas e lieenciosas. Vêem-se, em ponto grande, mulheres como dan-sarinas ou acrobatas, em trajés diaphanos e adornadas de pennas de avestruz ou envoltas em pelles de macaco. Reproduzem-se ahi scenas de palco completas em que os „artistas“ envergam casacas, mas deixaram de vestir as calças, e em que as „artistas“ ostentam corpetes, mas não usam saias. As photographias reproduzem „showgirls“ no circulo de soldados em goso de licença; e logo se percebe a transição para o mais ordinario espectáculo tendencioso, de colorido politico. Somos de parecer, que o quadro reproduzido no „Life“ está longe de representar o extremo dessa „vida nocturna em beneficio dos auxilios de guerra“, visto que mesmo a citada revista norte-americana, que por signal não é nada sympathica ao que seja allemão

e que não possui o minimo vestigio de tacto, faz algumas reservas, em seus commentarios em torno dessas photographias originaes procedentes de Londres.

Em todo caso, a reproducção dessa scena, que palpita de um odio verdadeiramente sadico contra o Reich, seu Führer e sua politica, prova a necessidade em que se encon-

Era uma vez ...



Es war einmal ...

Paris nocturno ...

Im nächtlichen Paris ...

Britische „Moral“ im Krieg

Auch ein Beitrag zur Rettung der Zivilisation

Einige Monate vor der Flandernschlacht, als das britische Expeditionskorps in Frankreich den Krieg noch aus der warmen Etappe hinter der Maginotlinie so etwa wie ein leichtes Fussballspiel zum Wochenende zu gewinnen hoffte, als Paris wiederholte vom ausgelassenen Treiben geldstarker Tommies, da fühlte sich auch die höhere Gesellschaft der Inselheimat selbst zu einem Kriegssopfer verpflichtet. Damals lasen wir in den Zeitungen, wie bekannte Schauspielerinnen, Filmsterne, sonstige Künstlerinnen, vor allem aber „Damen“ der sogenannten Society auf der Bühne irgendeines Nachlokals, umgeben von Schwärmen befrachter, lüsterner Bewunderer ihre intimsten Bekleidungsstückchen, nacheinander ablegend, meistbietend versteigerten, um die so erzielten Beträge einem Kriegssopferfond zuzuführen. Viele Zeitgenossen haben damals die Beschreibungen derartiger gemischter Kleidungs- und Fleischauktionen für eine gehässige Erfindung der deutschen Propaganda gehalten, denn so ungläublich schien eine derartige moralische Verkommenheit angesichts der ersten Schicksalhaftigkeit des Krieges, in dem sich die grössten Völker Europas im Kampf auf Leben und Tod gegenüberstanden.

Da fällt uns zur rechten Zeit Heft 18 der amerikanischen illustrierten Zeitschrift „Life“ vom 29. April d. J. unter die Finger. Eine ganze Seite darin ist nämlich mit recht auffallenden Photos aus Londoner Nachtlökalen gefüllt, auf deren Bühne sich keineswegs ein zweideutiges, sondern ein recht eindeutiges Geschehen abwickelt. Hauchdünn gewandete Frauen erscheinen da in Grossformat als Tänzerinnen, als Akrobatinnen, von Strausenfedern umfächelt oder in Affenfelle gehüllt; ganze Bühnenszenen werden veranschaulicht, wo die auftretenden Personen wohl einen Frack, aber keine Beinkleider, wohl ein Mieder aber keinen Rock tragen; man sieht Showgirls im Kreise von Soldatenurlaubern, und man merkt bald den Uebergang zur gemeinsten, politisch abgestimmten

Tendenzschau. Wir nehmen an, dass das hier wiedergegebene Bild noch längst nicht das Extrem dieses „Nachtlebens im Dienste der Kriegssopfer“ darstellt, da sogar die amerikanische, durchaus nicht deutschfreundliche und keineswegs taktvolle Zeitschrift in einem kurzen Kommentar zu diesen Originalphotos aus London einige Vorbehalte macht.

Immerhin beweist die Wiedergabe dieser geradezu von einem sadistischen Hass gegen das Reich, seinen Führer und seine Politik erfüllten Szene, zu welchen Mitteln die englische Herrscherclique greifen musste, um eine entsprechende Kriegsmoral zu züchten. Zur selben Stunde, da die Frau und Tochter des englischen Arbeiters während ihrer Nachtschicht an den Drehbänken der Munitionsfabriken stehen, machen sich die ausgewählten, reichen Vertreter des Empires ein billiges Vergnügen, die heiligen Symbole der deutschen 80 Millionen-Nation von einem Revue-girl durch den Kot ziehen zu lassen. Aber das ist das England, dessen Sterbestunde bereits geschlagen hat. Das ist das England, das von vielen unaufgeklärten Menschen als „Bollwerk der Zivilisation“, als „Hort der Kultur“ und als „Sinnbild der Freiheit“ gewertet wird. Es ist indessen notwendig, dass derartige Freiheitsbegriffe verschwinden, damit die Völker Europas endlich zu einem friedlichen Zusammenleben kommen. Diese masslose Verblendung darf keine Nachsicht und keine Rücksicht kennen, sondern muss als internationales Uebel angeprangert und ausgeremert werden. Wann und wo hat Deutschland in diesem, ihm von Britannien aufgezwungenen Krieg auch nur einmal an-nähernd die Flagge des Empires derart angegriffen, geschweige denn besudelt und beschmutzt? Welchen Charaktermangel beweist hier die englische Haltung!

Es ist nur zu wünschen, dass dieser Bild-ausschnitt britischer Kriegsmoral und Propaganda in aller Welt bekannt wird. Wir sind überzeugt, dass dann überall dort, wo nicht gerade jüdischer Einfluss die Bühnenschaun

Irrradiações em lingua portugueza

As irradiações das Emissoras Allemãs de Ondas Curtas, Berlim, com antenas dirigidas para o Brasil, serão transmitidas diariamente pelas estações DJP (11855 kiclos — 25,31 m) e DJQ (15280 kiclos — 19,63 m). Estas irradiações realizadas todos os dias das 18,50 às 23 horas (hora local), em lingua portugueza, apresentarão como de costume dois serviços noticiosos de ultima hora, o primeiro ás 20 e o segundo ás 22 horas.

Além das transmissoras acima mencionadas, irradiam mais outras tres emissoras allemãs com antenas dirigidas para a America do Sul. Estas irradiações sao feitas em lingua hespanhola. A seguir os prefixos, ondas e horarios das referidas emissoras: (hora local)

DJE — 17760 kiclos — 16,89 metros — das 8,00 ás 10,15 horas
DJW — 9650 kiclos — 31,09 metros — das 18,50 ás 1,00 hora
DZC — 10290 kiclos — 29,15 metros — das 18,50 ás 1,00 hora

Am 1. Juli
beginnt unser diesjähriger
Jahres-Ausverkauf

Wir bieten an:
Komplette Brautausstattungen /
Hauswaesche / Weisswaesche
zu erwerben

Ausserdem Badeartikel,
Vorhaenge, Teppiche usw.

Bei einem Besuch unseres Hauses werden Sie die Feststellung machen, dass in diesem Jahre unsere Angebote bedeutend vorteilhafter sind, als sonst

Auf alle nicht ermässigten Preise wird ein Rabatt von 10 Prozent gewährt

CASA LEMCKE
SAO PAULO — Rua Libero Badaró 303



Franszösische Dum-Dum-Geschosse — Ein neues Völkerrechtsverbrechen der Westmächte: In der Zitadelle von Sedan wurde kistenweise Dum-Dum-Munition mit abgeplatteten Spitzen gefunden.

Der 21. Juni im Wald von Compiègne

Waffenstillstand im Westen

Compiègne, 21. (T.-O.) — Der Wald von Compiègne, der Ort tiefster militärischer und politischer Erniedrigung Deutschlands, schreibt an diesem 21. Juni 1940 wiederum Geschichte, die Geschichte des siegreichen Schwertes des nationalsozialistischen Grossdeutschlands Adolf Hitlers. Genau an derselben Stelle und in dem gleichen Waggon, unter erheblich würdigeren Bedingungen als jemals ein Gegner den Besiegten empfangen hat, wurden die französischen Delegierten von dem Bevollmächtigten des Führers, dem Chef des Oberkommandos des Heeres, Generaloberst Keitel, von den Bedingungen in Kenntnis gesetzt, unter denen Deutschland bereit ist, einen Waffenstillstand abzuschliessen.

Der Wald von Compiègne, das grüne Tor zum Herzen Frankreichs, ruht in tiefem Frieden, von strahlender Sonne gebadet. Auf der Strasse Paris—Soissons marschieren Kolonnen des deutschen Heeres. An der Abzweigung nach dem Wald von Compiègne stehen Posten und das Gebiet ist weithin gesperrt. Zur Rechten des Weges, der zu dem eigentlichen Verhandlungsplatz von 1918 und 1940 führt, steht ein grosses Zelt für die französische Delegation, in dem sie ihre Entschlüsse fassen kann. Sie hat dort direkte telefonische Verbindung mit der französischen Regierung in Bordeaux. Das Zelt ist ausgestattet mit bequemen Sesseln und einem grossen Tisch, auf dem ein grosses Strauss roter Rosen steht. Vor jedem Platz ist eine Schreibgelegenheit eingerichtet. Auf einem kleinen Tisch in der Ecke steht eine Flasche mit Wasser, Tintenfassern, Federhaltern usw. Dies ist das gesamte Mobiliar.

Der Gedenkstein, der an der Stelle des Zweiggeländes errichtet ist und an den Waffenstillstandsvertrag vom 11. November 1918 erinnert, ist mit der deutschen Kriegsflagge bedeckt, und mit ihr symbolisch jene Schande von damals durch den heutigen 21. Juni ausgelöscht. An der kurzen Allee, die zu dem eigentlichen Verhandlungsplatz von damals führt, hat eine Ehrenkompanie der Leibstandarte des Führers mit 2 Kompanien des Heeres und einer weiteren der Luftwaffe Aufstellung genommen, die hier zum ersten Male gleichzeitig mit der Leibstandarte des Führers eine Ehrenformation bildet. In der Mitte des Platzes zwischen zwei Eisenbahnsträngen, erhebt sich der kleine Gedenkstein mit der Inschrift: „Hier ist am 11. November 1918 der verheerende Hochmut des Deutschen Reiches vernichtet worden.“ Direkt neben diesem Stein weht jetzt die Standarte des Führers. Rechts davon, an der gleichen Stelle von 1918, steht der Wagen, in dem damals die Verhandlungen geführt wurden und in dem heute die Delegierten des besiegten Frankreichs die Waffenstillstandsbedingungen entgegennehmen. Es ist ein Speisewagen der internationalen Schlafwagengesellschaft ohne jede weitere Ausstattung. Die Sitze sind mit schwarzem Leder überzogen. In der Mitte steht ein grosser viereckiger Tisch. Vor jedem Sitz sieht man in weissen Feld die vergoldeten Embleme des Deutschen Reiches.

Des Führers Platz war an der Mitte des Tisches mit dem Rücken nach dem Stein, zu seiner Rechten Generalfeldmarschall Göring, Grossadmiral Raeder und Reichsaussenminister von Ribbentrop, zu seiner Linken der Chef des Oberkommandos des Heeres, Generaloberst Keitel, der Oberkommandierende des Heeres, Generaloberst von Brauchitsch, und der Stellvertreter des Führers, Rudolf Herr. Gegenüber nahm in der Mitte der Chef der französischen Delegation, General Huntzinger Platz, zu seiner Linken Konteradmiral Leluc, zu seiner Rechten Botschafter Noel und an dessen Seite der General der Flieger Bergeret.

An dem zweiten Gleisstrang, d. h. zur Linken des erwähnten Gedenksteines, befindet sich noch ein zweiter, der die Stelle anzeigt, an der im Jahre 1918 der Wagen der deutschen Delegation stand. In einem mit Zypressen in konischer Form umgebenen Rondell befindet sich weiterhin ein Denkmal des General Foch dessen Blick auf den Wagen gerichtet ist. An der Stelle, wo sich damals der deutsche Wagen befunden hatte, wurden jetzt die deutschen und ausländischen Pressevertreter untergebracht, die diese historische Stunde miterleben durften, während unmittelbar vor dem Wagen den Führer die Generalität, Admiralität und Ehrengäste erwarteten. Unter ihnen sah man den Reichsführer SS Himmler, Reichsminister Lammers, Reichspressechef Dr. Dietrich, Reichsleiter Bormann, die Generale Jodel und Bodenschatz, den persönlichen und militärischen Adjutanten des Führers, Brueckner und Oberst Schmudt, weiter den General Glaise-Horstenaus und den SS-Gruppenführer Wolff.

In der Verlängerung des Schienenstranges, auf dem sich der Wagen befindet, in dem die französische Delegation empfangen wurde, befindet sich, von dem Rondell aus nicht sichtbar, ein Pavillon, dessen Fassade geöffnet und mit einem Tuch aus der gleichen Farbe der zum Bau verwandten Steine wieder verdeckt wurde.

Kurz vor drei Uhr tritt die Ehrenkompanie an. Gleichzeitig sieht man vom Rondell aus neben dem Generalfeldmarschall Göring den Grossadmiral Raeder, Generaloberst von Brauchitsch, und andere hohe Offiziere, die den Führer erwarten. Die Spannung erreicht den Höhepunkt. Um 3.15 Uhr trifft im Auto vom Hauptquartier der Führer auf dem Denkmalsplatz ein. Er wird von Generalfeldmarschall Göring, Generaloberst Keitel, Reichs-

aussenminister von Ribbentrop und Reichsminister Rudolf Hess empfangen und schreitet in deren Begleitung die Front der Ehrenkompanie unter den Klängen des Präsentiermarsches ab. Am Rondell angekommen, verweilt er einen Augenblick vor dem Gedenkstein und lässt seinen Blick über die historische Stätte schweifen. Gleich darauf betritt er mit seinem Gefolge den Wagen.

Ein wenig später, um 3.30 Uhr, findet sich die französische Delegation ein, die am Donnerstag die vorgeschobenen deutschen Linien bei Tours überschritten hatte und von dem Generalquartiermeister General von Tippelskirch nach Compiègne geleitet wurde. Die französischen Delegierten hatten in einem

Pariser Hotel übernachtet und wurden am 21. morgens nach Compiègne geleitet, wo sie um 3.30 Uhr eintrafen und vom Oberleutnant Thomas, dem Kommandeur des 4. Infanterieregiments nach dem Rondell geleitet wurden. Hier hatte das Ehrenbataillon ohne Musik Aufstellung genommen.

Am Eingang zu dem Wagen hatte ein Offizier der Leibstandarte Adolf Hitler Aufstellung genommen. General Huntzinger zögerte einen Augenblick, bevor er den Waggon um 3.35 Uhr betrat. Der Führer und seine Begleitung erhoben sich. Der Führer begrüßte die französischen Delegierten durch Erheben der rechten Hand. Hierauf setzten sich alle Beteiligten nieder.

Die Wiedergutmachung eines Unrechtes

Anschliessend beauftragte der Führer den Chef des Oberkommandos des Heeres, Generaloberst Keitel, mit der Verlesung nachstehender Präambel zum Waffenstillstand:

„Im Auftrage des Führers und Obersten Befehlshabers der deutschen Wehrmacht habe ich Ihnen folgende Eröffnung zu machen: Im Vertrauen auf die von damaligen Präsidenten der Vereinigten Staaten, Wilson, dem Deutschen Reich gemachten und von den alliierten Mächten bestätigten Zusicherungen legte das deutsche Heer im November 1918 die Waffen nieder. Damit wurde ein Krieg beendet, den weder das deutsche Volk noch seine Regierung gewollt hatten und in dem es den Gegnern trotz erdrückender Uebermacht nicht gelungen ist, das deutsche Heer, die Kriegsmarine noch die deutsche Luftwaffe entscheidend zu schlagen. Indessen begann bereits mit der Ankunft der deutschen Waffenstillstandskommission der Bruch der feierlich gegebenen Versprechen. An diesem 11. November 1918 begann der Leidensweg des deutschen Volkes. Von da an begann alles, was jemals einem Volk an Unehre, Demütigung menschlichen und materiellen Leiden angetan worden ist. Der ständige Bruch des einmal gegebenen Wortes und der Meineid hatten sich gegen ein Volk verschworen, das nach heldenhaftem Widerstand durch mehr als vier Jahre hindurch nur der einzigen Schwäche geziehen werden kann, die darin bestand, den Versprechen demokratischer Staatsmänner Glauben zu schenken.

Am 3. September 1939, — 25 Jahre nach Ausbruch des Weltkrieges — erklärten Frankreich und England wiederum Deutschland den Krieg ohne irgendwelchen Grund. Jetzt haben die Waffen entschieden. Frankreich ist besiegt. Die französische Regierung hat die Reichsregierung ersucht, ihr die deutschen Bedingungen für einen Waffenstillstand bekannt zu geben. Wenn zu dieser Entgegennahme gerade der historische Wald von Compiègne erwähnt wurde, so geschah dies, um durch diesen Akt einer ausgleichenden Gerechtigkeit — ein für allemal — eine Erinnerung zu löschen, die für Frankreich kein Ruhmesblatt darstellt, das deutsche Volk aber als tiefste Schmach aller Zeiten empfunden hatte. Nach heldenhaftem Widerstand wurde Frankreich besiegt und in ununterbrochener Reihe blutiger Schlachten geschlagen. Deutschland hat daher

nicht die Absicht, den Waffenstillstandsbedingungen oder den Verhandlungen für den Waffenstillstand den Charakter von Beleidigungen einem so tapferen Gegner gegenüber zu verleihen. Das Ziel der deutschen Forderungen besteht in Folgendem:

1. Verhütung, dass der Kampf wieder aufgenommen wird;
2. Alle Garantien müssen Deutschland gegeben werden, damit es den Krieg gegen England fortsetzen kann, der ihm aufgezwungen wurde, und schliesslich
3. die unerlässlichen Bedingungen zur Herstellung eines neuen Friedens zu schaffen, dessen wesentlichster Inhalt die Wiedergutmachung der dem Deutschen Reich gewaltsam angetanen Ungerechtigkeit ist.“

Hierauf wurde die Präambel von Minister Schmidt, dem offiziellen Dolmetscher der Reichsregierung, übersetzt. Sodann erhoben sich alle Anwesenden und der Führer verliess mit seiner Begleitung den Wagen um 3.42 Uhr, während Generaloberst Keitel noch weiterhin bei den französischen Delegierten verblieb. Als der Führer an der Denkmalsallee ankam, erklärte ihm der Kommandeur der Ehrenkompanie in einem symbolischen Akt: „Mein Führer! Das Heer Grossdeutschlands grüsst seinen Obersten Befehlshaber.“ Der Führer dankte. Es klangen die deutschen Nationalhymnen auf und so endete der historische Akt im Walde von Compiègne.

Während der Führer sich entfernt, wird die Führerstandarte am Gedenkstein von 1918 eingezogen.

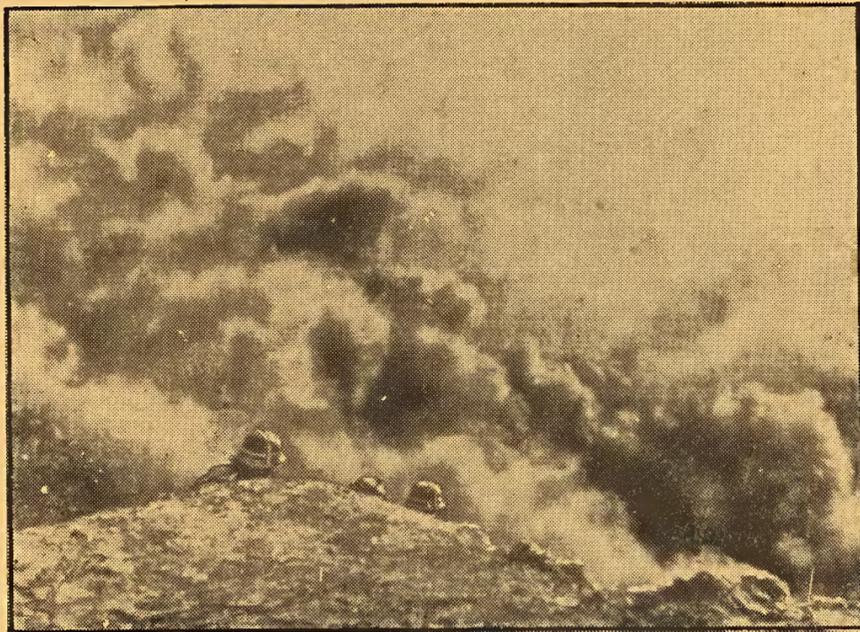
Die französische Delegation und die Mitglieder des deutschen Generalstabes unter dem Vorsitz Keitels setzten sich wieder. Sie nahmen alle erst jetzt die Kopfbedeckung ab. Keitel liest in deutscher Sprache ohne Dolmetscher. Die Franzosen verstehen deutsch und haben den Text der einzelnen Bedingungen in französischer Sprache erhalten. Um 4.24 Uhr ziehen sich die Franzosen in das für sie bereitgestellte, 10 m entfernt stehende Zelt zurück, wo ihnen Tische, Sessel, Waschgelegenheit und Telefonverbindung mit der französischen Regierung in Bordeaux zur Verfügung steht.

Compiègne seines historischen Hasses entkleidet

Berlin, 21. (T.-O.) — Auf Befehl Adolf Hitlers aus seinem Hauptquartier wird der historische Eisenbahnwagen von Compiègne,

in dem die Waffenstillstandsverhandlungen 1918 und 1940 geführt wurden, nach Berlin gebracht. Auch das Denkmal und der Ge-

lança-chamas alemãs — Assalto a uma casamata. O fortim inimigo é atingido por uma chamma destruidora.



Flammenwerfer aufs Ziel — Sturm auf einen Bunker. Das feindliche Verteidigungswerk trifft ein vernichtender Feuerstrahl.

denkstein gallischen Triumphes werden nach Berlin gebracht. Die Orte, wo 1918 die Züge der französischen und deutschen Delegationen gestanden haben und die Steine, die diese Stelle markierten, sollen vernichtet werden. Der Führer hat Befehl erteilt, das Denkmal Fochs nicht zu zerstören.

Die Unterzeichnung am 22. Juni, 18.50 Uhr

Berlin, 22. (T.-O.) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht gibt bekannt:

„Am späten Sonnabend abend des 22. Juni 1940 um 18.50 Uhr deutscher Sommerzeit wurde im Walde von Compiègne der deutsch-französische Waffenstillstands-Vertrag unterzeichnet. Die Unterzeichnung nahmen vor auf deutscher Seite als Beauftragter des Führers und Obersten Befehlshabers der Wehrmacht der Chef des Oberkommandos der Wehrmacht, Generaloberst Keitel, auf französischer Seite als Beauftragter der französischen Regierung, General Huntzinger. — Eine Einstellung der Feindseligkeiten ist damit noch nicht verbunden. Sie erfolgt vielmehr erst sechs Stunden nachdem die italienische Regierung dem deutschen Oberkommando der Wehrmacht den Abschluss des französisch-italienischen Waffenstillstands-Vertrages mitgeteilt hat. — Ueber den Inhalt des Waffenstillstands-Vertrages kann zunächst nichts bekannt gegeben werden.“

Compiègne, 22. (T.-O.) — In dem berühmten Eisenbahnwagen sehen wir erneut den Generalobersten Keitel als den Vertreter des Führers und Obersten Befehlshaber der Wehrmacht, General Jodel, Oberleutnant Boehne vom Generalstab, Minister Schmidt als Dolmetscher, und General von Tippelskirch, der die französischen Unterhändler in der vordersten Linie empfing und nach dem Wald von Compiègne geleitete. Auch diese Unterhändler sitzen wieder im Wagen.

Lange Stunden des Wartens im Wald von Compiègne sind verstrichen. In allen Gesichtern ist die Grösse des Augenblickes zu lesen. Die französischen Unterhändler verbergen nur mühsam ihre Bewegung. Als Soldaten ihres Vaterlandes wurde ihnen der schwere Auftrag, die Waffenstillstands-Bedingungen entgegenzunehmen. Sie müssen nun erklären, ob Frankreich sich ergeben will oder nicht. Es herrscht völliges Stillschweigen. Alles blickt auf General Huntzinger, der sich im Namen der französischen Abordnung an den deutschen Vertreter, Generaloberst Keitel, wendet. General Huntzinger teilt mit, die französische Regierung habe beschlossen, den Waffenstillstands-Vertrag anzunehmen. Aber ehe er unterzeichne, wolle er eine persönliche Erklärung abgeben:

„In dem Augenblick, in welchem die französische Abordnung auf Befehl ihrer Regierung ihre Unterschrift unter den Waffenstillstands-Vertrag setzt, hält die französische Abordnung es für notwendig, folgende Erklärung abzugeben: — Frankreich hat, durch die Waffenentscheidung gezwungen, die Kriegshandlungen einstellen müssen, in welche es sich zusammen mit seinem Alliierten verwickelt sah, und stellt fest, dass ihm Bedingungen auferlegt worden sind, welche die Schwere der Forderungen nur betonen. Frankreich hat das Recht, zu erwarten, dass in den künftigen Verhandlungen Deutschland sich von einem Geiste leiten lässt, der den beiden grossen Nachbarländern die Möglichkeit gibt, in Frieden zu leben und zu arbeiten.“ Abschliessend wandte Huntzinger sich direkt an den Leiter der deutschen Abordnung und sagte, dieser als Soldat werde den Ernst der Stunde und des Schicksals verstehen. Er hoffe, dass die französischen Soldaten nicht zu bereuen brauchen, was sie jetzt tun müssen.

General Keitel erwiderte: „Ich nehme die Mitteilung von der Bereitschaft zur Unterzeichnung des Waffenstillstandes zur Kenntnis, und was die Ausführungen des Generals Huntzinger anbetrifft, kann ich nur antworten, dass es auch für den Sieger eine Ehre ist, den Besiegten zu ehren.“ Anschliessend forderte Keitel die französischen Delegierten auf, sich zu Ehren der Gefallenen zu erheben, und sagte: „Alle Mitglieder der französischen und der deutschen Abordnung, die sich von ihren Sitzen erhoben haben, erfüllen in diesem Augenblick eine Pflicht, indem sie die tapferen deutschen und französischen Soldaten ehren, die ihr Blut für das Vaterland vergossen.“

Fahnen wehen — Glocken läuten

Proklamation des Führers

Hauptquartier des Führers, 24. (TO) — Am Montag wurde folgende Proklamation des Führers veröffentlicht:

„An das deutsche Volk! In knapp sechs Wochen haben deine Soldaten im Westen in heldenhaftem Kampf den Krieg gegen einen tapferen Feind abgeschlossen. Ihre Heldentaten werden in die Geschichte als der ruhmreichste Sieg aller Zeiten eingehen. In Demut danken wir dem Herrgott für seinen Segen. Ich befehle, dass für zehn Tage im Reich geflaggt wird und die Glocken für sieben Tage läuten. Adolf Hitler.“

Das Oberkommando der Wehrmacht gibt bekannt ♦♦♦

Hauptquartier des Führers, 20. (TO) — Das Oberkommando der Wehrmacht teilt am Donnerstagnachmittag mit:

„In der Bretagne wurde die französische Flottenbasis Brest genommen. In der Normandie wurde auch der untere Lauf der Loire von Nantes bis Tours erreicht und der Fluss an verschiedenen Stellen überschritten. An der mittleren Loire geht die Verfolgung im Abschnitt des Cher-Flusses und gegen Bourges weiter. Südlich der Loire griffen Schwärme von Kampfflugzeugen ständig den Feind an, der sich auf den Landstrassen zurückzieht. Wo sich mitunter Widerstandsnester bildeten, unterstützte die Luftwaffe das Heer beim Vormarsch. Im nördlichen Lothringen werden die Reste der französischen Ostarmee, soweit sie nicht im Moselabschnitt zwischen Epinal und Toul sowie in den mittleren Vogesen und einem Teil der oberen Vogesen gefangen genommen wurden, immer mehr zusammengedrängt. Epinal, Toul und Lunéville sind in unseren Händen. In der Maginotlinie beiderseits Diederhosen wird weitergekämpft. Westlich von Weissenburg wurde die Maginotlinie neuerdings durchbrochen. Stuka- und Kampfgeschwader zerstörten durch Volltreffer einen grossen Teil der Befestigungen. Strassburg wurde von Süden und Osten her genommen. Auf dem Strassburger Münster weht die deutsche Reichsflagge. Am Tor von Burgund reichten sich die von Belfort und dem Oberrhein her kommenden Truppen die Hand. Die Zahl der allein am 19. Juni gemachten Gefangenen überschreitet 200.000. Unter ihnen befindet sich auch der Oberkommandierende der 10. französischen Armee, General Altmeyer, mit seinem Generalstabschef. Die Gesamtverluste des Feindes in der Luft betragen 21 Flugzeuge. 6 eigene Flugzeuge sind nicht zurückgekehrt. Die schnelle Eroberung der starken Festung Verdun mit ihren modernen Forts am 15. Juni ist der mutigen Initiative zahlreicher entschlossener Truppenführer zu verdanken. Vor allem haben sich bei dieser Gelegenheit der Oberleutnant Stein von Witzendorf und der Unteroffizier Samel, beide von einem Infanterieregiment, sowie der Leutnant Rönnecke und der Sergeant Claus von einer Kampfwagenjägerabteilung ausgezeichnet. Beim Durchbruch der Maginotlinie sowie der schnellen Einkreisung des Feindes in Elsass-Lothringen und Burgund haben sich besonders die Fliegergeschwader unter Generalleutnant Ritter von Grein und Generalmajor von Richthofen sowie die Kampfstaffel unter Hauptmann Steiner ausgezeichnet.“

Hauptquartier des Führers, 21. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht teilt am Freitag mit:

„Die Operationen unserer Truppen zur Besetzung der Normandie, der Bretagne sowie des Gebietes zwischen der Loiremündung und dem Rhonetal schreiten planmässig weiter. Schnelle Truppen sind durch Burgund durchgebrochen und haben Lyon im Kampfe genommen. Bei der Einnahme von Neuvy in der Nähe von Glen fielen unseren Truppen 700 neue Tanks in die Hände. In Lothringen und im Elsass macht die Säuberung von Abschnitten der Maginotlinie vom Feinde, der teilweise hartnäckig Widerstand leistet, Fortschritte. Reste feindlicher Abteilungen, die in Nordlothringen eingeschlossen sind, wurden von unseren Truppen in mehrere Teile gespalten und sind jetzt in verschiedenen Gruppen getrennt eingeschlossen. Der westliche Teil der Vogesen wird noch verteidigt. Der Hartmannsweilerkopf, in den Vogesen, um den während des Weltkrieges viel gekämpft wurde, befindet sich in unserer Hand. Die Luftwaffe setzte auch am 20. Juni ihre Angriffe auf die Rückzugsstrassen des Feindes fort. Vor dem Pfälzer Wald setzten unsere Stukas mehrere Bunker der Maginotlinie ausser Gefecht und trugen dazu bei, den Widerstand des Feindes, der hier noch anhält, zu brechen. Die Kämpfe im Elsass führten zur Einnahme von Strassburg, Schlestadt und Kolmar. Die Truppen wurden glänzend durch Abteilungen der Flakartillerie unterstützt, die zur Bekämpfung von Bodenzielen eingesetzt wurde. Kampf- und Stukageschwader griffen am 20. Juni militärische Ziele vor La Rochelle und in der Gironde-Mündung an und versenkten einen Transporter von 10.000 t und einen Hilfskreuzer von 4000 t. In der Nacht vom 20. zum 21. Juni unternahmen englische Flieger wiederum zahlreiche Flüge über Nord- und Westdeutschland, um, wie immer, ihre Bomben auf nichtmilitärische Ziele abzuwerfen. Der Sachschaden ist unbedeutend, jedoch sind wieder mehrere Zivilpersonen getötet worden. Die Gesamtverluste des Feindes in der Luft betragen 6 Flugzeuge,

von denen 4 durch Flak abgeschossen wurden, 2 eigene Flugzeuge kehrten nicht zurück.

Unsere U-Boot-Waffe versenkte vier englische Handelsdampfer, darunter einen der Royal Mail Line von 11.000 t. Beim schnellen Einbruch in die Panzerwerke der Maginotlinie haben unsere Infanterie und Pioniere in harten Kämpfen mit dem erbitterten Gegner, dessen Anerkennung für eine spätere Gelegenheit vorbehalten bleibt, ruhmreiche Heldentaten vollbracht. Durch Tapferkeit und Unerschrockenheit zeichneten sich in diesen Kämpfen besonders aus: der Kommandeur eines Infanterie-Regiments Oberst Schwalbe, der Kommandeur eines Infanteriebataillons Major Wildermuth sowie der Oberleutnant in einem Infanterie-Regiment von Kettelhott.“

Hauptquartier des Führers, 22. (TO) — Das Oberkommando der Wehrmacht gibt heute abend bekannt:

„Die in Elsass-Lothringen eingeschlossenen Armeen haben nach verzweifelmtem Widerstand kapituliert. Insgesamt etwa eine halbe Million französischer Soldaten haben sich unseren Truppen ergeben. Unter ihnen befinden sich ausser vielen anderen auch die Generale und Oberbefehlshaber der 3., 5. und 8. Armee. — Nur die in einzelnen Abschnitten der Maginotlinie im unteren Elsass, in Lothringen und in den Vogesen versprengten Truppenteile leisten noch Widerstand, der aber schon im Laufe kürzester Zeit gebrochen sein wird.“

Hauptquartier des Führers, 23. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht gibt heute bekannt:

„Das stärkste Fort von Strassburg, der Mutzig-Fels, wurde genommen. An der Atlantikküste rückten schnelle Abteilungen bis zur Höhe von La Rochelle vor. Die Flottenbasis Saint Nazaire ist in unseren Besitz gekommen, wobei ungeheure Beute, einschliesslich Tanks, gemacht wurde. Die deutsche Luftwaffe setzte ihre Aufklärungsflüge an der französischen Atlantikküste zwischen Saint Na-

zere Angriffe auf Mittelengland und warfen Bomben auf in Betrieb befindliche Flugplätze und Anlagen der Flugzeugindustrie ab. Ein britisches Flugzeug umkreiste stundenlang während des Tages den Flugplatz Stavanger-Sola. Bevor es jedoch seine Bomben abwerfen konnte, wurde es von unseren Jägern abgeschossen. Auch in der vergangenen Nacht setzten die englischen Flugzeuge ihre Einflüge über Nord- und Westdeutschland fort, ohne irgendwelchen Schaden an militärischen Einrichtungen anzurichten. Die Flak unserer Kriegsmarine hat an der Nordseeküste zwei englische Flugzeuge abgeschossen.“

Italienische Heeresberichte

Rom, 23. (TO) — Der amtliche italienische Heeresbericht vom Sonntagnachmittag meldet:

„Unsere Luftwaffe setzte ihre Tätigkeit in der Nacht zum 23. Juni fort und führte einen glänzenden Bombenangriff im Fernflug auf die Flottenbasis Alexandria durch, in der sich die britische Flotte befindet. Trotz lebhaften Flakfeuers sind keine eigenen Verluste zu beklagen. Auch Biserta wurde mit Bomben belegt. Trotz des schlechten Wetters wurden im westlichen Mittelmeer feindliche Schiffe bombardiert und wurden ausgedehnte Aufklärungsflüge über dem gesamten Mittelmeerraum durchgeführt. In Nordafrika entwickelten sich die Operationen zu unseren Gunsten. Unsere Flugwaffe führte eine intensive Aktion gegen feindliche Panzerstreitkräfte durch. Ein grosses viermotoriges feindliches Flugzeug wurde abgeschossen. In Ostafrika holten unsere Dubat-Truppen (Dubat: Eingeborenentruppen) ein feindliches Flugzeug herunter. Der Feind bombardierte die Stadt Trapani, wobei er Treffer lediglich auf Privatgebäuden erzielte. 20 Personen wurden getötet und 38 verletzt, darunter Frauen und Kinder, aber nur 3 Militärpersonen. Unsere Jäger griffen feindliche Flugzeuge an und schossen 2 derselben ab.“

Rom, 24. (TO) — Der italienische Heeresbericht vom Montagmittag teilt mit:

„Die italienischen Truppen an der Alpenfront gingen am 21. Juni vom Mont Blanc bis zur Meeresküste zum Angriff gegen die gewaltigen französischen Befestigungsanlagen vor. Weder die starke Verteidigung des Feindes gegen die italienischen Angriffe noch das schlechte Wetter konnten die Stosskraft der italienischen Truppen schwächen, denen es an allen Stellen gelang, beträchtliche Erfolge zu erzielen. Eine starke englische Tank- und motorisierte Abteilung wurde mit MG beschossen. In Nordafrika wurden der Flugplatz von Djibouti und von Berbera sowie Truppenkonzentrationen in Kenya mit Bomben belegt. Feindliche Angriffe auf Massaua, Assab und Direddaua waren ohne Erfolg. Am Sonntagnachmittag bombardierte der Feind die Stadt Palermo, ohne militärische Ziele zu treffen. Unter der Zivilbevölkerung sind 25 Tote und 153 Verletzte zu beklagen. Ein feindliches Flugzeug wurde abgeschossen.“

Rom, 25. (TO) — Das italienische Oberkommando teilt am Dienstag mit:

„Nach Unterzeichnung des Waffenstillstandes wurden die Feindseligkeiten zwischen Frankreich und Italien in allen Abschnitten der Mutterländer und Uebersee eingestellt. Eines unserer U-Boote versenkte einen feindlichen Dampfer von 8000 t. Ein anderes im Roten Meer stationiertes U-Boot ist nicht zu seinem Stützpunkt zurückgekehrt. Bei einem feindlichen Angriff auf Tripoli wurden keine Ziele von militärischem Interesse getroffen. Die Bomben fielen auf die Häuser des alten Judenviertels und verursachten 20 Opfer. Bei einem Bombenangriff auf Cagliari, bei dem etwa 30 Bomben abgeworfen wurden, wurde an Gebäuden kein Schaden angerichtet und nur einige wenige Personen verletzt. Unsere Jäger verhinderten zwei feindliche Luftangriffe auf Palermo und zwangen den Gegner zur Flucht. Der Krieg gegen Grossbritannien wird bis zum Endsieg weitergeführt.“



Das Sieb ist unbrauchbar geworden!

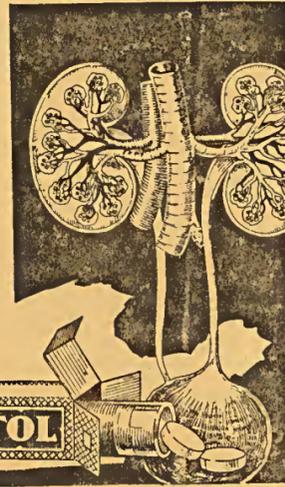
Es ist nicht mehr imstande die überflüssigen Bestandteile zurückzuhalten.

Auch Ihre Harnwege könnten nicht mehr richtig arbeiten und das Blut muß dann die Nierenfilter passieren, ohne genügend gereinigt zu sein. Machen Sie deshalb von Zeit zu Zeit eine innere Desinfektion mit HELMITOL-Tabletten.

Ihr Arzt wird Ihnen die Richtigkeit dieses Rates bestätigen. Denken Sie daran, daß man Gesundheit und Kraft durch eine Desinfektion der Harnwege mit HELMITOL-Tabletten leicht wiedergewinnen kann.



HELMITOL



zaire und der Gironde-Mündung fort und brachte fünf Handelsschiffe zwischen 3000 t und 10.000 t ernsthafte Beschädigungen bei, versenkte einen Transporter von 10.000 t, einen anderen von 4000 t. Kampf- und Stukageschwader wendeten sich am Sonnabend vorwiegend nach den Gegenden nördlich von Bordeaux. Auf dem Flughafen von Rochefort wurden 10 Flugzeuge in Brand geschossen, weitere 20 in wiederholten Angriffen im Tiefflug vernichtet. Eine Halle wurde durch Bomben zerstört. Die feindlichen Verluste in der Luft betragen 49 Apparate, davon 6 im Luftkampf, die restlichen auf dem Boden. Vier eigene Flugzeuge werden vermisst.“

Hauptquartier des Führers, 24. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht teilt am Montagmittag mit:

„Die Küste des Atlantik wurde bis zur Girondemündung besetzt. La Rochelle und Rochefort sind genommen, und weiter östlich wurde das Gebiet nördlich von Poitiers erreicht. Unter der gewaltigen Kriegsbeute, die sich von Tag zu Tag erhöht, fiel ein gros-

aufgehört zu sprechen. Im Laufe des letzten Kampftages sind unsere Divisionen gestern weiter längs der atlantischen Küste vorgedrückt und haben nach Ueberwindung kurzen Widerstandes die Linie Royan—Angoulême an der Rhonemündung erreicht. An der Rheinfront und in Lothringen verlor der Feind weitere Befestigungswerke. In den Vogesen ergab sich, wie schon durch Sonderbericht gemeldet, eine feindliche Gruppe von 22.000 Mann, darunter ein kommandierender General und 3 Divisionsgenerale. Südwestlich von Lyon wurden St. Etienne und Annonay genommen. In Savoyen gelang es unseren Truppen, in Zusammenarbeit mit Alpenjägern, an verschiedenen Stellen die hartnäckig verteidigten Stellungen zu durchbrechen. Aix-les-Bains wurde genommen. Bei bewaffneten Aufklärungsflügen an der französischen Atlantischen Küste wurde ein englischer Transporter zwischen 5000 und 6000 t wirksam mit Bomben angegriffen. Weitere Aufklärungsflüge wurden über Teilen der Nordsee durchgeführt. In der Nacht vom 24. zum 25. Juni unternahmen deutsche Kampfgeschwader meh-

Statt Karten

Erich Sommer
Gretchen Sommer
geb. Schlodtmann

V E R M Ä H L T E

São Paulo | 22. Juni 1940 | Rio de Janeiro

Aços Roechling

Der gute deutsche Stahl!



Qualitätswerkzeuge!



Eigene Härtestube

mit modernsten Einrichtungen zur Verfügung unserer Kundschaft

Aços Roechling Buderus do Brasil Ltda.

São Paulo

Rua Augusto de Queiroz 71-103

Rio de Janeiro

Rua General Camara 136

Porto Alegre

Avenida Julho de Castilho 265

Vertretungen in Brasilien:

Curityba - Belem do Pará - Bello Horizonte - Bahia

in anderen südamerikanischen Ländern:

Buenos Aires Montevideo Santiago de Chile

Juckt es, dann niemals kratzen



denn das einzige was erzielt wird, ist, dass die Leute über einen lachen. Besser ist auf alle Fälle, Mitigal zu nehmen, das ein bewährtes Mittel gegen Krätze, Hautjucken und andere Hautaffektionen ist. Darum: Juckt es, dann niemals kratzen . . .

Nimm **Mitigal**

Oficinas Olympia

führen jede Reparatur, Überholung und Reinigung an

Schreib- u. Rechenmaschinen

aller Systeme sachgemäss aus.

Modern eingerichtete Werkstätten und wirkliche Fachleute bürgen für erstklassige Arbeit

Schnell / Gewissenhaft / Preiswert

Kostenanschläge unverbindlich

OLYMPIA MACHINAS DE ESCRIVER LTDA.

São Paulo

Rio de Janeiro

Praça da Sé 43 / Tel. 2-1895

Rua Beneditinos 21 / Tel. 43-6311



AO PINGUIM

RESTAURANTE: AV. SÃO JOÃO 128
E TAVERNA: RUA ANHANGABAHU, 2

Alexandre Balbis

São Paulo

Telefon:

Bar 4-5507
Gruta 4-2626

Ausgezeich. Küche. Jeden Sonnabend: Feijoada completa
Allabendlich Künstlerkonzert, 7-1 Uhr; Sonn- u. Feiertags: Frühkonzert

Drück-, Schweiss-, Hart-
löte- und Dreharbeiten
übernimmt
Kolbe & Cia.
Rua Guaianazes Nr. 182
fundos

Rudolf Parker & Cia.
BAUGESCHÄFT
Maurer-, Maler- und
Zimmermann-Arbeiten
Reformas em geral
Instandhaltung von
Mietshäusern
Caixa postal 2483
SAO PAULO

VIGOR-MILCH

Die beste Milch in São Paulo

S. A.

Fabrica de Productos Alimenticios "VIGOR"

Rua Joaquim Carlos 178

Tel.: 9-2161, 9-2162, 9-2163

Deutsches Farbenhaus

Henrique Zuehlke & Cia.

S. Paulo, R. Christovam Colombo 1, Tel. 2-0671

Alleiniger Vertrieb der bekannten

TEMPEROL-FABRIKATE

(Lacke - Oelfarben - Lackfarben)

Reichhalt. Sortiment in: Pinseln, Buntfarben, Oelen, Schablonen und sonstigen Malerbedarfsartikeln.

Liebeswerk Ostdeutschland

Nur noch jeden Dienstag von 3 bis 6 Uhr Spenden-
Annahme und Arbeits-Ausgabe in der Rua Arthur
Prado Nr. 492

Liebe auf Oesel

ROMAN VON ROLF BRANDT

(4. Fortsetzung.)

Karl Westerkamp hatte den Tod zu oft ganz nahe gesehen. Er drückte dem russischen Kapitän die Augen zu.

„Fass an“, kommandierte er dem Knecht. „Höre auf mit dem Schippen, es ist tief genug.“ Er brach ein paar Zweige von den Sträuchern am Gartenzaun ab.

Sie legten den Russen in die Grube, und Karl streute die Zweige darüber. Er betete ein kurzes Gebet. Morgen konnte der Knecht ein Kreuz an das Kopfeinde setzen. Vielleicht hatte der Mann Frau und Kinder!

Der Este machte das Zeichen des Kreuzes über dem Grab, und dann schaufelte er es schweigend wieder zu.

Man hörte von der Datsche her die Schlussakkorde des Chorals. Es wurde kalt. Karl fröstelte.

Der stirbt, und die da drinnen dankt Gott, und wir leben, und wir wissen nicht, wann es uns so geht wie dem, den man eben begrub . . .

Als er in die Tür trat, roch es stark nach Essen, nach gebratenem Speck und bruzzelnden Eiern.

Man lebt, Gott sei Dank, man lebt! Es soll einem niemand eine Stunde streitig machen, nicht Hölle und nicht Tod!

Gustaf Petrowitsch Saweljeff sass auf einer Holzbrücke, die sich bei Orrisar zehn Meter weit in den Moonsund erstreckte. In dem ganz stillen Wasser lagen zwei Segelkutter, an Holzpflocken festgemacht, völlig regungslos. Das eine Boot gehörte dem lettischen Fischer, den man wegen Hochverrats und Unverschämtheit hatte aburteilen müssen.

Gustaf Petrowitsch lächelte vor sich hin. Er pfiff seine Lieblingsmelodie in die laue Nacht: „Wenn das Eis auf der Wolga im Winter dahinschmilzt . . .“ Das Schwein hatte sich verrechnet. Boris hatte zwar verrückte Ansichten, aber er war ein guter Junge. Faustschlag unter das Kinn, und das Mistvieh war zusammengesunken. Drüben die Kameraden auf Moon waren besser, als man gefürchtet hatte. Es waren viele ordentliche Burschen darunter. Man musste sie aufmöbeln.

Er sah nach der Uhr. Das Mondlicht war so hell in dieser Nacht, dass man die Ziffern erkennen konnte. Gut, die Helligkeit! Wenn

die Deutschen herankamen, konnte man sie zusammenpfeffern. Der Brigadegeneral Swernoff war ein Mann, der das Herz auf dem rechten Fleck hatte. Man musste noch einmal mit ihm reden. Wenn die Deutschen bei Tuhkana landeten, dann konnten sie heut nacht noch hier sein, und sie würden landen. Es war ja zu verlockend, hier den Uebergang bei Orrisar zu sperren. Dann kam keine Maus von Arensburg mehr durch, dann war Oesel endgültig verloren und Moon dazu, und die Transportflotte — dem Admiral würde er einiges flüstern — kam zu spät. Warum sich nur die „Slawa“ nicht meldete? Der Admiralstabsoffizier war von seiner Crew gewesen. Die „Slawa“ hatte doch nicht die Krankheit der Marine, dass Wasser keine Balken hat und dass die Kanonen Löcher schiessen! Aehntausend Mann waren noch hier. Sie waren in Ordnung. Sie hatten gut zu essen gehabt und waren von den politischen Schwärzern abgeschnitten, obwohl sich schon ein paar Emisäre der Kerenski-Regierung gezeigt hatten.

Kerenski-Regierung! Ach, was war mit Russland geworden! Schön, man musste viel-

„Sie werden von euch Idioten ihre Strategie beziehen! Der Teufel und die Deutschen marschieren ausserdem sechzig Kilometer an einem Tag! Sie werden bei Tuhkana landen.“

„Zu Befehl, Herr Kapitän“, sagte der Leutnant.

„Welchen Tag haben wir heute?“ fragte Gustaf Petrowitsch plötzlich.

„Dienstag, Euer Gnaden.“

„Es muss jemand nach Leisberg reiten und dort die Bauern auseinandertreiben. Heute ist Kirmes, es ist der elfte Oktober. Bei der Kirmes in Leisberg werden die Deutschen so viel Pferde und Wagen kriegen, wie es auf Oesel überhaupt nur gibt. Verfluchte Schweinerei!“

„Zu Befehl Herr Kapitän“ sagte der Leutnant.

Am Ende der Holzbrücke tauchten jetzt drei Offiziere auf.

„Schon gut ich danke Ihnen, Sie können ja nichts dafür. Da kommt der General!“, sagte Gustaf Petrowitsch und ging den Offizieren entgegen.

Der Brigadegeneral war ein Mann von fünfzig Jahren, aber sein Haar war schon weiss. Er kam von der Linie und hatte spät die Brigade bekommen. Als Oberst hatte er in der Winterschlacht gefochten. Er konnte die Arme kaum bewegen seit dieser Zeit.

Er nickte nur mit dem Kopf, als Gustaf Petrowitsch sich meldete. „Ich habe hier diesen Ort als Zusammenkunft bestimmt, weil ich im Grunde niemand mehr traue.“

speckigen Generälsüberzieher. Es wurde ihm schwer, die Bewegung auszuführen, und Gustaf Petrowitsch griff schweigend zu und breitete die Karte aus.

„Da ist der Kleine Moonsund, da ist der Damm“, sagte der General. „Er ist vier Kilometer breit und drei Kilometer lang. Man kann ihn unter allen Umständen sperren, bis die Deutschen schwere Geschütze geholt haben. In der Mitte des Damms ist eine Sprengung vorbereitet. Ich frage Sie, Kapitän, wann wird die Transportflotte endlich hier sein?“

„Sie sollte heute bei Orrisar sein.“

„Sollte“ sagte der General.

„Darf ich mir erlauben, meine Meinung vorzutragen, Exzellenz?“ sagte Gustaf Petrowitsch.

„Bitte, Sie sprechen ja im Auftrag des Oberkommandos. Es ist mir nur lieb, wenn ich von der ungeheuren Verantwortung entlastet werde. Ich setze Sie aber noch einmal über die Lage ins Bild. Die Truppen auf Moon und auf dem Brückenkopf von Orrisar folgen noch dem Befehl. Aus den Truppen heraus hat sich ein Todesbataillon gebildet. Ich halte das für einen Blödsinn, denn die besten Unteroffiziere und Mannschaften sind nun bei diesem Bataillon. Die Truppe insgesamt aber hat dadurch eine Einbusse erlitten. Wir haben ein paar Leute erschossen, aber das Offizierskorps ist der Meinung, dass man nicht weiter gehen dürfte. Wenn Sie es vertreten können, übermitteln sie mir im Namen des Oberkommandos den Befehl, den Brückenkopf unter allen Umständen zu halten. Ich werde dem Befehl folgen. Aber hören Sie die Meinungen der Kameraden!“

„Ich bin nicht für Offiziersversammlungen“, sagte Gustaf Petrowitsch.

„Ich auch nicht. Aber ehe man sich von seinen Leuten erschossen lässt, bildet man ein Offiziersbataillon und lässt sich von den Deutschen erschliessen, das ist unsere Meinung, Herr Kapitän. Kommen Sie!“

„kann einer Ihrer Leute, Exzellenz, nach Leisberg reiten und die Bauern nach Hause schicken? Wenn die Deutschen dort hinkommen, finden sie soviel Wagen, wie sie nur brauchen, um uns in der Morgenfrühe hier zu besuchen.“

„Wenn die Deutschen in Leisberg sind“, sagte der General, „ist es unter allen Umständen zu allem zu spät. Schliesslich können wir nur angreifen, wenn den Befehlen gehorcht wird. Ob das möglich ist, werden wir hören.“

Die kleine Stube des Wächterhauses war mit Offizieren aller Waffengattungen angefüllt. Auch ein paar Unteroffiziere, grosse starke Burschen, standen dazwischen. Die Tür zur Küche war ausgehoben worden, und ein Dutzend Stabsoffiziere sass auf dem breiten kalten Herd. Zigarettenrauch lag dicht über den Köpfen.

Confeitaria

EIGENE BÄCKEREI
EIGENE KONDITOREI

Bestellungen ins Haus werden gewissenhaft u. pünktlich ausgeführt

RUA BARÃO DE ITAPETINGA 239



Biennense

CAFÉ - BAR

Im Café nachmittags und abends
Erstklassiges Konzert

Leitung: Maestro Mauricio
Telephon 4-9230 — Ab 18 Uhr können Autos vor der Tür parken

leicht über mancherlei sprechen, man musste manches ordnen, aber diese Hunde schwätzten, während der Feind marschierte.

Dieser General Swernoff war eigentlich auch ein Saukerl, dachte Gustaf. Er wusste, um was es ging. Ich habe ihm den Sonderausweis gezeigt, er weiss, wer ich bin. Wenn er in zehn Minuten nicht kommt, beim heiligen Georg, ich nehme mir ein paar Unteroffiziere und lasse den Kerl verhaften!

Ein Leutnant vom Regiment Podolsk meldete in guter Haltung. Seine Exzellenz General Swernoff würde in wenigen Minuten erscheinen. Aber um zehn Uhr sei in dem Haus des Dammwächters — man könne es sehen, dort läge es, das weisse Haus am Sund — eine Offiziersversammlung angesetzt.

Gustaf Petrowitsch sprang auf: „Ihr seid wohl alle verrückt! In dieser Nacht können die Deutschen hier sein!“

„Sie haben sechzig Kilometer von der Tagabucht, Herr Kapitän“, sagte der Leutnant.

Sein Adjutant und der Generalstabsoffizier der Brigade nickten schweigend.

„Setzen wir uns.“

Der General liess sich auf den grauen Holzreitern der Brücke nieder. Ihm zur Rechten setzte sich sein Generalstabsoffizier, Gustaf Petrowitsch liess sich auf der anderen Seite nieder. Der Adjutant blieb stehen mit dem Gesicht zum Festland wie ein Posten.

„Ich danke Ihnen, Kamerad Gustaf Petrowitsch, für Ihren Bericht. Es war gut, dass Sie ihn mir gegeben haben, denn der Divisionär ist leider schwer herzkrank und hat den Befehl niedergelegt. Meiner Ansicht nach aber haben alle Vorschläge, die mit Widerstand zu tun haben, keinen Sinn mehr. Ich bin bereit, eine Truppe von über achtausend Mann mit ein paar hundert Maschinengewehren, sechs Feldbatterien und ein paar Achtundzwanzigern auf eine Transportflotte zu überführen. Wir halten so lange den Moonsund, das ist sicher.“

Der General zog eine Karte aus seinem

„Sublime“

die beste Tafelbutter

Theodor Bergander

Al. Barão Limeira 117, Telefon 4-0620

Birkenwasser, das
Dralle "nor plus ultra" aller
Haarpflegemittel

Vor
Annahme falschen Geldes
schützt der bargeldlose Zahlungsverkehr

Eröffnen Sie ein Konto beim
**Banco Alemão
Transatlantico**
RUA 15 NOVEMBRO 268

und zahlen Sie ihre Rechnungen
per Scheck!

Zu jeder gewünschten Zeit erhalten Sie von uns einen Auszug ihrer Rechnung, um Ihnen die Kontrolle über Ihre Zahlungen zu erleichtern.

Physikalische Apparate, Vermessungsinstrumente und Zubehör, feinmechanische Werkstätten
OTTO BENDER
Rua Sta. Ephantina 80 - Telefon 4-4705.
Zeichenmaterial A. Nestler, Lahr und Gebr. Hoff, Pfaffen. - An- und Verkauf von gebrauchten Vermessungsinstrumenten.

Dres. Lehfeld und Coelho
Dr. Walter Hoop
Rechtsanwälte
São Paulo, Rua Libero Badaró 443,
Tel: 2-0804, 2. St., Zim. 11-16/ Postfach 444

**Deutsche
Edelstein
Schleiferei**
R. Krüninger
Größte Auswahl in
gefähten und unge-
fähten Edel- und
Patbedelsteinen
Rua Xavier de Toledo 54 (em frente da Bigth)
Telephon: 4-1083 und privat 4-2240

Uhren • Reparaturen
Deutsche Uhrmacherei
OTTO
Rua São Bento Nr. 484
4. Stock, Saal 25

Extra Fino

Rua
das
Palmeiras
274
Tel. 5-4429

Lacke Pinsel Farben
und alle übrigen Bedarfsartikel
für Hausanstrich und Dekoration
EMILIO MÜLLER / Rua José Bonifacio Nr. 114

HERREN- und DAMEN-Mode-Artikel
Oberhemden Damenwäsche
Kragen Strümpfe
Krawatten Wollwesten
Taschentücher Pyjamas
Unterwäsche Jersey-Wäsche
Strümpfe etc. etc.
Sophie Schroeder
427 RUA SANTA EPHIGENIA 427
(Nähe Ecke Rua Victoria)
Aufmerksame Bedienung - Letzte Neuheiten
Zivile Preise!

Deutsche
Heil-
krauter
und
Spe-
zialtaeten
Farmacia Germania
HEINRICH HÜLSKEMPER
Rua Libero Badaró Nr. 429
Deutsche
Par-
fuemerien
und
Toilette-
Artikel
GEWISSENHAFTE ANFERTIGUNG
SÄMTLICHER IN- UND AUSLÄNDISCHER REZEPTE

Dienst am Kunden!
Jedem Wunsch nach Möglichkeit
gerecht zu werden, ist Grund-
idee unserer Organisation und
unseres geschulten Personals.
Banco Germanico
da America do Sul
São Paulo
Rua Alvares Penteado 121
(Ecke Rua da Quitanda)
Rio de Janeiro: R. da Alfandega 5
Santos: Rua 15 de Novembro 114

Livraria Delinee
Aelteste deutsche Buchhandlung
Rua São Bento 541 - Caixa Postal 2-V São Paulo
Reichhaltigstes Sortiment. Bestellungen werden
rasch und gewissenhaft ausgeführt.

**Zum Hirschen Hotel und
Restaurant**
Rua Victoria 186 - Tel. 4-4561
São Paulo Inh.: Emil Russig

Als der General sich dem Eingang näherte, meldete sich ein junger Hauptmann: „Kapitän Konstantin Ljowitsch Rosanoff, Zweites Todesbataillon. Das Bataillon ist heute früh gelandet. Stürmische Fahrt von Reval. Das Bataillon steht zur Verfügung Euer Exzellenz!“

Auf den schwarzen Achselklappen waren silberne Totenschädel aufgenäht wie auf der Mütze, die silbernen Knöpfe der dunklen Uniform zeigten das gleiche Sinnbild des Todes.

General Swernoff hätte manche Frage zu stellen gehabt, vor allem, wann denn die Transportflotte käme, die dreimal verfluchte Transportflotte! Was man mit dem einen Bataillon anfangen wollte?

Er sah in das Gesicht des Kornilowze. Der Mann da vor ihm hatte mit dem Leben abgeschlossen. Er war nach Oesel gekommen, um im Kampf zu fallen. Aus dem dunkelbraunen Gesicht brannten die hellen Augen des Grossrussen. Von der Nase zum Mund gingen zwei scharfe Striche wie mit einem Messer eingeritzt.

Swernoff sagte: „Ich danke Ihnen, Kapitän.“ Dann ging er in die Offiziersversammlung und winkte dem Hauptmann Rosanoff, ihm zu folgen.

Die Offiziere standen stramm. Die Zigaret-

ten fielen zu Boden. Es war lautlose Stille im Raum.

Der General sah in die Gesichter seiner Kameraden. Die Blicke waren ruhig, aber es war kein Feuer einer Begeisterung mehr in diesen Augen. Man hatte geschworen, man tat seine Pflicht.

Swernoff riss sich zusammen: „Kameraden, hier ist der Kapitän Rosanoff, der mit der ersten Verstärkung gelandet ist. Das Zweite Todesbataillon aus Reval ist eingetroffen und wird sich sofort mit euch zusammen einsetzen, um die Deutschen zurückzuwerfen.“

Die Mienen der Offiziere erhellten sich etwas.

„Kapitän der Gardeequipe Saweljeff mit Sonderauftrag vom Oberkommando wird jetzt zu euch sprechen.“ Der General schritt auf den Ofen zu und setzte sich. „Bitte die Herren, Platz zu nehmen“, sagte er. Er fügte noch hinzu: „Es wird geraucht.“

Gustaf Petrowitsch sah sich aufmerksamen und sehr kritischen Augen gegenüber. Eben hatte er noch gewusst, was er sagen wollte. Dass man sich um diesen Brückenkopf schlagen müsse, die Strasse freihalten, bis die Regimenter aus Arensburg über Orrissar nach Moon übergeführt waren. Die Deutschen kamen ja mit einer Unverschämtheit heran, dass man ihnen sicher eins ausweisen konnte. Er hatte sagen wollen, dass nichts verloren sei, solange man noch Moon halte. Die „Slawa“ kam, die U-Boote fuhren ...

Aber es kam ihm alles so ohne Sinn vor, als er in diese Gesichter blickte. Er wandte sich an den General: „Exzellenz, darf ich vorher bitten, dass einer der Kameraden die Lage bei der Truppe entwickelt!“

Ein Major glitt vom Herd herunter, nahm sein Notizbuch in schwarzem Wachstuch aus der Tasche, blickte hinein, neigte den Kopf vor dem General und begann: „Hier sind die Zahlen: Sechzig Prozent der Truppen auf Moon, und diese Prozentzahl dürfte auch auf die übrigen Truppen, die noch auf Oesel zu unserer Verfügung stehen, zutreffen, sind nicht mehr einsatzbereit. Die übrigen vierzig Prozent folgen jedem Befehl, sind aber kriegsmüde. Einen Grund, weshalb man diesen sinnlosen Krieg fortsetzen soll, sehen sie nicht. Die schwere Artillerie auf Sworbe hat gemeutert. Sie hat sich geweigert, auf die deutschen Schiffe zu schiessen.“

Der Major machte eine Bewegung mit der Hand: „Bitte sehr, meine Herren Kameraden, es ist eine Tatsache, sonst wäre wohl auch manches anders gekommen. Oberst Andrejesko hat durchgreifen wollen ...“

Der Major sah in sein kleines schwarzes Notizbuch: „Es wurden drei Mann erschossen ... Oberst Andrejesko ist darauf leider bei Kiuwast verunglückt.“

Der alte Offizier blickte wieder in das Heftchen: „Die vier schweren Langrohrgeschütze vor Woi stehen noch zu unserer Verfügung. Die Artilleristen dort sind ausgezeichnet. Ich habe nichts hinzuzufügen.“

„Meine Herren Kameraden“, begann Gustaf Petrowitsch, „dieser Bericht ist schlimm! Aber wir haben nur zu wählen, ob wir uns ergeben wollen, oder ob wir versuchen zu kämpfen. Es ist gar nichts aussichtslos. Nichts ist aussichtslos, wenn man ernstlich will. Wenn die Deutschen hier ankommen, sind sie vom Marsch ermüdet. Das Oberkommando erwartet, dass hier gekämpft wird, nicht um die Verteidigung, sondern um den Sieg! Neue Truppen werden gelandet werden, Transportschiffe werden bereitstehen.“

Seine Stimme wurde heller: „In uns allein lebt Russland ...“

In diesem Augenblick kam das Todesbataillon über den Damm marschierend, lauter Offiziere und Unteroffiziere. Gleichmässig klang der Schritt. Das Bataillon hielt am Ende des Steindammes.

„Sehen Sie aus den Fenstern. Dort marschieren Russland. Marschieren wir mit!“ Er machte eine kleine Pause: „Sie haben übrigens keine andere Wahl, Sie kennen den Schwur des Bataillons.“

Die Stabsoffiziere stellten sich um den General und rissen die Degen aus der Scheide: „Russland! Rossija! Rossija!“

„Meine Herren, Befehl der Brigade! Die Brigade Swernoff greift mit allen Kräften Richtung Arensburg an. Die Herren von der Artillerie! Die vier Achtundzwanziger bei Woi schwenken die Rohre herum, so dass sie gegen Orrissar feuern können. Ich danke Ihnen!“

Kautermann ging mit einem Stock in der Hand an der Spitze seiner Abteilung zweihundert Meter hinter der Vorhut. Ehe der Leutnant Schmidt von der Radfahrerkompanie noch Meldung erstatten konnte, nahm Kautermann die Feldflasche, die ihm zur Seite hing, entstöpselte sie und reichte sie dem Leutnant.

berichten. Sie kommen vom Radfahrbataillon Sonderdetachment Tuhkana. Liegt?“

„Hinter der Höhe von Pammerort. Wir sind mit zwei Transportern bei Dagö vorbei. Batterien schliefen, sind glatt Tunkana gelandet. Radfahrbataillon stiess direkt auf Orrissar vor. Die Sturmabteilung hatte Sauglück. In einem Ort, hiess glaube ich Leisberg oder so ähnlich, wurde eine estnische Bauernkirmes abgehalten.“

„Augenblick“, sagte Kautermann und sah nach der Karte. Ist die Vorhut durch?“

Unteroffizier Leutemeyer kam zurückgaloppiert und meldete: „Vorhut zweihundert Meter vorwärts auf Strasse nach Orrissar.“

„Schön, mein Sohn“, sagte Kautermann. „Weiter, Leutnant Schmidt.“

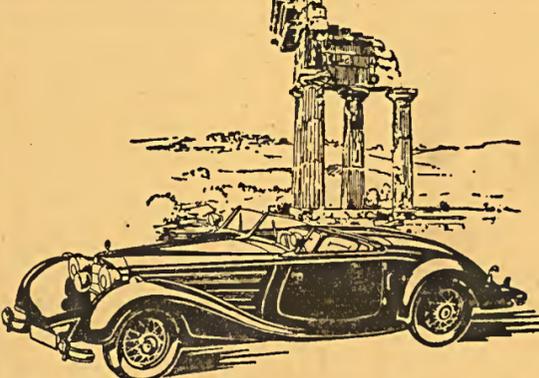
Schmidt verfügte wieder völlig über seinen Atem. Es war alles in Ordnung, dieser Hauptmann Kautermann war grossartig!

„Schöne bunte Oeseler Bauerntrachten und noch schönere Panjewagen, Herr Hauptmann. Hundert Stück. Die Sturmabteilung holte an unsere Radfahrer beinahe ein. In Ligolasma kamen wir zum ersten Gefecht. War nicht viel, Herr Hauptmann, fünfhundert Gefangene. Als wir uns dem Brückenkopf näherten, bekamen


*Der Sonnenschein
des Hauses*
ist ihr Kind, wenn es sich
guter Gesundheit erfreut.
Aber was ist, wenn eine
Diarrhoe Ihr Kind quält.
Dann müssen Sie sofort zu
den bewährten Eldoformio-
Tabletten, dem Erzeugnis
der Firma **Bayer** greifen.

Vergessen Sie
niemals: **Gegen**
Diarrhoe stets

Eldoformio
Tabletten
die sowohl Kindern
wie Erwachsenen helfen.


Mercedes-Benz
**Personen-
wagen**
Nutzfahrzeuge
Sociedade Auto-Distribuidora Ltda.
São Paulo, Av. Brig. Luiz Antonio 133 / Rio de Janeiro / Santos

„Kalter Tee“ sagte er. „So, nun los!“

Leutnant Schmidt trank, das Herz schlug ihm von der irrsinnigen Fahrt, und die Lunge wollte nicht recht mit, seitdem sie einmal im Westen einen Hauch von Gelbgas geatmet hatte. Dann kam die Meldung und der schriftliche Befehl: „Detachment Kautermann schwenkt, so schnell es geht, ab Richtung Orrissar!“

„Augenblick“, sagte Kautermann und holte seine Karte heraus. „Wir haben Schwein gehabt, hundert Meter weiter biegt der Weg ab. Also links schwenkt, marsch!“

Der Unteroffizier Leutemeyer führte eins der drei Pferde, die von der Abteilung erbeutet waren. Auf dem anderen sass Leutnant Termölen, der lustige Termölen, der einen Fuschuss bekommen hatte, aber nicht ins Lazarett wollte.

„Los, Leutemeyer, Vorhut muss gerade jetzt bei Wegkreuzung sein. Schwenkt ab nach Orrissar! So, Leutnant Schmidt, warten Sie, Ihr Rad wird einer meiner Leute führen. Während wir marschieren, können Sie mir weiter

wir aus den verschiedenen Gehöften Feuer. Wir hoben sie einzeln aus, immer so sechzig bis achtzig Mann hopsgenommen. Am späten Abend noch kamen wir bis zum Steindamm. Unsere Patrouillen aber fanden ein Wärterhaus und den Damm selbst besetzt. Schwere M. G., scheinbar auch Feldartillerie. Nun kam der Witz, Herr Hauptmann.“

„Was für ein Witz?“

„Ven Arensburg rasten nun die Autos heran, die nach Moon flüchten wollten. Ein Personenkraftwagen mit zwei Offizieren fuhr gegen den Wagen unserer Maschinengewehrabteilung. Panjewagen natürlich. Beide kippten. Die Offiziere sind leider in der Dunkelheit ... Wir haben nachgeschossen, sie waren weg. Dann kam ein Lastauto mit sechs russischen Staatsräten und der Staatskasse von Arensburg. Immerhin zweihunderttausend Rubel! Am Morgen des Dreizehnten — es ist doch der Dreizehnte, Herr Hauptmann?“

„Vermutlich“, sagte Kautermann. „Wir haben den Kalender längst vergessen.“

„An diesem Morgen trabte eine Sanitätskolonne heran. Nach ein paar Schuss ergab

CASA TURE

Rua Direita 119

Das deutsche Haus für feine Herren-Artikel

JENKE & SCHAEFFTER

Deutsche Färberei und chem. Waschanstalt

„Saxonia“

Annahmestellen: R. Sen. Feijó 50, Tel. 2-2396 u. Fabrik: Rua Barão de Jaguará 980, Tel. 7-4264

Hugo Lichtenthaler

Rua Aurora Nr. 135
Aolt. deutsches Möbelhaus
Grosse Auswahl
in kompl. Zimmern und
Einzelmöbeln. - Auch
TAUSCH u. KAUF von
gebraucht. Möbelstücken

Werner Pfeffer

Nickelacão Cambucy
Rua Lavapés 801
SAO PAULO

Jorge Dammann

Deutsche Maßschneiderei
für Herren und Damen
Gut fortiertes Stofflager
Rua Ipiranga 193
Tel. 4-2320

Josef Hüls

Erstklassige Schneiderei.
Mäßige Preise. Rua Dom
José de Barros 266, fobr.,
São Paulo, Tel. 4-4725

João Knapp

Klempner, Installateur
Regist. Rep. de Aguas e
Esg. Rua Mont. Passa-
laqua 6. Telefon 7-2211.

Deutsche Schuhmacherei

Rua Sta. Ephigenia 225
Umgezogen nach der
Rua Ipiranga Nr. 225.
Empfiehlt sich weiter
zur guten Bedienung
seiner Kundschaft.

Hermann Radelsberger

Das Ende traegt die Last....



IM letzten Lebensabschnitt — dem Greisenalter — ist es noetiger denn je, sich Kraft und Energie zu erhalten, damit die Widerstandskraft gegen Krankheit und Gebrechen nicht nachlaesst.

• Nichts ist dafuer besser geeignet als **TONICO BAYER**, das hervorragende

Staerkungsmittel von sicherer und anhaltender Wirkung. Tónico Bayer erneuert das Blut, kraeftigt die Muskeln und staerkt das Nervensystem.

• Tónico Bayer ist eine wertvolle Hilfe, wenn es darum geht, sich trotz der Last der Jahre den guten Humor und die Gesundheit zu erhalten.

Beginnen Sie noch heute mit einer Flasche Tónico Bayer!



WAS IST TONICO BAYER?

Es ist das Staerkungsmittel, das nach dem heutigen Stand der Wissenschaft alles enthält, was fuer den Organismus lebenswichtig und wertvoll ist, naemlich Vitamine, Leberextrakt, Calcium, Phosphor und andere Substanzen von grossem therapeutischem Wert. Tónico Bayer wird von den weltbekannten Bayer-Laboratorien hergestellt. Bedarf es noch einer weiteren Garantie?

TONICO BAYER

ERNEUERT DIE LEBENSKRAFT

Dr. Max Rudolph

Allg. Chirurgie, Frauenheilkunde u. Geburtshilfe
Röntgen-Beirahlungen
Consult.: Pr. Ramos Azevedo 16, II., Tel. 4-2576
Wohnung: Rua Hollanda 5, Tel. 8-1337
Sprechstunden v. 3-5, Sonnabends v. 11-1 Uhr

Dr. Mario de Fiori

Spezialarzt für allg. Chirurgie — Röntgenapparat
Sprechst.: 2-5 Uhr nachm., Sonnabends: 10-12 Uhr
Rua Barão de Itapetininga 139 - II. andar - Tel. 4-0038

Dr. G. H. Nick

Facharzt für
innere Krankheiten.
Sprechst. täglich v. 14-17 Uhr
R. Lib. Badaró 73, Tel. 2 3371
Privatwohnung: Tel. 8-2263

Erwin Schmued

Dentist
Largo Santa Ephigenia 1
1. Stod, App. 11
(Eingang von der Brücke)
Sprechstunden von
8.30—19.30 Uhr, Sonn-
abends: bis 12 mittags

Dr. Erich Müller-Carrioba

Frauenheilkunde, Geburtshilfe
Röntgenstrahlen - Diathermie
Ultraviolettstrahlen
Konsult.: R. Aurora 1018 von
2-4,30 Uhr - Tel. 4-6898.
Wohnung: Rua Greenlandia
Nr. 72. - Tel. 4-1481

Deutsche Apotheke

In Jardim America
Anfertigung ärztl. Re-
zepte, pharmazeutische
Spezialitäten — Schnelle
Lieferung ins Haus.
RUA AUGUSTA 2843
Tel. 8-3091

Deutsche Apotheke

Ludwig Schwedes
Rua Lib. Badaró 318
S. Paulo, Tel. 2 4468

Bevorzugt bei Einkäufen unsere Inserenten

sie sich. Dann kamen, wir sassen da wie die alten Raubritter an der Landstrasse, hundertdreissig Fahrzeuge auf einmal. Die Kolonne sollte das Offiziersgepäck in Sicherheit bringen. Diesmal gab es ein Gefecht von einer Viertelstunde. Wir zogen uns auseinander und flankierten. Dann war es aus.

„Richtig“ sagte Kautermann, „in der Flanke sind sie immer kitzelig.“

„Merkwürdige Beute, die wir da machten. Auch die Freundinnen der russischen Offiziere in Arensburg waren auf den Wagen. Sehr elegant. Müssen ganz gut in Arensburg geliebt haben!“

„Dafür holt sie ja auch der Teufel“, sagte Kautermann.

„Jetzt aber wurde es ernst. Immer stärkere Infanterieabteilungen. Unsere Kompanie am Steindamm wurde abgelöst. Aber wir hatten ja nicht viel. Die Kompanie bei Neuenhof, das liegt südlich der grossen Strasse.“

Kautermann guckte in die Karte. „Jawohl!“
„Die Kompanie hatte zurückgehen müssen. Man lag sich schliesslich auf vierzig Meter gegenüber. Viel eingegraben kann man sich hier ja nicht. Die schwachen russischen Batterien feuerten plötzlich von Woi her. Wenn wir den Brückenkopf halten wollen, muss Hilfe her. Radfahrer von der Taggabucht sind unterwegs. Aber wir haben jetzt Verluste, viel Offiziersverluste, Herr Hauptmann.“

„Wir werden marschieren“, sagte Kautermann. „Fahren Sie, lieber Schmidt, und sagen Sie, dass wir kommen. Sie können sich auf unser Bataillon verlassen, und wenn wir die fünfundfünfzig ... wieviel sind es?“

„Jawohl“, fünfundfünfzig, Herr Hauptmann.“
Er schnallte sich seine Feldflasche ab. „Hier, Leutnant Schmidt, keine Widerrede. Dienstlicher Befehl: Tee mitnehmen! Hahe keine Lust, die Verantwortung zu tragen, wenn Sie schlapp machen.“

„Ausgeschlossen, Herr Hauptmann.“

„Ab dafür, wir kommen!“

Leutnant Schmidt trat in die Pedale. Es war ihm, als habe er einen Orden bekommen. Da zog das Detachement Kautermann: das Bataillon, die Maschinengewehre, die zwei Geschütze, die elenden Panjewägelchen. Alle paar Minuten liess Kautermann haltmachen.

„Leute! Wir müssen weiter nach Orrisar. Da stehen die Unseren im Kampf gegen zehnfache Uebermacht. Soll alles das umsonst gewesen sein? Ausgeschlossen! Das Detachement Kautermann marschier! Ich marschiere mit euch, Kameraden! Wir haben noch nie jemand im Dreck sitzen lassen, und wenn die Schuhssole ab ist, dann siegen wir barfuss. Wird es gehen? Es muss gehen, das heisst, es wird klappen!“

„Jawohl, Herr Hauptmann!“
Die Züge marschierten geschlossen vorbei. Kautermann blieb bis zum letzten Mann und bis zum letzten Wagen stehen. Auf dem sassen ein paar Fusskranke. Sie sprangen ab. „Wir wollen es versuchen. Vielleicht haben andere es noch nötiger. Kautermannen ist wirklich grossartig!“

Hauptmann Kautermann setzte sich auf den kleinen Kosakenhengst und trabte nun sein Detachement entlang wieder an die Spitze. Dort gab er das Pferd ab, und der schwere Mann griff zum Knotenstock und marschierte weiter hinter der Vorhut.

Die alte Kadri meldete: „Die Frau Gräfin lässt bitten.“

„Hören Sie einmal, Frauchen“, sagte Karl Westerkamp, „Ihr spielt ja hier ein komisches Spiel! Die Gräfin lässt bitten, die Baronin ist da — wie heisst denn die gnädige Frau eigentlich?“

„Ach, gnädiger Herr Leutnant, das müssen Sie nicht falsch auffassen, ich stamme ja nicht von dieser Insel. Ich war auf dem Gut Oselsberg, und als ich mich verheiratete, kaufte der alte Herr Baron mir hier diese Datsche auf Oesel und machte aus, dass zwei Zimmerchen immer zur Verfügung stehen müssten für die gnädigen Herrschaften. Dann hat ja das gnädige Fräulein Baroness den Grafen Saweljeff, einen Russen, geheiratet. Wenn ich nun böse auf die Frau Baronin bin, dann sage ich Frau Gräfin zu ihr, und dann ärgert sie sich.“

„So“, sagte Karl, „dann ärgert sie sich.“
Er fuhr sich mit der Bürste über das Haar und knöpfte den Uniformrock sorgfältig zu. Er ertappte sich dabei, dass er sich seit langer, langer Zeit im Spiegel besah: helle Augen, braune Farbe, dunkelblonde Haare ... Bisschen alt für dreiuundzwanzig Jahre?
„Wie alt ist eigentlich die Frau Baronin?“ fragte er plötzlich.

Kadri schien über die Frage gar nicht erstaunt zu sein: „Ach gnädiger Herr Leutnant, die gnädige Frau Baronin sind noch ganz jung. Sie war siebzehn Jahre, als sie von

Der Tisch war mit schneeweissem Leinen gedeckt, alle vier Kerzen der beiden silbernen Doppelleuchter waren nun entzündet. Man sass auf Lehnstühlen, auf deren Sitzen weiche bunte estnische Kissen lagen; zu beiden Seiten gab es breite, flache Eichenlehnen. Kadri stopfte der jungen Frau und Karl auch noch Kissen in den Rücken.

„Wie war das mit Hannibal in Syrakus? Nein, in Capua! Seine Soldaten verweilichten. Das waren die alten Punier nicht mehr!“ Gott sei Dank, der Anfang des Gespräches ist überwunden, dachte dann Karl, als er die Sätze heraus hatte.

Wera nahm sofort das Wort. Nun hatte sie doch Ähnlichkeit mit Ingrid. „Hier“, sie reichte ihm eine Dose, „wir haben noch ein paar Büchsen davon. Es sind Rigasche Sprotten in Oel. Sie müssen tüchtig zulangen. Kadri, schenke einmal Wodka ein.“

Sie selbst nahm sich reichlich von den goldgelben kleinen Fischchen und reichte sofort eine zweite Dose. „Das ist Scumbria, kommt vom Schwarzen Meer. Da sollten Sie einmal hin, Herr Leutnant. Der Wein wächst an der grünen Küste, die See ist dunkelblau. Wir haben meinen fünfzehnten Geburtstag dort gefeiert, es ist lange her. Papa hatte eine Villa in Jalta gemietet — es ist lange her!“

Ihre Augen verdunkelten sich plötzlich, sie sprach aber schon weiter: „Sie müssen mir noch ausführlich erzählen, wie Sie Ingrid ken-

Schwedin auch die schwedische Staatsangehörigkeit erworben. Die Torlebens sind im übrigen seit ein paar Generationen bei uns ansässig. Wir sind verwandt, doppelt verwandt, denn Saweljeff hat auch eine schwedische Mutter und ist ein Vetter von Ingrid.“

Sie treiben hier eine Art Familienkult, dachte Karl und ass schweigend seine Sprotten.

Wera sah ihm zu. Gott ja, das hatte man vergessen! Der Leutnant würde richtigen tüchtigen Hunger haben, und sie unterhielt ihn hier mit blöden Verwandtschaftsgeschichten. „Die Musikabende bei Torlebens sind sehr gut. Es gab bei uns viel gute Musik. Aber ...“

„Aber“, sagte Karl, „das war nicht das einzige Mal, dass ich Fräulein Ingrid gesehen habe. Nein. Sie führte mich dann in ein russisches Restaurant.“

„So?“ fragte Wera. „Zu Similkow?“
„Das weiss ich nicht. Eine Villa, ein Bauernhaus, das innen sehr elegant war.“

„Eine Bruchbude“, sagte Wera. „Saweljeff war ganz verrückt nach dem Lokal.“
„Wir haben zu Abend gegessen in dieser Bruchbude, eine Stunde lang, und Fräulein Ingrid bat mich, Sie zu grüssen. Ich bin sehr dankbar.“

„Keine Komplimente. Auf gute Kameradschaft!“ Wera hob das Glas und stiess mit ihm an.

Das Gefühl, das Karl bei Beginn dieses Unternehmens gegen Oesel überkommen hatte, war, als sei er in ein anderes Leben gestiegen. Zuweilen kam es ihm vor, als träume er. Die Figuren traten auf und ab, und die Ereignisse vollzogen sich wie auf einer Bühne, und er war der Zuschauer seiner Erlebnisse.

„Einen Augenblick Frau Wera, ich möchte Ihnen etwas Hübsches zeigen“, sagte er und stand auf. „Ich bin gleich wieder da. Essen Sie mir, bitte, keine Eier fort.“

Als er über den Flur nach seinem Zimmer ging, stand die Haustür zum Hof offen. Es

Ausspannung tut not!

Wenn man die klimatischen Verhältnisse berücksichtigt, dann darf man wohl ruhig feststellen, dass hierzulande oft intensiver gearbeitet wird als drüben. Besonders in den heissen Sommermonaten verspürt der Eingewanderte das lebhafteste Bedürfnis, vorübergehend auszuspannen. Für einige Zeit sich einmal völlige Ruhe gönnen, von Geschäften und unruhigen Zeitläuften nichts sehen und hören, wer möchte das nicht gerne?

Nicht jeder von uns kann Körper und Geist diese Erholung verschaffen. Der Existenzkampf wird von Tag zu Tag härter und rücksichtsloser und wieviele müssen auf eine Ruhepause Verzicht leisten, weil besondere Verhältnisse es nicht anders erlauben. Andere wieder halten sich für unentbehrlich und bereuen erst dann ihre Unterlassungssünde, wenn der geschwächte Körper streikt.

Soweit soll man es aber nicht kommen lassen. Wer jährlich eine Tonofosan-Kur durchführt, der verschafft dadurch seinem Organismus dringend notwendige Aufbaustoffe. Tonofosan, ein Bayer-Produkt, gibt Körper und Geist neue Frische und Widerstandsfähigkeit.

KRIEGSKARTE VON EUROPA

ist weiterhin noch zum Preise von **Rs. 6\$000** zu haben. Nach dem Innern Rs. 7\$000

Die Karte ist an folgenden Stellen zu beziehen:

São Paulo: Rua Victoria 200 — Deutsche Buchhandlung C. Hahmann — Livraria Delinco
Rio de Janeiro: Franz Kumlín, Rua dos Andradas 84, 2. Stock, App. 23, Telephon 23-4977 — Livraria Allemã, Rua da Alfandega Nr. 69

Oselsberg ging. Sie war das schönste Mädchen von ganz Estland. Ja, das sind so vier, fünf Jahre her. Man weiss es nicht mehr so genau. Wie lange ist denn Krieg, gnädiger Herr Leutnant?“

„Drei Jahre“, sagte Karl und trat vom Spiegel zurück. Lächerlich, sich im Spiegel zu besehen, einfach lächerlich! Ueberhaupt, morgen früh sattelte man sein Panzferd und ritt nach Arensburg. Irgendwo an der Front musste ja schliesslich noch ein Platz für jemand sein, der schon bei Ypern seine Kompanie geführt hatte ... Weiberkram! Ganz blöde wurde man!

Wera begrüsst ihn an der Tür, wie man einen hohen Gast begrüsst. Sie trug ein weisses Kleid länger als das am Vormittag, das Gesicht sah fast blass aus. Nur eine ganz leichte Bräune war noch auf den Wangen.

Sie gab ihm die Hand: „Willkommen, Herr Leutnant! Halten Sie mich nicht für herzlich oder für feige, dass ich nicht in den Garten gekommen bin. Der Hauptmann hat sich für mich eingesetzt, ich weiss es, aber sie hätten ihn auch erschossen, wenn er mich nicht beschützt hätte. Es war nur ein Vorwand. Ich muss das alles hinter mich bringen, wenn ich leben soll. Ich will mit der Vergangenheit nichts mehr zu tun haben. Ich bin bei Deutschen! Ich bin heimgekehrt. Ich will nach Deutschland! Aber kommen Sie, setzen wir uns.“

nengelernt haben. Ich rede und rede, es ist ganz schrecklich, pfui!“

„Es ist furchtbar nett, wenn Sie reden ...“

„Sagen Sie doch, bitte, Frau Wera.“

„Ich würde mich auch mit den anderen Anreden verheddern: Frau Baronin und Frau Gräfin ...“

Jetzt wurde Wera rot. Die Röte schlug die Wangen empor bis zu den Schläfen.

Karl war betroffen. Er sah auf einmal, wie jung die Frau war, die da vor ihm sass. Ein Mädchen, das schon ein paar Jahre verheiratet war, dachte er.
„Das haben Sie wohl von Kadri? Sie sind ein Schleicher. Mein Mann ist Graf, russischer Graf. Da gebraucht man den Titel nicht. Jeder Mensch in der russischen Gesellschaft weiss, dass die Saweljeffs Grafen sind. Das genügt. Ich gehöre aber nicht mehr zur russischen Gesellschaft, ich will es nicht. Es ist ganz richtig, ich bitte Sie darum, bleiben Sie bei Frau Wera. Also, Ingrid ...“

„Das ist ganz einfach, Frau Wera“ — das „Frau Wera“ zu sagen war aber zweifellos nicht einfach, dachte Karl. — „Ich war bei Torlebens zu einem Musikabend eingeladen. Ich lerne den alten Herrn, glaube ich, auf der Kommandantur kennen. Er hatte die deutschen Interessen vertreten.“

„Ja er ist schwedischer Honorarkonsul. Ich glaube, er hat bei seiner Heirat mit einer

Josef Magnus Wehner

Der Ruhm der Tapferkeit

Keiner anderen menschlichen Tugend gewähren Dichtung und Geschichte, Sage und Erzählung so viel Ruhm wie der Tapferkeit. Die Jugendzeit aller Völker hallt wider von Heldenliedern; selbst die Götter ziehen in den Kampf, die Walküren wählen ihre Helden, und kein Tod wird höher gepriesen als der Tod vor dem Feinde, wobei es sogar unerheblich ist, ob der Held siegreich fällt oder ob seine Sache unterliegt; in beiden Fällen wird sein Tod zum Beispiel und Sinnbild, und der Lorbeer senkt sich auf den Unsterblichen herab. Das tapferere Leben ist für alle jungen Völker zugleich auch das höchste Leben.

Welch denkwürdiger Einblick in das Menschenwesen eröffnet sich, wenn wir sehen, wie nicht nur einzelne Vorkämpfer, sondern ganze Stämme und Völker ausziehen, um dieses höchsten Lebens teilhaft zu werden. Nicht nur der Wunsch nach Beute, Abenteuer, fremdem Lebensraum treibt die Heerscharen der Völker auf das Feld der letzten Bewährung. Wenn wir die todesmutigen Goten am Vesuv kämpfen sehen, eins geworden mit der Flammenlohe, die aus dem Schosse der Erde dringt, so spüren wir die Uebergewalt eines unaussprechlich tiefen Mutes, der die Grenzen des Daseins ingrimmig sprengt und sich singend dem Schicksal stellt. Die übermenschliche Wucht eines Willens, der über sich selbst hinauswächst, alle Gewohnheit verbrennt und fallend den Adel des Ungeheuren empfängt, zeugt von einem Einbruch der Lebensmächte selber in die begrenzte menschliche Natur, und diesen Einbruch des Uebermenschlichen, wenn auch nur in einem einzigen Augenblicke der Vermählung zu erleben und damit die eigene Begrenzung zu vernichten, bedeutet für die Helden der Frühzeit eben die Höhe des Lebens. Ueber jeden menschlichen Begriff hinausgehoben, änderte ihr Tod das Angesicht der Welt und schuf eine neue Wirklichkeit und eine neue Beruhigung. Und die Völker, die wieder einmal gefühlt hatten, wessen sie fähig seien, traten nach solchem Opfer wieder in den Frieden zurück; sie verklärten ihre Helden im Liede zu Halbgoten, bauten ihnen Altäre, gossen ihnen Standbilder oder versetzten sie unter die Sterne, von wo herab sie nun in magischem Wechselspiel das erweiterte, vertiefte, zu geschichtlicher Zeugung empordawachsene Leben ihres Volkes beispielhaft durchwaltet und durchleuchtet.

Denn ein tapferes Leben vollzieht sich nicht nur in sich selber. Es ist vielmehr das geschichtlich zeugende Leben schlechthin und wirft seine Liebesstrahlen bis in die letzten und unscheinbarsten Zellen des Volkslebens hinein. Die tapferen Menschen sind die sichtbaren oder unsichtbaren Sonnen des menschlichen Alls die Knoten des Wachstums für die Völker und die geheimen Bürgen seiner Grösse. Ein Volk ist um so grösser, je mehr tapfere Menschen es besitzt, tapferer Krieger, tapferer Arbeiter, tapferer Frauen.

Denn hier ist kein Unterschied. Der Soldat, der die Furcht überwindet und den Feind angeht, der Arbeiter, der seinen ganzen Willen in sein Werk hineingiesst, die Frau, die sich dem fressenden, staubigen, kleinen Alltag stellt, das ganze Volk, das auf Monate und Jahre hinaus die Blüte seiner Jugend abstreift und sie in den Sturm des Schicksals wirft: alle haben den gleichen Anteil

am tapferen Leben und damit an der Grösse ihrer Zukunft.

Freilich ist das Heldenlied der Arbeit im grossen noch nicht geschrieben, ebensowenig wie das Epos der sorgenden und schaffenden Frau. Der Dichter liebt das Ungewöhnliche und wendet sich daher mit Vorliebe den Ausnahmezuständen des Daseins zu, wie sie der Zusammenprall der Völker im Kriege bietet. Wenn er den Kampf darstellt, braucht er zwei sichtbare Gegner, und der Kampf des Arbeiters und der Frau spielt sich ja mit den tückischen kleinen Sorgen und mit Eisen, Gestein, unter Tag oder an den Maschinen ab. Es ist ein stummer, verbissener Kampf,

RADIO MENDE

Das Gerät, dessen Klang wirklich Musik ist! Wir führen nur fabrikneue Original-Apparate von **H. Mende & Co., Dresden** Casa Mende, Rua Cons. Crispiniano 79 — Telephon 4-7690 Caixa postal 1886

den die Heimat führt. Aber wenn wir der-einst unser deutsches Siegesdenkmal aufrichten, werden im Sockel auch die treuen Bilder der Mütter und Frauen und aller Schaffenden der Heimat sich erlösen und Zeugnis ablegen für die junge, erst jetzt völlig erkannte Gemeinschaft des ganzen Volkes.

Denn die Tapferkeit hat viele Gesichter. Tapfer ist nicht nur der Mann der Tat, obwohl er weithin sichtbar vor allem Volke steht, tapfer ist auch der gerade, der unbeirrbar Mensch, der aufrecht seines Weges geht; tapfer ist der wahrhaftige, der aufrichtige Mensch, der unter keiner Bedingung die Wahrheit verrät; tapfer ist der zähe Mensch, der sich auch durch scheinbare Misserfolge nicht aus der Bahn werfen lässt, und welches Mass von Tapferkeit bringt erst jener Mensch auf, der trotz unverschuldetem Misstrauen seine Pflicht tut und schweigt. Tapfer ist endlich auch der unentwegt fröhliche Mensch, dem es wahrhaftig manchmal ganz anders um das Herz ist, und der dennoch ein unverdrossenes Gesicht zeigt, um den frohen Sinn seiner Mitmenschen zu heben. Ja, wir wollen ganz zuletzt auch den tapferen Komiker nicht vergessen, der im Grunde seiner Natur vielleicht ein unheilbarer Melancholiker ist; die Geschichte der Bühnenkunst, ja der Kunst überhaupt hat genug Beispiele solcher tapferer Menschen, die aus der Misere des Lebens eine Fundgrube des Lachens zaubern, vom Clown bis zum Lustspielsdichter der Weltliteratur. Und wer die Tierwelt kennt, der weiss, dass der Zug froher Tapferkeit durch die ganze Schöpfung geht und dass auch der stumme Kamerad Tier aufgerufen ist, der schwankenden Umwelt ein Beispiel zu geben.

So weit also spannt sich der Bogen der tapferen Wesen, und über ihm zieher die Geisterheere der vergangenen Jahrtausende. Dem Tapferen gehört die Welt; jeder von uns weiss, was er dem Vorstoss dieser beherzten Jugend verdankt, und dass auch unser begrenztes Dasein einst als helle Strophe in dem ewigen Heldenlied unseres Volkes mit-

klingen wird. Das Schicksal hat uns in die Mitte der Welt gestellt, es bleibt uns keine andere Wahl als tapfer zu sein. Vor Gott und der Welt werden wir auch diese Probe bestehen, freudiger als jemals, weil nun auch die kleinste tapferere Arbeit bewusst in die Gesamtleistung des ganzen Volkes einbezogen ist. Jeder Hammerschlag des Arbeiters, jeder Schritt der Bauern auf dem Acker, jeder Handgriff der Hausfrau, jeder Federstrich der Angestellten, jeder kühne Gedanke des

Erfinders, ja, jedes einzelne Wort, das wir sprechen, ist auf das Ganze gerichtet und soll daher den tapferen Geist stärken, der uns bis zu dieser Stunde geführt hat. Alles was wir nun tun, steht im hohen Lichte der Geschichte. Ebenbürtig den höchsten Leistungen der Vergangenheit, würdig der Zukunft, die uns einst richten wird, lasst uns das Antlitz der Gegenwart prägen: gläubig im Herzen, klar im Wesen und tapfer in der Tat.

Die Konsulatsabteilung der Deutschen Botschaft, Rio

Rua Pinheiro Machado 76, Tel. 25-7365, ist ersucht worden, den Aufenthalt der nachstehend aufgeführten Personen, bezw. ihrer Nachkommen, zu ermitteln. Wer Auskunft über die Gesuchten geben kann, wird gebeten, der Konsulatsabteilung der Deutschen Botschaft Mitteilung zu machen. (Sprechstunden werktäglich von 9 bis 12 1/2 Uhr).

Baudis, Hugo Max, früher in Entre Rios, Estado do Rio; Baecker, Wilhelm geb. 1909; Beyersdorf, Camillo Friedrich Wilhelm, geb. 1917; Buchhorn, Karl, geb. 13. Dez. 1907; Coutinho Richard, aus Hamburg, geb. 1870 oder 1874; Eggert, Hans; Ellmer, Maria; Findeisen, Martin Ernst; Fleischer Kurt Israel; Frodl, Josef; Fuchs, Max, geb. 1909; Garrecht, Ottilie; Greimel, Ludwig, geb. 1902 in München; Hausmaninger, Alois; Hirsch, Johann Israel, geb. 1878 in Berlin; Holzmei-

Schroeder, Greté, Schumacher, Emilie, Taenzler, Charlotte; Wahler, Gebhardt.

Deutsches Generalkonsulat São Paulo

Für folgende Personen liegen Briefe oder Drucksachen beim Deutschen Generalkonsulat São Paulo, Rua São Luiz 174, welche täglich von 9 1/2 bis 11 1/2 und von 2 bis 3 Uhr (Sonntabend nur von 9 1/2 bis 11 1/2 Uhr) abgeholt werden können:

Briefe: Aberer, Mr. Alois; Ahord, Erna; Böhme, Otto; Biedenkapp, Martha; Blotekamp, Emilio; Blümel, Hellmuth; Becker, Hans; Born, Emil; Bosch, Alberto; Bradt, Katharina; Brueckner, Else; Burkhardt, Karl Jakob; Daak, Wilhelm; Dagga, Hans Vornath; Duernheimer, Maria; Dvorak, Eduard; Eppinger, Erich; Eschenroeder, Heinrich; Eulich, Hof; Fasmét, Srna.; Felix, Karl; Fianta, Josef; Fietkau, August; Fleischer, Ivo; Fritz, Albert; Gaessler, Fanny; Galler, Maria; Garkisch, Lydia; Gauer, Friedrich; Girnus, Emilie; Glaser, Ida; Goerling, Fritz; Haas, Otto; Haese, Hedwig; Hahn, Elisabeth; Hammer, Maria; Haschek, Gustav; Haug, Emma; Henning, Frieda; Hillebrecht, Peter; Forn, Frederico; Hutter, Jakob; Ile, Werner; Jahn, Alfred; Jesinghaus, Kurt; Kapeller, Karl; Karo, Ida; Kawan, Friedrich; Keller, Lucia; Klee Alfredo; Kopp, D.; Kremp, Ida; Krug, Hans; Kusbach, Ernst; Lang, Alois; Langenberg, Willy; Legot, João; Lehmann, Emma, M.; Licht, Magda; Lorensschütz, Anton; Manza, ?; Meisnitzer, Emma; Muehlbauer, Guillermina; Mueller-Reiter, Erich; Mueller, Gerhard; Mueller, Erich; Nagel, Jorge; Neumeister, Walter; Resi, Ofner; Otto, Frieda Lina; Pelleschi (Telegramm); Penner, Olga; Petermann, P.; Peuker, Ernst; Pittner, Emerich; Ploch (Bloch), Familie; Prinz, Alfredo; Rainer, Anna; Ricciardi, J.; Ruebling, Johann; Ruf, Guillerme; Seifert, Luis; Simon, Emma; Scheffler, Hirsch, Joanna; Scheibe, Paul; Schellack, Wilhelm; Scheidemantel, Fritz; Schmitz-Eichhoff, Christian; Schroeder, Richard; Schubsy, Adolfo; Schwarz Lea (Telegramm); Schupp, Jolann; Staken, Dr. M. v.; Steinhrecher, Frieda; Steiner, Alma; Stelter, Kurt; Steuer, Kurt; Strauss, Paulo; Tiel, Juljos; Tubler, Mario; Ullmann, Wilhelm; Urban, Robert; Vasek, Georg; Vogel, Konrad; Volkman, Otto; Wahlhuetter, Josefa; Wanke, August; Wentz, Luiza; Wittig, Werner; Wolf, Erich; Wolff, Martha; Worowski, Roman; Zeininger, Frederico; Zemanek, Franz.

RADIO MENDE

Grosser Stock der neuesten Modelle bei den Alleinimporteuren **Casa Mende**, Rua Cons. Crispiniano 79, Tel. 4-7690 — Caixa postal 1886

ster, Wolfgang, geb. 26. April 1290 in Wien; Ihde, Otto, geb. 1895 zu Luebesse, zuletzt Curitiba; Kalenski, Eduard Helmut Waldemar, geb. 17. April 1915; Kassner, Konrad, geb. 1876; Kerschner, Otto; Kruells, Peter, Diplomingenieur; Kühnen, Josef Felix, geb. 19. März 1915; Kummer, Baron Ludwig; Lauermann, Ingo, geb. 1922 in Rio, zuletzt Victoria; Loos, Stephanie; Markowski, Leopold, geb. 1910 in Wien; Marx, Hermann; Meister, Philipp, geb. 1911 in Gaden; Meyer, Dorothee; Moritz, Albert Rolf; Moertenschlag, Josef; Müller, Kurt, geb. 1906; Olfemann, Emmi; Paul, Ilse, geb. Gacek; Paschka, Ludwig; Fritz; Peyser, Kurt; Pfrommer, Auguste; Pidde, Richard; Preisegke Oswald, geb. 24. Sept. 1919; Ruhig, Karl, oder Nachkommen; Runnert, Fritz; Scharrenberger, Hedwig; Schindler, Werner, geb. 1903 (?); Schmaland, Karoline, zuletzt Ponta Grossa; Schmidt, Claus, geb. 1908; Schnoor (Ingenieur); Schumann, Rudolf, aus Wien; Spicker, Gerhard, aus Düsseldorf; Swatosch-Weiss, Pauline, geb. 1920 in Wien; Tacke, Theodor; Toeke, Alexander; Ulrich, Wilhelm; Wanner, Josef; Westerling (Vesterling), Heinrich; Woite, Wilhelm.

Ferner lagern Briefe u. a. für folgende Personen: Balzer, David; Berndt, Leopold; Bertl, Carlos; Blum, Helmut; Buettner, Alberto; Erbesdobler, Carlos; Fahbusch, Eugen; Freisleider, Aloys; Heilig, Hans; Karl, Gottfried; Kinzl, Otto; Koch, Ida; Kurth, Herbert; Luick, Friedrich; Luz, Ernst; Machatschek, Franz; Meyer, Friedrich; Müller, Wolfgang; Opkeman, Eugene; Schmitz, Franz;

Drucksachen: Hauff, Christiana; Meyer, Heinrich; Podohnik-Weiss, Rosa; Nantoiner, Francesco. Eingeschriebene Post: Bartak, Guillerme; Becker, Otto; Beutler, Otto; Doellerer, August (Gustl); Dunker, Heinz; Frank, Martha; Hiess, Alfredo; Jany, Erika; Kast, Hildegard; Kerbler, Martin; Kneus, Edmundo; Kohn, Hans; Nemes, Theresia; Otto, Frieda Lina; Punzle, Maria; Schmitz, Frederico; Sorrentino, Thea; Steinitz, v.; Ullmann, Wilhelm; Weigel, Rudolfo; Nuber, Otto.

schien ihm, als sei eine Gestalt an der Gartentür.

Er ging zu seinem Nachttisch und nahm das grosse Stück Bernstein, das im Licht der Kerze wie Gold glänzte. Da war die kleine Mücke.

Er steckte den Revolver, den er auf den Nachttisch gelegt hatte, ein. Damals hatte man auch keinen bei sich gehabt. Als er am Schreibtisch vorbeikam, überlegte er einen Augenblick, ob er nicht den Griff des Marinendolches seiner Gastgeberin zeigen sollte. Er wickelte das sonderbare Erinnerungsstück aus der Libauer Zeitung und las dabei das Datum: „Fünfter Oktober 1917.“

Unsinn, dachte er. Das muss ja dann wie Eigunob wirken. Es war ausserdem eine so dumme Geschichte, dass man mit ihr nur den Abend verderben konnte, und diese Frau war wirklich reizend! Man hatte ja noch nicht gelebt, man stand ja noch auf der Schwelle. Es waren immer die bittersten Stunden gewesen, wenn man dachte, dass man Abschied nehmen sollte, ohne über die Schwelle des Lebens überhaupt geschritten zu sein ...

Nein, er schüttelte alle Gedanken ab. Als er durch den Hausflur zurückging, war die Gestalt oder was es sein mochte, an der Gartentür verschwunden. Er piffte zwei Takte vor sich hin: Morgenrot, Morgenrot ...

Wera hatte ihm bereits den Teller gefüllt, Schlinken, Salat, neue Kartoffeln eine Riesenportion. Ihre Augen erwarteten ihn.

Er legte den Stein vor sie hin: „Dies ist

ein Gastgeschenk, Frau Wera, und ein Porträt.“

Wera nahm den schönen Stein. „Dank! Das erste deutsche Gastgeschenk. Wissen Sie, dass solch ein Stein auch bei uns in der Grösse sehr selten ist? Er hat eine wunderschöne Färbung, wie versteinerte Sonne. Ich werde ihn schleifen lassen ...“ Sie brach ab. „Ich danke Ihnen. Aber wo ist das Porträt?“

„Halten Sie den Bernstein gegen die Kerze. Nicht zu nahe, er brennt nämlich.“

„Ach, Sie Klugerechen, das haben wir schon in der sechsten Klasse gewusst!“

Der Stein funkelte im Licht der Kerzen, als ob er lebe. In seiner Mitte sah man die kleine Mücke, die einmal in der Urzeit, als die grosse Katastrophe kam, von dem Harz eingeschlossen worden war.

„Also, wo ist das Porträt?“ fragte Wera.

„Die Mücke. Das bin ich nämlich. Ich bin eingeschlossen in der feurigen Masse der Zeit. Da sitze ich nun und kann nicht heraus und möchte so gerne.“

Wera sah ihn warm an. „Sie sind ein Dichter, wissen Sie das? Ihre Hand legte sich ganz flüchtig einen Augenblick auf die seine. „Es ist furchtbar nett dass Sie hier sind! Dichten Sie weiter.“

„Ach, es überkommt einen nur manchmal so. Ich bin ganz bestimmt nichts als ein kleiner Leutnant, und von Gedichten habe ich nur einen Band Liliencron bei mir gehabt. Der ist aber dann mit dem ganzen Gepäck von einer Granate in den Himmel geholt worden. Ich spiele Ihnen nachher eines meiner Glanzstücke vor, wissen Sie: „Die Fahne kommt, den Hut rümm ab — der sind wir treu bis an das Grab.“ Ach, und kennen Sie das andere, das so schön ist? „Bei Trommeln und Pfeifen bin ich einmal marschiert ...“

„Ich kenne sie alle“, sagte Wera. „Mein preussischer Onkel Benkenhof war Assessor in Kiel, als Liliencron dort lebte.“

Karl hatte wieder ganz stark das Gefühl, dass nicht er sprach, sondern ein anderer aus ihm. „Am schönsten ... Ich glaube es heisst „Morgendämmerung — deiner Haare Blond deckt die ganze Erde ...“

Wera schwieg. Dann nahm sie sich zusammen: „Sehen Sie, Herr Dichter-Leutnant, wie schlim die Zeiten geworden sind! Mit unseren abgeschnittenen Haaren könnten wir wirklich nicht so schöne Motive mehr bieten. Es ist eine Schande!“

Kadri klopfte.

Wieder sah Karl, dass eine helle Rote in Weras Gesicht stieg. Er war sehr feinfühlig geworden. Sie wurde rot, weil Kadri sonst nicht klopfte, stellte er bei sich fest. „Sagen Sie doch nicht Herin“, bat er.

„Ich muss Ihnen in dieser Minute etwas sagen. Dies ist der schönste Abend meines Lebens!“

„Herin!“ rief Wera, und Kadri brachte einen grossen Teller Frühherbstäpfel, Käse und Gebäck.

„Wünschen Frau Baronin, dass ich Kaffee mache? Wir haben noch welchen. Ich habe in der vorigen Woche frisch gebrannt.“

„Ja, machen Sie Kaffee und bringen Sie eine Flasche Stockmannshäuser Pomeranzen.“

„Ja, wir haben noch, Frau Baronin. Und dann wäre der Doktor Livonius da. Jakats hat das Pferd schon in den Stall geführt.“

„Das sagst du erst jetzt?“ fragte Wera.

„Der Doktor wollte es so. Ich habe ihm die Kammer angewiesen. Sie ist ganz in Ordnung. Er fragte, ob er stören würde.“

„Dummheiten“, sagte Wera. „Wo ist der Doktor? Sie entschuldigen mich.“

Sie rannte mit der alten Kadri hinaus.

Karl sah auf die grosse Schüssel mit Äpfeln und auf den duftenden Arensburger Käse, der so gross wie ein halbes Wagenrad auf der Holzplatte lag. Livonius, dachte er. Richtig, das ist der Doktor, an dessen Haus man vorbeigekommen war. Das Haus war doch aber leer? Ach ja, richtig, er hatte sich verborgen. Dieser Doktor kam direkt aus der Hölle und roch nach Schwefel. Der Abend war so nett, so lieb gewesen, und man war so dankbar ...

Karl nahm einen der hellgelben Äpfel und sah ihn ein Weilchen an. Er griff nach einem der Obstmesser, die auf den Äpfeln lagen. Wenn die Kerne noch weiss sind, dann habe ich kein Glück, wenn sie braun sind, ist mein Glück reif!

Er schnitt den Apfel in zwei Teile. Es gab zwei weisse und drei braune Kerne ... Wera kam zurück, hinter ihr ein kleiner weisshaariger Herr mit einem weissen Spitzbart.

Der ist auch aus einer Mottenkiste des Jahrhunderts auferstanden, dachte Karl ingrimmig.

Der kleine Herr aber schritt schnell an Wera vorbei und stellte sich vor: „Doktor Livonius“, und sagte mit ausgesprochenem Wiener Tonfall: „I bitt Ihnen, Herr Leutnant, lassens' sich net inkommodier'n. Die Frau Wera hat nur net geruht, bis ich hereinkam und mit euch nachmahlte. Dabei hat's gelogen, die Frau Wera. Ihr seid's ja schon fertig.“

Wera schob dem Doktor einen Stuhl hin und reichte ihm Brot und Butter. „Also drei Tassen Kaffee und Stockmannshäuser Pomeranzen“, sagte sie dann zu Kadri. „So, Doktor, nun erzählen Sie!“

„I bitt Sie, Frau Wera, sollich nachmahlen oder soll ich erzählen?“

„Wera goss ihm einen Wodka ein und holte die Büchsen mit Spröten und Scumbria wieder heran. „Essen Sie erst, und dann erzählen Sie! Ich werde inzwischen Herrn Leutnant Westerkamp ...“

„Westerkamp?“ sagte der Doktor. „Hörns, war Ihr Vater Professor an der Hochschule in München?“

„Nein“, sagte Karl, „mein Vater war Reeder.“

(Fortsetzung folgt.)

Das wertvolle, zeitgemässe, brasilianische Buch „Deutsche Gedichte“

in Prosa und Vers von **Lacerda Ortiz** ist erschienen. Preis 5\$000 — Durch die Post 6\$000 Zu beziehen bei folgenden Stellen: **S. Paulo:** Livraria Delinee, Rua São Bento 541, C. Hajmann, Rua Cons. Crispiniano 2a, Rua Victoria 200 **Rio de Janeiro:** Fr. Kumlin - Rua dos Andradas 84, 2.º Etad, Apart. 23, Telephon 23-4977

“Poemas Germanicos”

em prosa e verso **Lacerda Ortiz** P. eço: 5\$000 — pelo correio 6\$000 **À venda em S. Paulo:** Livraria Delinee Rua São Bento 541, Livraria C. Hajmann, Rua Cons. Crispiniano 2a, e na Redação deste jornal à Rua Victoria 200 **Rio de Janeiro:** Fr. Kumlin, Rua dos Andradas 84 2.º andar, apt. 23, Telehone: 23-4977

Der Krieg der Grossrentnerkaste

Plutokraten und Großverdiener, die Deutschlands soziale Arbeit fürchten / Von einem ehemaligen österreichischen Diplomaten

Der nachfolgende Aufsatz stammt von einem ehemaligen österreichischen Diplomaten, der in verschiedenen europäischen Hauptstädten tätig war. Er gewährt einen aufschlussreichen Einblick in das Leben und Treiben jener englischen Herrenschaft, die ausschliesslich die Verantwortung für den gegenwärtigen Krieg trägt und die ihn nur deshalb entfesselt hat, weil sie in ihm das letzte Mittel zu erblicken glaubte, um ihre beherrschende Stellung im Staate sowohl in der Politik als auch gegenüber dem arbeitenden Volke, und damit den ganzen unvorstellbaren Luxus ihres privaten Lebens aufrechtzuerhalten.

Die sogenannten grossen Demokratien des Westens tun sich bekanntlich sehr viel auf ihre freiheitlichen Einrichtungen zugute. Der Parlamentarismus, sowohl in England, wo er sich allmählich aus ständischen Vertretungen entwickelt hat, als auch in Frankreich, wo er auf die Revolution von 1789 oder, richtiger gesagt, auf die Schreibtischklügelerei des Abbé Sieyès zurückzuführen ist — von andern parlamentarischen Systemen ganz zu schweigen, die mehr oder weniger dem französischen nur nachgebildet sind — ist längst von gründlichen Kennern der Staatswissenschaften als eine Täuschung entlarvt worden. Die politische Freiheit, die der Wähler geniesst, ist auf den Augenblick beschränkt, in dem er seinen Stimmzettel abgibt. Im übrigen wird der den Parlamenten zustehende Einfluss auf die Regierungsgeschäfte von einem Klüngel professioneller Politiker ausgeübt, die damit hauptsächlich persönliche Vorteile verbinden. Die Errungenschaft, welche die Abschaffung der Vorrechte des Geburtsadels ursprünglich bedeutet hat, ist längst dadurch illusorisch gemacht worden, dass sich noch viel grösserer Vorrechte in allen Demokratien eine Plutokratie bemächtigt hat, die nicht weniger erheblich ist, als der Adel. Diese bevorrechtete Stellung der Plutokratie geht in gewissen demokratischen Staaten so weit, dass man sagen darf, der Grundsatz der Gleichheit aller Staatsbürger vor dem Gesetz gelte in diesen Ländern heute weniger als zur Zeit der absoluten Monarchien mit ihren Privilegien für den Geburtsadel.

Das ist keine tendenziöse Uebertreibung. Weit davon entfernt! Es gibt zwar von Zeit zu Zeit in Frankreich, England oder in den Vereinigten Staaten einen Finanzskandal, einen Sittensskandal oder einen Rechtsskandal, und dann wird der eine oder andere herausgerissen und an den Pranger gestellt, damit das Volk sehe, in welchem herrlichen und unfehlbaren Rechtsstaat es lebe. Aber alle diese Skandale, die hin und wieder in den Demokratien aufliegen, sind nur ein geringer, ein verschwindender Teil jener Verbrechen, die fortlaufend unter dem Schutz des grossen Finanzkapitals geschehen.

Die äusseren Merkmale der Plutokratien

Wenn in der Polemik gegen die Westmächte diese häufig die kapitalistischen Mächte genannt werden, so trifft das nicht ganz die Lage der Dinge. Ein Mann, der sich durch ehrliche Arbeit ein Vermögen oder einen Besitz von den bei uns möglichen oder üblichen Ausmassen erworben hat, hat nichts mit der Kaste zu schaffen, von der hier die Rede ist. In dieser Kaste hätte man nur ein mitleidiges Lächeln für einen darartigen Idealisten, der noch nach Schweiss riecht. Hier handelt es sich um Plutokratien. Das „Herrschen“, das in diesem Wort liegt, muss dabei im schärfsten Sinne des Begriffes verstanden werden. In einem Sinne, der die schrankenlose Ausnutzung der Macht, jede Art von Willkür und eine vor keinem Verbrechen zurückschreckende Entschlossenheit zur Selbstbehauptung in sich begreift. Es ist schon gesagt worden, dass die Plutokratie eine ausserrechtliche Stellung für sich im Staate beansprucht. Das ist eines. Das andere ist, dass sie in den Händen einer geschlossenen Kaste liegt. Es wäre ganz falsch, nur etwa an eine unbestimmte, fluktuierende Menge von Menschen zu denken, die gerade in diesem Augenblick als aussergewöhnlich vermögend bezeichnet werden können. Es handelt sich um eine ganz bestimmte Anzahl von Familien, die über zwei Drittel oder drei Viertel des Nationalvermögens ihres Landes verfügen, von denen nur in Ausnahmefällen einer aus der Stellung verdrängt werden kann, und in deren Kreis ebenso selten ein Eindringling aufgenommen wird. Ein solcher Neuling heisst dann Selfmademan, ein Mann, der

„sich selbst gemacht hat“, wobei das „Sichzum-Manne-machen“ gar keinen Bezug hat zu seinen geistigen und moralischen Eigenschaften, seinem Wirken im öffentlichen Dienst, zu wissenschaftlichen, künstlerischen oder technischen Leistungen, zu Mut, Charakter, Gesinnung oder beispielhaftem Handeln, sondern ausschliesslich das Bankkonto des Mannes betrifft. In Paris sprach man von den „200 Familien“, die Frankreich regierten. In England sind es vielleicht 500 oder 600.

Diese paar hundert Familien, die nach einer groben Schätzung über etwa hundert Milliarden Pfund verfügen, regierten heute das, was man die abendländische Welt nennt. Und noch ein Drittes muss hier festgehalten werden: Die laufenden Einkünfte dieser internationalen Geldkaste bestehen zum weitaus grössten Teil aus festen Renten, aus den Erträgen von Latifundien, Gruben, Bergwerken, Oelquellen, Baumwollfeldern, grossen Viehwirtschaften, Banken, Eisenbahnen, Versicherungsanstalten, Schiffahrtskompagnien und internationalen Kanalgesellschaften. Sogenannte Industriekapitäne, die produktiv arbeiten und der menschlichen Tätigkeit neue Wege öffnen, kommen in dieser Kaste der modernen Plutokratie nur vereinzelt vor, wie etwa in den

geräumigen Zimmern, und die um alle vier Wände laufenden Schränke reichten in drei Abteilungen bis unter die Decke. Der junge Mann besass, wie ich mich überzeugen konnte, 350 Anzüge, 25 Mäntel und 200 Paar Schuhe, natürlich auch einen Diener, der nur damit beschäftigt war, diese Garderobe instand zu halten. Einige Jahre später traf ich ihn wieder in London, wo er im auswärtigen Amt arbeitete. Er hatte inzwischen geheiratet, und seine Frau verbrachte den Winter wie viele Engländerinnen in Kairo.

Da wir ein nächstes Zusammentreffen verabreden wollten, sagte er mir, er werde einige Tage von London abwesend sein, da seine Frau Geburtstag habe und er sie aus diesem Anlass in seinem Flugzeug zu besuchen wünschte. Auf dem Fluge nach Kairo wollte er in Paris einige Stunden Aufenthalt nehmen, um bei seinem dortigen Juwelier für seine Frau Schmuck einzukaufen. Als ich ihn verliess, reizte es mich, die Elendsquartiere von Whitechapel aufzusuchen, wo Menschen in verfallenen Häusern, die nurmehr Erdhöhlen gleichen, auf Resten von Matratzen, die von Unrat starren, in verlaunten Lumpen ein Leben fristen, das wahrlich diesen schönen Namen Leben nicht mehr verdient.



Bestehen Sie auf Cafiaspirina Tabletten in der schützenden Cellophan Packung.

• Ohne Zweifel, in jedem Heim wird Cafiaspirina als das Qualitätsprodukt betrachtet. Es ist hervorragend, um Sie von Kopfschmerzen, Migräne oder Nervenschmerzen schnell und unfehlbar zu befreien. Cafiaspirina bringt Ihnen Erleichterung und Frische und verhilft Ihnen ausserdem zu Wohlbefinden. Es ist ein Bayer Präparat.

• Beugen Sie vor: Haben Sie stets Cafiaspirina zur Hand!

CAFIASPIRINA gegen Schmerzen

Familien des früheren Hochadels einer als Künstler oder Gelehrter aus der Art geschlagen hat.

Die Herrschaft einer Klasse

Diese moderne Plutokratie lebt in einem Stil, der über alle landläufigen Begriffe eines Lebens reicher Leute weit hinausgeht und erst seit dem Weltkrieg durch den erhöhten Steuerdruck da und dort eine kleine Abschwächung erfahren hat. Und nicht nur der Chef, sondern jedes einzelne grossjährige Mitglied einer dieser Familien lebt in einem solchen Stil. Jahreseinkommen von 5, 10 und 20 Millionen Mark je Person sind in diesen Kreisen nichts Seltenes. Zum normalen Immobilienbesitz eines jeden einzelnen dieser Kaste gehören: ein Palais in einer grossen Stadt mit einer Villa in der Umgebung, einige Landhäuser, etwa eines an der Riviera, eines in der Schweiz und eines irgendwo in Italien, ein Grossgrundbesitz, mehrere Jagdgüter und eine Anzahl von Zinshäusern als Anlagewerte. Dazu kommen mehrere Automobile, mindestens ein Privatflugzeug, eine grosse und eine kleinere Yacht. Nun vergegenwärtige man sich, was allein die Instandhaltung all dessen und die hierfür notwendige Angestelltenschaft kostet.

In Rom zeigte mir ein englischer Legationssekretär seine Garderobe. Es war ein

Mit dem, was jener Geburtstagflug den jungen Engländer kostete, hätten zwanzig dieser Ausgestossenen für ihr ganzes weiteres Dasein versorgt werden können.

Himmelschreiende Gegensätze

Die Hochburg der Plutokratie ist England. Es gibt nirgends in der Welt so himmelschreiende Gegensätze zwischen den menschlichen Existenzen wie hier. Alle Welt weiss von diesen Gegensätzen, sie sind viele hundertmal in sozialpolitischen Büchern und Romanen behandelt worden, sie werden von Zeit zu Zeit in öffentlichen Versammlungen erörtert. Nur dort, wo sich das Gewissen dieses Volkes, wenn es eines hätte, wirksam aufbäumen sollte und könnte, im Parlament, schweigt man darüber diskret. Denn dieser englische Parlamentarismus ist doch nichts als eine gestellte Szenerie, auf der die Parlamentarier mit verteilten Rollen ein einverständliches Schauspiel aufführen. Die Männer, die im Unterhaus wie im Oberhaus den Ton angeben, gehören der Plutokratie an. Viele andere Parlamentarier zählen zur kleineren Gefolgschaft der Grossrentnerkaste. Der Rest wird durch gelegentliche Tränkelder kompromittiert. Alle miteinander sind gesättigt. Einzelne halten es für ihre Pflicht, hin und wieder eine Tirade für die grosse Menge von Stapel zu lassen, weil so etwas

Serdinand Oppenberg Kriegsgebet

Herrgott, du hast uns auserseh'n, den grossen Kampf zu führen. Gib Kraft uns, dass wir ihn besteh'n, gib Mut uns, wenn zum Sturm wir geh'n und sich die Trommeln rühren.

Du hast den Führer uns gesandt als deiner Allmacht Zeichen. Schirm' seine und des Volkes Hand im Sturmgefecht und Feuerbrand, gib, dass wir niemals weichen.

Gib allen uns ein starkes Herz in schweren, dumpfen Tagen. Gib, dass wir licht- und himmelwärts im Kampf von Blut und Stahl und Erz die Schlacht zu Ende schlagen.

einen guten Eindruck macht. Aber nicht ein einziger denkt daran, die Hand ernsthaft gegen die Unterdrückung durch die Plutokratie zu erheben, weil er weiss, dass sie ihm so gleich würde abgehakt werden.

Die englische Plutokratie ist heute fester gefügt als die Plutokratie jedes andern Landes. Ihre Ränge sind geschlossen. Soweit Mitglieder des Hochadels ihr nicht auf Grund ihres Vermögens angehören, werden sie als inaktive Ehrengäste geduldet. Ihre gesellschaftliche Rolle besteht darin, den Reichtum und das Glück Englands öffentlich zur Schau zu stellen, bei den grossen Garden Parties, auf Reiterturnieren, auf der Blumenschau in Chelsea, zur Opernsaison in Covent Garden, beim Derby in Epsom, bei den Segelregatten in Cowes, bei den Rennen im königlichen Ascot. Von altem Piratengeist erfüllt, kennt diese englische Plutokratie nur einen Gedanken: ihre Stellung zu festigen und, wenn es darauf ankommt, bis aufs Messer zu verteidigen.

Zur Befestigung ihrer Macht hält sie ihre Vertrauensleute in allen wichtigen Diensten: in den Aemtern des Innern, des Auswärtigen und der Finanz, in der Diplomatie, im Generalstab, in den grossen Banken, natürlich auch im Parlament, bei Hof und in der Presse. Fühlt sie aber einmal den Boden unter sich zittern, dann muss gleich der Olymp in Bewegung gesetzt werden, und wenn er sich nicht bewegen lässt, der Acheron. Als vor zehn Jahren der Strom der Renten plötzlich schlammiger wurde, musste die Regierung mit den Dominien das Abkommen von Ottawa schliessen. Als einige Jahre später wiederum ein leichtes Beben durch die Banksafes ging, sollte das Währungsabkommen mit den Vereinigten Staaten und Frankreich jede Gefahr bannen. Doch dauerte es nicht lange, da hatte die Plutokratie Englands wieder das Gefühl, dass eines Tages auch diese Sicherungen nachgeben könnten. Ein Schauer wehte sie an, wenn sie das Dröhnen der Maschinen aus Deutschland vernahm. Ein scharfer Wind wehte den Rhein herüber und vom Mittelmeer herauf. Da beschloss die englische Plutokratie den Krieg gegen Deutschland.

Dieser Krieg ist daher der Krieg der Grossrente gegen die Arbeit. Die Rente hasst die Arbeit wie die Pest, denn die junge Arbeit allein vermag die alte Rente zu entthronen. Was soll dagegen das heuchlerische Spiel englischer Minister mit Kriegsgründen! Aber lange genug hat man die Welt über den eigentlichen Sinn dieses Krieges noch hinwegtäuschen können!

Schlechtes Omen für Kanadier

Kanadische Flieger, die zur Verstärkung der englischen Luftwaffe nach England geschickt worden sind, haben nach Angaben in der Londoner Presse ihren eigenen Kriegsgesang mitgebracht. Er beginnt bei Pompejus, Darius und Cyrus, um schliesslich zu verkünden: „Wir werden die Weltgeschichte zum Zittern bringen mit unserer Macht, wir werden uns versammeln auf den Strassen von Hitlers altem Berlin, ohne uns kann der grosse Schlag nicht losgehen, und wenn wir die Nazis zur Vernunft gebracht haben, wird ihre Regierung stürzen und in jedem Haus wird ein Mädchen auf uns warten. Einen wunderschönen Krieg haben wir zu gewinnen (!)“

Zitiert nach dem „Daily Telegraph“. Wo haben wir das schon einmal gehört? Sangen nicht die polnischen Soldaten so ähnlich, als sie nach Berlin marschieren wollten? Auch die kanadischen Maulhelden wären besser zu Hause geblieben!

Fremde zerrissen das Reich

Der Krieg der 30 Jahre — Die Fremden nutzen deutsche Not — Die Leiden des Landes und des Volkes — Zerstörungen ohnegleichen — Das Beispiel aus Württemberg — Eines der vielen deutschen Wunder — Die intriganten Friedensstifter zu Osnabrück — Abtretungen und Kriegschädigungen — „Deutschland kann nur durch Deutschland wiedergeboren werden“

Mit einem Streit über die religiösen und politischen Gerechtsame der kaiserlichen Untertanen in den habsburgischen Erbländern hatte der Krieg der dreissig Jahre, der deutsche Krieg, im Jahre 1618 begonnen. Dann hatte dieser Streit das ganze Reich ergriffen und sich zu einem erbitterten Existenzkampf zwischen Protestanten und Katholiken ausgewachsen, bis er sich mählich wandelte, so dass sich die feindlichen Religionen plötzlich in einer Front dem Kaiser gegenüber sahen und der Streitfall auf den Nenner: kaiserliche Zentralgewalt gegen territoriale Selbständigkeit gebracht worden war. Und endlich hatten sich die Fremden des Krieges bemächtigt, um soviel als möglich im trüben zu fischen.

Sie hatten das Land hin und her gerissen, in tausend und aber tausend Wunden geschlagen und es restlos erschöpft. Man kann ermessen, was dieser Krieg das Reich und das deutsche Volk gekostet hat, wenn man nur einmal die Zahlen für Württemberg vergleicht. Im Ausgang des Dreissigjährigen Krieges lagen in dieser deutschen Landschaft nicht weniger als 8 Städte, 45 Dörfer mit 65 Kirchen, 230 öffentlichen und 30.086 Privatgebäuden in Schutt und Asche. Dazu waren 40.000 Morgen Weingärten, 248.000 Morgen Ackerland und Gärten und 24.000 Morgen Wiesenland teils vernichtet, teils mussten sie aus Mangel an Menschen ungebaut brach liegen. Und diese Zahlen stammen nicht etwa aus dem Jahre 1648, sondern aus dem Jahre 1654, in dem man doch den Krieg schon leidlich zu überwinden begann.

Es ist eines der vielen Wunder, die eben nur in Deutschland möglich sind, und die, sich von Jahrhundert zu Jahrhundert wiederholt haben, dass die nicht zu verderbende Kraft dieses Volkes sich immer wieder über die Ruinen der Zeit erhob, um eine Zukunft neu zu zimmern. An den Fremden lag es weislich Gott nicht, dass dies gelang. Sie hatten endlich ihre Interessen befriedigt gesehen. Sie hatten im Lande gehaust wie die Teufel, ganz gleich, ob es sich um Franzosen oder Schweden handeln mochte. Sie waren in einem Land, das keinen eigenen Willen mehr hatte, und sie behandelten es dementsprechend.

Nun also hielten sie den Zeitpunkt für gekommen, sich zusammensetzen. Im Friedenssaal zu Osnabrück kann man die intelligenten und intriganten Profile dieser Friedensstifter betrachten. Da sieht man das verschlagene blinzelnde Auge des kaiserlichen Gesandten Max Grafen von Trautmannsdorf, da kann man die Schweden Adler Salvins und Johann Oxenstjerna, des Kanzlers umebenbürtigen Sohnes, bewundern. Da kann man sie alle sehen, die Jahre brauchten, bis sie an einem Tisch zusammenkamen, Jahre, bis sie sich hinreichend beschnuffelt hatten, und Jahre, bis sie endlich das Instrument und seine Durchführung unter Dach und Fach bekamen. Sie hatten eine Gemütsruhe ohnegleichen. Während das Land noch im Jahre 1645 unter den Lasten des Krieges seufzte, unterhielten sie sich über bahnbrechende Fragen, ob den Gesandten der Kurfürsten vielleicht das Prädikat „Exzellenz“ zuzubilligen sei!

Franzosen und Schweden waren einträchtig

beisammen, und sie hieben wacker auf das Reich ein. Sie warfen als erstes einen Zankapfel in die Debatte, dessen verderbliche Wirkung das Reich zu einem elenden Untergang treiben sollte: sie verlangten für jeden Reichsstand die unverkürzte Geltung der sogenannten landeshoheitlichen Rechte, einschliesslich des Rechts mit auswärtigen Staaten Bündnisse zu schliessen! Und dann begannen sie sich vom Reichsgebiet auszusuchen, was ihnen gefiel. Am eiligsten hatten es die Schweden, die mit dieser Raffgier am schlagendsten die Mär widerlegten, ihr König Gustaf Adolf sei nur um des Evangeliums willen in Deutschland gelandet. Sie nahmen sich ganz Vorpommern mit Rügen, und von Hinterpommern noch Stettin, Garz, Damm, Gollnow und die Insel Wollin nebst dem Frischen Haff dazu, ausserdem noch Wismar mit seinem Hafen und die Bistümer Bremen und Verden als weltliche Herzogtümer. Dafür erhielten sie dann einen Sitz im deutschen Reichsverband und damit im Reichstag (!) sowie das Recht, in diesen Gebieten ein eigenes Appellationsgericht zu gründen und damit sein Recht dort einzuführen. Endlich — mit Land allein nicht zufrieden — nahm die Krone Schweden dem Reich noch einen Geldbetrag von 5 Millionen Talern ab, um ihre auf deutschem Boden sengenden und brennenden Horden abzulohnen zu können! Schweden war also Herr der Ostsee geworden, hat-

te an der Nordsee festen Fuss gefasst und konnte ausserdem in innerdeutsche Angelegenheiten hineinschwätzen.

Frankreich war nicht weniger auf Abtretungen versessen. Es bekam endgültig die Rechte an Metz, Toul und Verdun, es legte seine Hand ungestraft auf das Land Lothringen, dessen Herzog vertrieben war, und es wusste wegen des Elsass so verklaustrierte Bestimmungen durchzusetzen, dass es den französischen Diplomaten unschwer gelingen konnte, hineinzudisputieren, was sie darin sehen wollten. Endlich erhielt es noch die Anerkennung seines Besitzes von Pinerolo und das Besatzungsrecht von Philippsburg, hatte also am Oberrhein seine Grenzen bis an den Strom selbst vorgeschoben.

Und neben allen diesen schwätzten sie in kirchlichen Fragen auf unabsehbare Zeit in die Reichssachen hinein. Man sträubte sich vergebens dagegen.

Es hatte mehrere Hundert Jahre gedauert, es hat der Anstrengungen eines Friedrich Wilhelm von Brandenburg bei Fehrbellin, eines Friedrich, der Befreiungskriege und der Einigungskriege bedurft, um die schwersten Folgen von 1648 wenigstens oberflächlich zu beseitigen und die Aasgeier vom Leibe des Reiches zu verschrecken. Dass dies aber geschehen konnte, war das Verdienst nicht allein der Fürsten, sondern jener deutschen Männer, die, wie Wassenberg, dem Volke unablässig einprägten: „Das Reich kann nur durch das Reich, Deutschland durch Deutschland wiedergeboren werden. Als Kinder eines Leibes, eines Staates, als Brüder müssen sich alle Deutschen in Liebe umfassen und mit allen Kräften und Tugenden heldenmütig jenem grossen Ziele zuströben!“

Die geschichtliche Aufgabe des Generalstabes

Generalleutnant Dr. Erfurth

Die geschichtliche Entwicklung des deutschen Generalstabes ist durch die lange Amtsdauer der Generalchefs sichtlich bestimmt worden. Sie hatten Zeit, Erfahrungen zu sammeln und Schule zu machen. In den 100 Jahren zwischen den Befreiungskriegen und dem Weltkrieg hat es nur acht Chefs des preussisch-deutschen Generalstabes gegeben. Besonders lange amtierten Schlieffen (15 Jahre), Krauseneck (20 Jahre) und Moltke (32 Jahre).

Der preussische Generalstab, aus dem später der deutsche hervorging, entstand nach der Niederlage von Jena, in der sich die preussischen Führungsmethoden nicht mehr als zeitgemäss erwiesen hatten. Der Feldherr

der schlesischen Armee beim Endkampf gegen Napoleon ist massgebend geblieben für das deutsche Heer. Die Rollenverteilung zwischen dem Feldherrnpaar Blücher und Gneisenau hat die dem deutschen Heere eigentümliche Lösung für das Feldherrntum gebracht: gemeinsame Verantwortung und Beteiligung an der Führung von Feldherrn und Generalstabschef. Gewaltige Siege der neueren deutschen Geschichte sind durch Feldherrnduumvivate erfochten worden: König Wilhelm und Moltke, Hindenburg und Ludendorff, Mackensen und Seeckt.

Seine geschichtliche Aufgabe, Hauptbildungsschule des Heeres im Frieden zu sein, ist dem Generalstabe durch General v. Grolman



Generaloberst v. Brauchitsch



Generaloberst Keitel

konnte bei den immer grösser werdenden Heeren nicht mehr alles persönlich regeln. Er brauchte Mitarbeiter und Gehilfen, kurz einen Generalstab, um die Heeresmaschine im Gang zu erhalten und die getrennt vorgehenden Streitkräfte zu einheitlicher Wirkung zu bringen. Die Grundlage zum preussischen Generalstab wurde durch Scharnhorst gelegt; durch ihn sind sorgfältige Auslese und planmässige Ausbildung zur Richtschnur für die ganze spätere Entwicklung des Generalstabes geworden.

Die heutige Ordnung und Einteilung des Generalstabsdienstes stammt von Gneisenau. Der Ablauf des Dienstes im Hauptquartier

gewiesen worden, der nach den Befreiungskriegen die Friedensorganisation des Generalstabes geschaffen hat.

Durch Moltke wurde der deutsche Generalstab in der ganzen Welt bekannt gemacht. Er war der grösste der aus der Schule des Generalstabes Hervorgegangenen, war nicht nur der unerreichte Generalstabschef, sondern einer der grössten Heerführer aller Zeiten. Seit Moltkes Tagen waren alle unsere Feinde überzeugt, dass der deutsche Generalstab im Besitz des Geheimnisses des Sieges sei. Kein Wunder, dass im Diktat von Versailles die Abschaffung des Generalstabes gefordert wurde. Es ist den Feinden nicht gelungen, den

Generalstab zu zerstören. Seit Wiederherstellung der deutschen Wehrfreiheit ist auch der Generalstab, wohl in veränderten Formen, aber im Geiste seiner Schöpfer, wiedererstanden. An seiner Spitze steht im jetzigen Kriege als Generalstabschef General der Artillerie Halder. Unter ihm arbeitet der Generalstab, der seinen Stolz darin sieht, nach dem Vorbilde Moltkes und Schlieffens viel zu leisten und wenig hervorzutreten.

Der deutsche Generalstab war stets eine in der Stille wirkende Kraft, auf das engste verknüpft mit den glanzvollen Ereignissen der deutschen Geschichte und — wie der geschichtliche Ablauf beweist — von höchstem Nutzen für Heer und Vaterland.

Neue Anekdoten

von Karl Lerbs

Gerüchte...

Als der Siebenjährige Krieg begonnen hatte, waren in Frankreich — man fühlt sich versucht zu sagen: natürlich — oftmals die tollsten Gerüchte verbreitet; und Ludwig der Fünfzehnte war, offenbar in Ermangelung einer unmittelbaren Kriegsbetätigung, einer ihrer eifrigsten Weiterträger.

„Denken Sie,“ sagte er eines Tages zur Herzogin von Orleans, einer gebürtigen Prinzessin von Conti, „es heisst, der König von Preussen sei gefangen und würde demnächst nach Paris gebracht werden.“ „Prächtig,“ sagte die Herzogin. „Ich habe mir schon immer gewünscht, einmal einen richtigen König zu sehen.“

Finanzwirtschaft

Charles Alexandre de Calonne, in der vorrevolutionären Zeit Frankreichs Finanzminister, ein rosiger, geschmeidiger und frohgemüter Herr, trug durch seinen vergnüglichen und optimistischen Geldbetrieb viel dazu bei, dass nach ihm die Sintflut kam.

„Lieber Calonne,“ sagte die ahnungslose und leichtsinnige Königin Marie Antoinette eines Tages, „Sie müssen mir Geld schaffen — viel Geld, viel Geld... Können Sie das?“

„Majestät,“ versetzte Calonne mit französischer Nonchalance, „ich bitte zu befehlen. Wenn es möglich ist, so ist es bereits geschehen, und wenn es unmöglich ist, so wird es geschehen.“

„ — la meme chose“

Charles Maurice, Fürst von Talleyrand-Périgord, Aristokrat, Weltmann und, Diplomat von der geschmeidig-tödlichen Treffsicherheit einer stählernen Klinge, sass in seinem Schloss Valençay am Kamin und hörte Herrn Adolphe Thiers zu.

Thiers, zappelig, hitzig, war verzweifelt. „Sie betrüben mich, mein Fürst,“ sagte er. „Immer, wenn ich mit Ihnen von Politik sprechen will, fangen Sie an, über die Frauen zu reden.“

„Aber ich bitte Sie, mein Freund,“ erwiderte jener, „das ist doch dasselbe!“

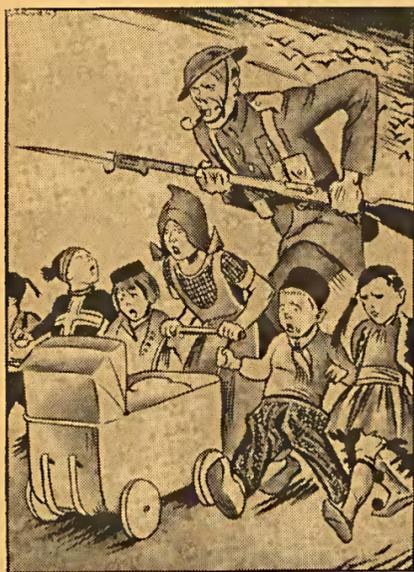
England — Irland

G. K. Chesterton, der Dicke, und Bernard Shaw, der Magere, trafen in einer Gesellschaft zusammen.

Chesterton sagte: „Immer, wenn ich Sie sehe, muss ich mir vorstellen, es wäre eine Hungersnot ausgebrochen.“

Shaw antwortete: „Richtig. Und immer, wenn ich Sie sehe, muss ich mir vorstellen, Sie wären daran schuld.“

Es war einmal ...



So jagte England die Neutralen

Es war einmal ...



Ham and eggs ...



DIE NÄHMASCHINE FÜR JEDEN HAUSHALT

AGENTEN AN ALLEN PLÄTZEN

THEODOR WILLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO 79/81 RIO DE JANEIRO

Hotel Floresta FRIBURGO



Est. de Rio de Janeiro EF Leopoldina Rua 3 de Janeiro 161 Tel. 162 Das schönste gelegene in Friburgo Bes. J. M. Sitte

Deutsches Heim, Rio de Janeiro

Rua 7 de Setembro 140 - 1. Stock
Tel. 42-3601
Mittag- und Abendtisch auch nach der Karte
Stets frischer Schoppen - Reichhaltige Getränke

OTTO MEISTER

Rua Buenos Aires Nr. 84 / Telefon 23-4772
Telegr.: „ENSINO“ / RIO DE JANEIRO
Filiale: Praça Patriarcha, 8, 8.º and. / S. PAULO
Lehrmittel für Gymnasien u. wissenschaftliche Institute - Physik - Chemie - Naturgeschichte - Geographie
Konstruktion und Reparatur von Präzisionsinstrumenten

Rio-Besucher

DANUBIO AZUL

Avenida Mem de Sá 34
Telefon 22-1354
Prima Küche
Täglich Konzert
Zmeriten Stad Tanz

BAR UND RESTAURANT Siederklause

Rua Theoph. Ottoni 126
RIO / Tel. 43-5178
Deutsche Küche
Brahma-Chopp
Inhaber: Fritz Schaade

“UFAR”

Electro-Transformadores Ltda.
Rio de Janeiro, Rua da Alfandega, 84, sobr.
Telegrammadresse: „UFAR“

Fabrikation von: Transformatoren jeder Art

Zimmerantennen

Import von: Stablaternen

Fahrradlaternen

Trockenelementen

Radio-Material

Messinstrumenten

Casa Germania

RESTAURANT UND BAR
GEORGI & FUCHS

SPEZIALITÄT: Mittag- u. Abendessen
Aufschnitt
RUA DOMINGOS FERREIRA, 220 - RIO
(Ecke Barão de Ipanema)
Gröffnet bis 1 Uhr nachts - Tel. 47-0805

Reparaturen sämtlicher Uhren garantiert



Josef Herold
Uhrmacher
Rua da Alfandega, 130

Pension Hamburgo

RIO DE JANEIRO

Altrenommierte Familienpension im Zentrum der Stadt. - Wunderschöne Lage
Grosser Garten. - Mässige Preise.
Rua Cand. Mendes 84 (Gloria) Tel. 42-3098
Inh. N. Neubert

Casa Esperança

Delikatessen
ff. Aufschnitt
Feinkostmittel für den feinsten Geschmack u. in allen Preislagen
Stets frisch

BARBETRIEB

Rua 7 de Setembro 79
nahe Avenida
RIO DE JANEIRO
Telephon: 31-2505

Vertretung

des
Deutscher Morgen



R. dos Andradas 84

2. Stock, App. 23

Rio de Janeiro

Telefon 23-4977

Frauz Kurlin

Merztetafel Rio

Dr. Fridel-Tschöpke

Säuglings- und Kinderarzt. Moderne Behandlung der Ernährungsstörungen (Brechdurchfall, Blutarmlut, Tuberkulose und Hautkrankheiten, Ultraviolet-Strahlen).

Consultorio: Rua Miguel Couto 5 von 2-5 Uhr. Tel. 22-0713. - Wohnung: Tel. 22-9080 Rio de Janeiro

Dr. Archimedes Peçanha

Adjunto do serviço do Dr. Paulo Brandão no H. S. F. de Assis

Ohren-, Nasen- und Halsleiden

Consultorio:

Rua Quitanda 5 - Tel. 22-5550 - Rio

Dr. Paul Cardozo-Legèze

in Deutschland ausgebildeter und approb. Arzt

Rua Alcindo Guanabara 15, 4. Stock

Telephon 22-0912 Rio de Janeiro

Sprechstunden: 9-12 und 3-6

Samstag: 9-11 und 12-3 Uhr

Preiswert Kölnisch Wasser Erfrischend

das beliebte Qualitätsprodukt der

Deutschen Apotheke - Rio

Rua da Alfandega 74 - Tel. 23-4771

Putz empfohlen

Das Wichtigste der Woche

Aus dem Transocean-Dienst (Agencia Memã)

Berlin, 20. - In vergangener Nacht unternahmen die Engländer auf mehrere offene Städte im westdeutschen Industriegebiet erneut Luftangriffe. Durch die ziellos abgeworfenen Bomben wurden in Köln und Recklinghausen eine Anzahl von Zivilpersonen getötet und viele verletzt.

Stockholm, 20. - Die englischen Behörden stehen gänzlich unter der Ueberzeugung, dass ein deutscher Grossangriff auf das Inselreich bevorsteht. Der Minister für nationale Sicherheit veröffentlichte einen Aufruf an die Bevölkerung, im Falle einer Invasion nicht zu fliehen, sondern auf dem Posten zu bleiben. 50 Millionen Flugblätter mit der Ueberschrift „Wie habe ich mich im Falle einer Invasion zu verhalten?“ wurden bereits verteilt. Die Regierung befasste sich auch bereits mit der Verschickung von vielen Tausend Kindern nach den Dominions. Zunächst sollen 10.000 nach Kanada, 5000 nach Australien und 5000 nach Südafrika und Neuseeland gebracht werden. Allerdings können

PETER JURISCH

RECHTSANWALT

RIO DE JANEIRO - CAIXA POSTAL 136
EDIFICIO ODEON, SALA 809

sich nur sehr begüterte Eltern mit derartigen Plänen tragen, während Arbeiterfamilien in England jede Aussicht auf eine Reise nach Uebersee versperrt ist.

Genf, 20. - Einer englischen Nachrichtenagentur zufolge sind die Sendungen britischer Kohle nach Frankreich eingestellt worden.

Berlin, 20. - Von der französisch-schweizerischen Grenze gelangen erschütternde Berichte über das Flüchtlingselend der Bevölkerung Frankreichs an die Öffentlichkeit. Infolge einer geradezu gemeinen Hass- und Lügenpropaganda sind Tausende von Familien aus Nordfrankreich mit armseligem Handgepäck oft 500 Kilometer weit ins Ungewisse gegangen, weil man ihnen die deutschen Soldaten immer wieder als „Hunnen und Barbaren“, als „Kindermörder“ und „Frauschänder“ geschildert hatte. Beim Begegnen mit

den deutschen Truppen, die die Flüchtlinge bei der rastlosen und schnellen Verfolgung der zurückflutenden französischen Heeresgruppen vielfach überholten, haben die Flüchtlinge dann die ganze Sinnlosigkeit dieser Propaganda kennengelernt und sind von den deutschen Soldaten im Rahmen des Möglichen beruhigt und unterstützt worden. - Besonders verzweifelt kommen zersprengte französische Truppenteile an der Grenze an. Sie sind übermüdet, haben tagelang nichts gegessen und äussern alle nur den einen Wunsch, dass der Krieg sobald wie möglich beendet sein möge.

Madrid, 20. - Der aussichtslose Habsburg-

Sprössling Otto ist mit seiner Mutter, der ehemaligen Kaiserin Zita, in Spanien eingetroffen, von wo die Reise nach Portugal weitergehen soll.

Detroit, 20. - Der bekannte nordamerikanische Grossindustrielle Henry Ford demutierte die von London verbreitete Meldung, wonach die Ford-Gesellschaft von der britischen Regierung mit der Herstellung von 6000 Rolls-Royce-Merlin-Flugmotoren beauftragt worden sei. Ford sagte wörtlich: „Wir stehen in keinerlei Geschäftsverbindung mit der britischen Regierung oder irgendeiner ausländischen Regierung.“

Waffenstillstands-Verhandlungen in Compiègne



Die Fahnen des Sieges über ganz Deutschland

Berlin, 20. - Die französische Regierung hat der Reichsregierung mitgeteilt, dass sie folgende Männer als ihre Bevollmächtigten für einen deutsch-französischen Waffenstillstands-Vertrag bestimmte: das Mitglied des Obersten Generalrats der französischen Armee Ge-

neral Huntzinger, Vizeadmiral Leluc, General der Luftwaffe Bergeret und Botschafter Noel. Der im 60. Lebensjahre stehende Leiter der Abordnung, General Huntzinger, entstammt einer elsässischen Familie. Die Uebergabe der deutschen Waffenstillstandsbedingungen erfolgt

in Compiègne, an gleicher Stelle, wo den deutschen Abgesandten im Jahre 1918 die Bedingungen eingehändigt wurden.

Rom, 20. - Die französische Regierung hat sich über die spanische Regierung an Italien gewandt und um Mitteilung der Bedingungen für den Abschluss eines Waffenstillstandes ersucht.

Berlin, 21. - In vergangener Nacht bombardierten britische Flieger die offenen Grossstädte Köln, Koblenz, Worms und Speyer am Rhein. Auch auf Privathäuser in Hamburg wurden Bomben abgeworfen. Ueberall sind Tote und Verwundete zu beklagen.

Berlin, 21. - Nach amtlicher Mitteilung sind alle britischen Meldungen über deutsche Truppenkonzentrationen in Ostpreussen frei erfunden - Die Behauptungen des englischen Rundfunksenders, dass spätestens in vier Monaten Deutschland von einer Hungersnot heimgesucht würde, wird vom Reichsernährungsministerium in folgender lakonischer Weise klar beantwortet:

1. Es ist nicht wahr, was über eine „schlechte Ernte“ gesagt wird noch was über die Seuchen unter dem Vieh und den Pflanzenbeständen gesagt wurde.



2. Die russischen Getreidelieferungen kommen regelmässig an.

3. Die deutschen Vorräte an Weizen sind noch ebenso gross wie zu Beginn des Krieges.

4. Ständig werden Bestände an Eiern, Butter und Fleischkonserven erhöht.
Stockholm, 21. - Die frisch eingezogenen englischen Rekruten müssen in Zivilkleidung Dienst tun, da kein Militärtuch vorhanden ist. Es werden Klagen laut, dass man seinerzeit den völlig zwecklosen weiblichen Hilfskorps geradezu verschwenderischer Weise Uniformen zur Verfügung stellte.

Madrid, 21. - Der Herzog von Windsor und seine Frau sind auf spanischem Boden eingetroffen. Auch der frühere belgische Ministerpräsident Pierlot, der ehemalige französische Aussenminister Daladier und andere einstige Grössen versuchen über Spanien und Portugal nach England zu gelangen.

Genf, 21. — Der „Tribune de Geneve“ zufolge haben in den letzten 24 Stunden 100.000 Mann der polnischen Emigrantentruppen die schweizer Grenze überschritten.

Oslo, 21. — Auf der Eisenbahnlinie Oslo-Bergen ist der Dienst wieder aufgenommen worden. Deutsche Eisenbahnpioniere haben in kürzester Zeit 17 gesprengte Brücken in einer Gesamtlänge von 2000 Meter auf dieser Strecke wieder hergestellt.

Newyork, 21. — In den Räumen des „Deutschen Handels- und Wirtschaftsdienstes“ wurde ein Bombenattentat verübt. Neun Personen wurden verletzt. Die Polizei vermutet, dass der Anschlag dem im selben Gebäude ein Stockwerk tiefer liegenden Deutschen Generalkonsulat gegolten hat.

Die Entwicklung der Kriegswirtschaft

Berlin, 21. — Die deutsche Presse stellt fest, dass Frankreich allein vom kriegswirtschaftlichen Standpunkt aus den Kampf nicht mehr weiterführen könnte. Die Einnahme der gewaltigen Waffenwerke von Le Creuzot bedeutete allein den Verlust von 12 Hochöfen, die der Stahlgewinnung dienen. Die Fabrikation dieser Werke wird sich jetzt zum Nutzen des deutschen Oberkommandos auswirken. Für Deutschland ist nun auch der Weg nach Spanien offen. Der Wiederaufbau dieses Landes wird jetzt trotz des Krieges weitergehen. Die Blockade des europäischen Festlandes gegen England ist mit dem Sieg über Frankreich vollständig geworden. Den deutschen Schnellbooten und U-Booten stehen erstklassige Häfen zur Verfügung. In England sind die Aktien im Sinken. Vor allem haben die Eisenbahngesellschaften starke Verluste zu verzeichnen. Das Geld fließt in ungeahntem Ausmass weiterhin nach Amerika ab. Genügend Lebensmittel stehen nur noch für einige Wochen zur Verfügung. Dagegen haben die deutschen Industriewerte an der Börse ein regelmässiges Ansteigen zu verzeichnen. Die Türkei, die soeben mit dem Reich ein neues Wirtschaftsabkommen abschloss, hat ihren Handelsvertrag mit England aufgekündigt. Auch alle anderen europäischen Länder suchen stärkere wirtschaftliche Anlehnung an Deutschland.

Berlin, 22. — Die deutsche Presse stellt zu den Waffenstillstandsverhandlungen in Compiègne fest, dass an diesem historischen 21. Juni die dem deutschen Volk 1918 auferlegte Demütigung ausgelöscht wurde. Die Zukunft werde erweisen, dass der Sieg Adolf Hitlers über den Westen nicht nur ein militärischer, sondern auch ein politischer Sieg ist. Der Schlusspunkt des Krieges zwischen Deutschland und Frankreich sei gleichzeitig der Ausgangspunkt für die Neuordnung Europas.

Madrid, 22. — Der Mitarbeiter der spanischen Zeitung „ABC“ berichtet aus London, dass dort die Furcht vor dem deutschen Angriff und vor dem Gespenst der „fünften Kolonne“ grenzenlose Ausmasse erreicht hat. Soldaten und Zivilisten mit geschultertem Gewehr gingen in den Strassen Londons umher und die letzte Hoffnung aller Engländer klammert sich an ihre Flotte.

Mailand, 22. — Die italienischen Behörden haben ausländische Pressevertreter zum Besuch der Rüstungswerke in Turin und Mailand sowie der Automobil- und Flugzeugwerke Fiat und Lancia, der Maschinen- und Lokomotivenfabrik Breda und anderer Betriebe eingeladen, damit sie sich vom ungestörten Arbeitsgang in diesen Werken überzeugen. Die englischen Sender hatten nämlich verkündet, dass die genannten Betriebe den Bombenangriffen der britischen Luftwaffe zum Opfer gefallen seien.

Genf, 22. — Der schweizer Arzt Dr. Brechet berichtet im „Journal de Geneve“, wie die deutschen Soldaten in Belgien alles nur Mögliche tun, um die durch den Krieg hervorgerufenen Leiden zu mildern. Ueberall steuert das Leben wieder einer normalen Abwicklung entgegen. Er habe nirgends Klagen der Bevölkerung über die deutschen Soldaten gehört. Dagegen seien die Belgier über die zahlreichen Schandtaten der Engländer vor ihrem Abzug äusserst empört. Sinnlos wurden Männer ermordet, Frauen geschändet, wurden Plünderungen und Zerstörungen verübt.

Madrid, 22. — Der ehemalige belgische Ministerpräsident van Zeeland, der sich in Begleitung anderer derrotistischer Politiker nach Spanien geflüchtet hat, hat ein Vermögen von einigen Millionen mitgenommen. Die Gesamtsumme verteilt sich folgendermassen: 200.000 französische Franken, 670.000 belgische Franken, 172.000 Dollars und 40.000 englische Pfund, alles in Gold.

Berlin, 22. — Britische Flieger warfen auf die Stadt Koblenz Brandbomben. Bei St. Goar wurde eine Personenfähre getroffen und ein Fischdampfer versenkt. Der Fährwächter wur-

de getötet. Bei einem Angriff auf Essen wurden eine Kirche und mehrere Privathäuser schwer beschädigt. Neun Zivilpersonen fanden den Tod. Eine grössere Zahl wurde verwundet.

Französische Waffenstillstands-Kommission in Rom

Rom, 23. — Dieselben Bevollmächtigten der Regierung Frankreichs in Bordeaux, die den Waffenstillstandsvertrag mit Deutschland unterzeichneten, sind mit ihren Begleitern am heutigen Sonntag 15 Uhr in zwei dreimotorigen Flugzeugen auf dem Flughafen Littoria eingetroffen. Der Verhandlungsort liegt in der Nähe von Rom.

Hannover, 23. — Englische Flieger bombardierten in letzter Nacht den Bückeberg an der Weser, auf dem in jedem Jahr in Gegenwart des Führers das Erntedankfest abgehalten wird. Die Haupttribüne wurde leicht beschädigt. Der Bückeberg hat keinerlei militärische Bedeutung. In Holland wurde ein Marinelazarett mit Bomben belegt.

Genf, 23. — Sofort nach Unterzeichnung des deutsch-französischen Waffenstillstandes hat England die diplomatischen Beziehungen zu Frankreich abgebrochen. Der letzte englische Botschafter in Frankreich, Sir Ronald Hugh Campbell, hat mit dem gesamten Personal der Botschaft Bordeaux an Bord eines Zerstörers verlassen.

Stockholm, 23. — Churchill richtete am Sonntag nach Bekanntwerden des Waffenstillstandsvertrages in einer Rundfunkrede ausserordentlich heftige Angriffe gegen die Regierung des Marschalls Pétain. Die britische Regierung sei bestürzt gewesen, dass Frankreich die deutschen Forderungen angenommen habe. Frankreich begäbe sich damit samt seinem Imperium in die Hände der Deutschen und Italiener und werde gezwungen, gegen seinen Alliierten zu arbeiten. Aber England werde den Krieg „bis zum Ende“ fortführen und dann dem französischen Volke seine Freiheit wiedergeben. Alle Franzosen ausserhalb des feindlichen Wirkungskreises müssten den Engländern zum schnellen Endsieg helfen. In Britanniens Presse und Rundfunk tobte eine üble Hetze gegen Frankreich, dem man alle Schuld an der Niederlage der Alliierten zuschiebt.

Genf, 24. — Der britische Rundfunk be-

stätigte am Sonnabendabend um 22.15 Uhr, dass die englische Regierung die Regierung in Bordeaux als unabhängige Regierung nicht mehr betrachte und statt deren ein sogenanntes „Nationales Französisches Komitee“ in London anerkenne.

Genf, 24. — Marschall Pétain geisselte in einer Rundfunkansprache am Sonntagabend die gehässigen Auslassungen Churchills, dem er jedes Recht absprach, Richter über die Ehre Frankreichs zu sein. Churchill habe doch nur die englischen Interessen im Auge gehabt, als er seinen ehemaligen Bundesgenossen angriff. Jetzt dürfe erst recht unter den Franzosen keine Spaltung auftreten. Die französische Fahne sei ohne Makel, stellte der greise Marschall fest.

Genf, 24. — Die Regierung in Bordeaux arbeitet eine Denkschrift aus, in der sie nach-

weisen wird, dass die britische Waffenhilfe völlig unzureichend war, und dass die Haltung der Engländer seit Beginn der Verhandlungen zwischen Deutschland und Frankreich für die Regierung Pétain unerträglich wurde.

Amsterdam, 24. — Reichskommissar Seyss-Inquart besuchte die holländischen Städte Rotterdam, Utrecht, Rhenen, Arnheim und Nymegen. In Rotterdam gab er bekannt, dass im Rahmen eines grosszügigen Wiederaufbauprogrammes ein Betrag von zehn Millionen Gulden sofort ausgeworfen wird, der zur Linderung der Not und zur Sicherung der Existenz der von der Zerstörung Betroffenen ohne Rückzahlungsfrist bestimmt ist. Holländische Kinder werden ausserdem von den ostmärkischen Gauen für die Zeit ihres Ferienaufenthaltes eingeladen.

Das ist Churchill

Einige Daten aus seinem Lebenslauf bis zum Jahre 1938, nach dem ausgezeichneten Buch des deutschen Journalisten Hans W. Thost „Als Nationalsozialist in England“

Winston Churchill aus dem Hause der Herzöge von Marlborough entstammt einer alten Eton-Familie, wurde aber in Harrow erzogen, weil das sumpfige Klima Etons der zarten Gesundheit des Knaben Winston nicht für zuträglich erachtet wurde. Als junger Aristokrat trat Churchill 1895 bei den feudalen 21. Lancers (Ulanen) als Leutnant ein. Die straffe Disziplin unter Kitchener im Sudanfeldzug passte dem jungen Herrn wenig, und er sattelte schnell vom Offizier zum Kriegsberichterstätter um. Sensationsberichte schreiben und Geld verdienen begleiteten ihn von da an durch sein ganzes Leben. Sie begleiteten ihn in die hohe Politik. Auf Grund seiner beachtlichen Rednergabe, seiner schnellen — wenn auch niemals korrekten — Auffassungsgabe kletterte er mühelos die Leiter hinauf, die einem Mitglied der herrschenden Klasse vorgezeichnet war. Seine unglückliche Rolle kurz vor und während des Krieges als Flottenminister ist bekannt. Er war es, der die Ereignisse in den letzten Friedenstagen von 1914 nicht schnell genug vorwärts treiben konnte. Er war es, der auf Grund gefälschter Berichte über die Absichten der deutschen Flotte immer und immer wieder in die britische Welt hinausschrie: „Mobilisiert die Flotte, der Kaiser will angreifen!“ Während des Krieges veranlasste er die kläglich gescheiterte Rettungsexpedition für die belgischen Truppen in Antwerpen. Danach schickte er Zehntausende von Engländern und Australiern gegen die türkischen und deutschen Geschütze auf

Gallipoli. Die türkischen Geschütze waren teilweise von der britischen Firma Vickers-



Armstrong geliefert. Nun mähnten sie britische Soldaten nieder. Zwanzig Jahre später war Churchill Gast bei einem Diner der britischen Stahlindustriellen, zu denen auch Vickers gehört, und erklärte, er sei zufrieden, dass die Aufrüstung wegen der „deutschen Gefahr“ beschlossen sei. Er sei auch froh, so erklärte Churchill weiter, dass die Kosten der Aufrüstung nicht durch Steuern, sondern durch Anleihen gedeckt würden. Die britischen Stahlindustriellen hatten Grund, Churchill im teuersten Hotel Londons zu feiern. Denn seiner Politik hat es die Welt zu verdanken, dass 1932 und später nicht abgerüstet wurde. Die Dividenden stiegen ins Phantastische.

Doch zurück zum Churchill während des Krieges. Als Delegierter des britischen Kabinetts fuhr er nach den Vereinigten Staaten, um über Munitionslieferungen zu verhandeln. Churchill wurde mit dem Rathenau Amerikas, dem Beherrscher der amerikanischen Kriegsindustrie, dem Juden Baruch, bekannt. Eine lebenslange „Freundschaft“ wurde damit begründet. Als Winston Churchill in den Jahren, von denen in diesem Buch die Rede ist (1930—38), Amerika wieder besuchte, besuchte er auch wieder Baruch. Als die bolschewistische Revolution 1917 in Russland ausbrach, gab Churchill vor, sie zu bekämpfen. Er schickte als Agenten des britischen Geheimdienstes einen Mann nach Russland, der weiter nichts als ein Abenteurer und Verräter nach allen Seiten war und einzige in Russland lebende Engländer den Klauen der GPU auslieferte. Der „britische“ Agent hiess Reilly. Sein wirklicher Name war Rosenblum. In den Händen Rosenblums lag die Ausarbeitung der bewaffneten Entente-Intervention gegen den Bolschewismus. Aber wieviel britisches und nichtbritisches Blut hat Churchill auf dem Gewissen? Unnütz vergossenes Blut! Reilly-Rosenblum aber, der Vertraute Churchills, verschwand, als es Denikin schlecht ging. Er hatte wohl den Rebbach im Trocknen. Ihm machte es nichts aus, ob das Geld von Churchill oder vom „Genossen“ Trotzky-Braunstein kam.

Nach dem Krieg, als der Generalstreik drohte und Churchill Minister unter Baldwin war, verhandelte er, der von den Liberalen zu den Konservativen hinübergewechselt war, mit den Bergarbeitern in der Weise, dass der Generalstreik unvermeidlich wurde.

Während der Abrüstungsverhandlungen 1932 warnte Churchill davor, Deutschland die Gleichberechtigung zu geben. Man solle erst Deutschlands berechnete Beschwerden prüfen und abstellen, so schrieb er damals, bevor man die unendlich präzise arbeitende, gefährdete deutsche Militärmaschine wieder in Gang setzte. Umso lauter schrie Churchill nach der Aufrüstung Grossbritanniens. Noch 1932 bezeichnete er Sowjetrußland und Frankreich

Casa  Allema

Für die

kalte Jahreszeit

empfehlen wir der Damenwelt unsere grosse Auswahl in den modernsten Modellen in

Damen-Filzhüten

zu äusserst vorteilhaften Preisen.

MODELL 90 — DAMEN-FILZHUT aus bestem „Granité“-Filz in schwarz, blau, braun und verschiedenen Modefarben. **28\$**



90

Modell 98 — Damen-Filzhut aus bestem „Granité“-Filz — feiner, geschmackvoller Hut in schwarz, blau, braun und versch. Modefarben **30\$**



98

Modell 94 — Damen-Filzhut aus gutem „Granité“-Filz in braun, schwarz, blau und verschiedenen Modefarben **28\$**



94

Modell 96 — Damen-Filzhut aus ausgesuchtem „Granité“-Filz in div. Modefarben und blau, schwarz und braun **30\$**



96

Beachten Sie bitte unsere Ausstellung im Schaufenster!

Schädlich, Obert & Cia. Rua Direita 162-190

als die Gefahr, ab 1933 nur noch das nationalsozialistische Deutschland. Niemals hat Churchill auch nur die Frage aufgeworfen, ob die schwerbewaffnete Entente denn während der Zeit deutscher Ohnmacht daran gedacht habe, die „berechtigten Beschwerden Deutschlands“ zu prüfen! Als das Deutschland Adolf Hitlers sich aher sein Recht nahm, entwickelte sich Churchill wieder zu dem, was er vor dem Krieg und im Kriege war: dem gefährlichsten Hetzer gegen Deutschland. Churchill, den man den Prototyp des konservativen Diehard nennt, scheut nicht davor zurück, auch das bolschewistische Russland gegen das deutsche Volk aufzurufen.

Es hiesse Churchill zuviel Ehre antun, seine „Politik“ politisch begründen zu wollen. Churchill will Geld und Macht. Das ist alles. Er hoffte, mit seiner Aufrüstungsetze einen Posten im britischen Kabinett, und zwar als Verteidigungsminister oder Munitionsmister zu erhalten. Er wurde bisher enttäuscht. Bisher. Noch scheuen sich die Kreise, aus denen sich britische Politiker zusammensetzen, einen Mann wieder in ihre Reihen aufzunehmen, der so viele Misserfolge hatte, einen Mann, der sich politisch und auch persönlich als so

unzuverlässig erwiesen hat. Immer aber ist Churchill für einzelne Gruppen noch das willkommene Schnellfeuergeschütz für Propagandafeldzüge aller Art. Immer noch bewundert England seine Rednergabe und den meisterhaften Stil seiner Feder. Churchill ist zu gebrauchen. Mit Mass! Und da verzeiht das politische England die schweren Charakterchwächen. Vor allem, wenn der Betreffende aus einem der ersten und ältesten Adelsgeschlechter stammt. Churchill ist der Mann, der überhaupt kein Gewissen zu haben scheint. Oder ist der Mann, den man als Enfant terrible Englands zu bezeichnen pflegt, so laubbühnhaft, dass er gar nicht merkt, welchen schweren Schaden er der Menschheit schon zugefügt hat? Vielleicht ist es nicht ohne tieferen Hintergrund, dass die Karikaturisten Churchills fast immer als kleinen Public School-boy darstellen. Gewisse Teile seines Charakters sind in diesem Stadium stehengeblieben!

(Die Betätigung Churchills als Erster Lord der Admiralität im Jahre 1939 und als Nachfolger Chamberlains im Amt des Premier bis zur Gegenwart ist den Lesern wohl bekannt — Die Schriftl.).

Almeida Prado Junior

Ensinamentos

Não se satisfazem os grandes vultos políticos da velha Europa com os ensinamentos de todos os dias que procuram nos convencer de que o ódio e o orgulho nada constroem de bom, de proveitoso a humanidade. São lições a seguir, umas após outras, e os homens fingem-se de cegos para não as apreciar.

Em 1919, a França victoriosa com o indispensável auxílio americano não quiz submeter-se a influencia de Wilson — o varão espiritual — e, de mãos dadas com a orgulhosa Albion ditou a paz nos termos em que entendeu de o fazer, agindo ambas de modo desumano, para com a representação alemã, então victima da mais terrível humilhação.

Estão bem lembrados os leitores de como se processou a solemnidade da assignatura do tratado de Versalhes?

O que vemos hoje meados de junho de 1940, vinte e um annos apenas decorridos?

Lá está tremulando no Palacio de Versalhes a bandeira alemã e Paris entregue ao seu exercito vencedor!

Dura, durissima lição! ... Quando na Sociedade das Nações certa vez, a Alemanha fazia sentir o desejo de reaver suas colonias, Paul Reynaud, se não me falha a memoria affirmára que a França não abriria mão das que lhe tinham tocado na partilha do espolio alemão e aconselhava a que fosse procurar na America do Sul elementos para sua expansão porque lá existiam paizes de grandes áreas e povoados por mestiços sem competencia para se governar.

Ainda ha poucos mezes, quando no Ministerio dos Estrangeiros da Inglaterra, o sr. Eden, respondendo á Alemanha sobre a sua

pretensão, disse mais ou menos as mesmas palavras.

Estou certo de que nenhum dos povos atingidos pelas insinuações franco-britannicas, formulara em represalia o desejo de vê-las soffrer o que passam neste momento.

A realidade entretanto ahi está. Onde estão esses povos que sabem se governar?

Que respondam os srs. Reynaud e Eden.

Nunca desejaríamos a qualquer paiz a humilhação por que passam neste momento a França e a Inglaterra, devendo entretanto salientar a verdade indiscutível e a infallibilidade das leis Divinas. Os humildes serão elevados e os orgulhosos serão humilhados. Fugir da verdade, fugir dos ensinamentos do Mestre, é uma insânia, uma loucura!

Esperamos dias melhores quando se acalmar o vulcão terrível que vomita sobre a Europa todas as miserias, tanta iniquidade.

Uma paz justa com promessa de reciproco amor e entendimento, sem mais orgulhos e mandonismos, promovendo o entendimento entre todos os povos para a troca de productos, desarmamento geral com economia de bilhões em proveito para o policiamento dos mares, regulamentação das fortunas impedindo o abuso dos poderosos sobre os fracos, sobre a pobreza, transformar as machinas de guerra em instrumentos de produção, machinarios diversos, arados e lâ, estas serão medidas justas que a felicidade geral reclama e que certamente virá com o favor de Deus.

Nada mais de privilégios, nada mais de parasitismos.

Assim asseguraremos a todos os povos actuaes e aos vindouros, a era de paz duradoura e de prosperidade que Deus quer que gozemos sobre a terra.

(De a „Folha da Noite“).

Lehren

Herr Almeida Prado Junior veröffentlichte in der 5. Ausgabe der „Folha da Noite“ (São Paulo) vom 22. Juni d. J. folgenden zeitgemässen und höchst beachtlichen politischen Beitrag:

„Die umwälzenden politischen Erscheinungen des alten Europa begnügen sich nicht mit den Belehrungen, mit welchen sie fast täglich uns zu überzeugen suchen, dass nämlich aus Hass und Hochmut nichts Gutes, nichts Nützliches für die Menschheit erwächst. Diesen Lektionen muss man genau folgen, und jene Menschen verhalten sich blind, die sie nicht zu beherzigen wissen.

Im Jahre 1919 wollte sich das durch die unerlässliche amerikanische Hilfe siegreiche Frankreich nicht dem Einfluss Wilsons beugen, der doch der geistig führende Mann gewesen ist, und diktierte Hand in Hand mit dem hochmütigen Albion den Frieden in Worten, die ihn für die deutsche Abordnung geradezu unmenschlich machten, wobei die Deutschen noch das Opfer der verabscheuungswürdigsten Demütigung wurden.

Erinnern sich wohl die Leser noch der Pomphaftigkeit der Unterzeichnung des Vertrages von Versalles?

Und was sehen wir heute, mitten im Juni des Jahres 1940, 21 Jahre später?

Auf dem Schloss von Versalles weht die deutsche Flagge und Paris hat sich dem siegreichen Heer ergeben!

Eine harte, eine sehr harte Lehre!...

Als Deutschland im Völkerbund den Wunsch aussprach, man möchte ihm seine Kolonien zurückerstaten, versicherte meines Wissens Paul Reynaud, dass Frankreich nichts aus der Hand geben würde, was ihm bei der

Teilung der deutschen Beute zugefallen war und riet den Deutschen, sich in Südamerika geeignete Gebiete für ihre Ausdehnung zu suchen, denn dort existierten noch weite von Mischlingen bevölkerte Räume, die zu einer Selbstregierung nicht fähig seien.

Noch vor wenigen Monaten hat Herr Eden in seinem Amt als britischer Minister mit ähnlichen Worten den deutschen Kolonialanspruch abgetan.

Ich bin überzeugt, dass nicht ein einziges Volk, das von den französisch-britischen Beleidigungen betroffen wurde, jetzt zur Vergeltung den Wunsch aussprechen würde, sie jetzt für ihre Anmassungen ruhig leiden zu lassen.

Die Wirklichkeit schreibt indessen doch folgende Frage vor: Wo sind jene Völker, die fähig sind, sich selbst zu regieren?

Was antworten darauf die Herren Reynaud und Eden?

Wir wünschen niemals einem Land die Demütigungen, die Frankreich und England gegenwärtig zu tragen haben, müssen aber die reine Wahrheit und Unfehlbarkeit der göttlichen Gesetze unterstreichen. Die Gedemütigten werden erhöht und die Hochmütigen werden erniedrigt werden. Sich dieser Wahrheit zu entziehen, den Gesetzen des Herrn zu entfliehen, heisst eine Narrheit, eine Verücktheit beghehen!

Wir erwarten bessere Tage, wenn sich der furchterliche Vulkan beruhigt hat, der über Europa so viel Leid und Freveltaten ausspeit.

Einen gerechten Frieden mit dem gegenseitigen Versprechen der Freundschaft und Verständigung, ohne Hochmut und Befehlshaberei; Förderung des Verstehens zwischen allen Völkern, damit sie ihre Erzeugnisse aus-

tauschen können; eine allgemeine Abrüstung jener Millionenwirtschaft, die nur der Beherrschung der Meere dient; eine Güterlenkung, welche die Ausnutzung der Schwachen und Armen durch die Mächtigen verhindert; eine Umwandlung der Kriegsmaschinen in Produktionswerkzeuge, in Maschinen, die Pflüge herstellen und Wolle verarbeiten. Das alles sind notwendige Massnahmen, die das

LACERDA ORTIZ

DO MEU CANTO

Londres solitário — O gesto de Pétain — Aliança fatal — Napoleão perante o estado-maior de Hitler

Especial para o „D. M.“

Quasi ao termo do decimo mez de luta, consegue a Alemanha collocar a Inglaterra em completo isolamento da sua maior e unica aliada — a França.

Assignado o armistício entre a França de um lado e Alemanha e Italia de outro, o campo da guerra reduziu-se consideravelmente, e as operações militares no continente estão, praticamente, delimitadas mais na zona Mediterranea, em acções navaes e aereas entre o poder bellicosos penninsular e britannico.

Vemos, portanto, que dois são os theatros da guerra no momento em que escrevemos. Um ao norte, onde o poderio do Terceiro Reich coordena todos os elementos da sua maravilhosa e invencível machina de guerra, para levar a cabo, á feição da sua intelligente estratégia, severos golpes sobre a defesa do Imperio da Manchã.

Para tanto, dispõe o militarismo nazista de todas as bases necessarias, e não ha negar, as mais valiosas, em terra firme, espalhadas desde o litoral da Noruega até os portos do sul da França, ou melhormente explicando-se geographicamente, desde Narvik até o Skager Rack e deste até os postos inferiores francezes, com pleno predomínio na Manchã, o que lhe permite uma approximação das costas inglezas á uma distancia de quarenta e dois kilometros.

Se de todos os pontos da Noruega até o sul gauléz, já sob o controle das armas germanicas, tirarmos rectas visando o territorio inglez, teremos uma figura geometrica semelhante a um leque, em que cada vareta pode perfectamente corresponder aos trajectos de acção dos aparelhos da aviação alemã, em conjunto para effeito rapido e decisivo.

Todas as ponderações acima nos levam á crença de que estamos de frente com o momento mais importante de quantos enfaixa a historia de todos os tempos: o destino de toda a Europa, de cuja sorte os demais continentes não poderão escapar ás influencias de ordem economica e social, universalmente fallando.

As apreciações quanto á luta que agora se vae ferir, de modo amplo, entre a potencialidade militar do nacional-socialismo e a Inglaterra, revivem muitas vezes, nos tropeços dos exercitos de Napoleão, que teve em Waterloo o passo estancado no ancio de jugular a hegemonia londrina.

Disso, exactamente, é que nasceu á imaginação de muita gente, como verdade mais que crystalizada, a invulnerabilidade da patria dos lords, dando-lhe a idéa psychica de um rochedo solitário, indifferente, intangível, detentor de um mandato divino perante os mares e perante todas as terras dos cinco continentes. Indomavel, irreductível.

Não mais existe o eixo franco-britannico por se haver partido a melhor parte do seu todo.

O que resta neste momento são apenas os dissidios entre Churchill e Pétain, duvidas cuja origem vae agora melhormente sendo esclarecidas.

Prova o experimentado cabo de guerra, defensor de Verdun, de forma exhaustiva, que era impossivel a França proseguir na luta contra a Alemanha, cuja resistencia seria inutil de futuro, pois não dispunha do quadro de tropas necessarias, nem dos armamentos pela qualidade e quantidade. E pelos ultimos informes, sabemos melhormente que das 23 divisões inglesas apenas 10 foram remetidas para o solo francez. Houve, portanto, sonegação de reservas militares por parte da Inglaterra, o que quer dizer, ella não cumpriu as obrigações para com a sua aliada, que honra seja feita, lutara com heroismo e persistencia nas regiões do norte, na Flandres, na Picardia e no Artois, tentado por ultimo, com nitida bravura, conter o avanço fulminante das tropas germanicas ás portas de Paris.

Chegara, pois, Pétain, a considerar, perante os scenarios que se lhe apresentaram ao olhar indagador e solerte, que a continuação da guerra seria o exterminio da propria raça, cujos reflexos futuros acarretariam para a sua patria a mais dolorosa das tributações.

As palavras de Churchill não conseguirão alterar o pensamento do mundo quanto aos motivos que determinaram a França a solicitar a paz.

Poderão as suas palavras encontrar echo no seio das plutocracias continentaes, cujos olhares tendem a fugir maldosamente do alvo da verdade, mas ficará para sempre na imaginação de todos os francezes a maior e mais historica de todas as verdades: „A França só se poderá salvar por si mesma“.

Se reduzirmos as expressões acima a um monico de idéa, outra coisa os responsaveis maximos pelo destino da patria ganleza não querem dizer senão: Fatal aliança!

E Pétain ainda exclamou com a maior franqueza: a França foi vencida!

allgemeine Glück erfordert. Und dieses Glück wird mit Gottes Hilfe auch zu erreichen sein. Nichts mehr an Privilegien, Schluss mit dem Treiben der Parasiten!

So werden wir den heute lebenden und ebenso den kommenden Völkern eine dauerhafte und erspiessliche Friedenszeit sichern, die nach Gottes Willen auf der Erde herrschen soll.“

Ingressamos, pois, para a segunda phase da guerra. Luta aberta e ampla contra a Inglaterra, virtualmente isolada da segunda potencia militar da Europa.

O mundo vae viver dentro destes trinta dias sob o desenrolar dos mais notaveis acontecimentos militares que têm sacudido os povos, através a Historia de todos os seculos. Não vacillamos em que o Terceiro Reich levará a cabo a offensiva que ora coordena contra a expressão financeira e naval de Londres.

Sabemos que os britannicos têm o sólo viado por exercitos que não seguiram para a França. Sabemos que o ouro existente nos paizes invadidos pelos allemães foi expatriado para sitios excusos. Sabemos que a frota ingleza pretende erguer-se com immenso tampano para conter a breve investida germanica. Sabemos que tropas de todos os matizes, colonias, foram attrahidas para a defeza da Albion. Sabemos ainda mais que o poder de Londres pretende mostrar e provar a humanidade inteira que jamais houve erro quando a historia affirmou a invulnerabilidade do imperio onde as loiras libras ditam o ritmo do trabalho universal, prometendo justiça e felicidade social a todos os povos.

Mas ... do nosso canto é bem possivel que nestes trinta dias, possamos dizer ao imperio da Manchã: a figura de Napoleão perante a potencialidade moral e militar do nazismo não pode servir de termo comparativo com os recursos estrategicos e magnifica mechanização dos exercitos allemães, sem a mínima derrota até o presente.

E quem sabe se os dias vindouros incumbir-se-hão de dar ao vulto granitico de Napoleão, dentro da verdade militar deste anno de 1940, apenas o posto de simples official do estado-maior de Hitler? ...

So denkt England...

Ein Leitartikel

aus dem „Daily Express“ vom 11. Mai 1938

„Gewalt, Liebe und Geld regieren die Welt. Seiten findet man sie alle drei zusammen. Manche Nationen, vor allem Deutschland, sind auf Gewalt gegründet. Deshalb hat Deutschland keine Verwendung für die Juden, die Geld handhaben können. Da die Nazis keine Liebe haben, haben sie auch nicht viel für das Christentum übrig. Viele kleine Nationen haben weder Gewalt noch Geld, sie haben nur Liebe für ihre Nachbarn. Das tapfere kleine Belgien gehört in diese Kategorie. Das britische Imperium dagegen hat alle drei Kräfte. Es hat Liebe, es hat Geld, und es kann, wenn nötig, auch Gewalt in Anwendung bringen.“

Rückführung der Bevölkerung aus dem deutschen Grenzgebiet

Hauptquartiers des Führers, 24. (T.-O.)

— Der Führer erliess folgende Proklamation: „Infolge der englisch-französischen Kriegserklärung im September 1939 stellte sich die Notwendigkeit ein, die deutsche Zivilbevölkerung aus den an der Westfront angrenzenden Gegenden fortzuführen. Diese Massnahmen umfassten hunderttausende von Deutschen. Die Evakuierung gieng nach einem wohlgedachten Plan in aller Genauigkeit vor sich. Trotzdem brachte sie manche Härten mit sich. Jedoch all die unter die Räumung Fallenden haben sich den Anforderungen des Krieges in mustergültiger Weise unterworfen. Jetzt ist die Stunde der Rückkehr in ihre Städte und heimatlichen Dörfer gekommen. Es sind sofort Instruktionen erteilt worden, damit dies reibungslos vor sich gehen kann. Die Durchführung der Transporte zur Heimkehr geschieht auf Kosten der gleichen Behörden, die im September und Oktober vergangenen Jahres die Evakuierung leiteten. Die Orte und Wohnungen an der Front, die unter den Einwirkungen der Artillerie oder anderen Auswirkungen des Krieges gelitten haben, werden auf Grund von Verfügungen, die umgehend erlassen werden, wieder aufgebaut und hergestellt. Jedem Einzelnen wird der Schaden, den er in seiner Abwesenheit erlitten hat, vergütet. Die Behörden von Staat und Partei sind dafür verantwortlich, in kürzest möglicher Frist den Heimkehrenden die Unterstützung zuteil werden zu lassen, auf die sie einen Anspruch haben.“

Großbritannien und der Irische Freistaat (Die Britischen Inseln)



Wie kämpfen Schnellboote?

Zu den Erfolgen der deutschen Schnellboote / Gefährliche Waffe unserer Kriegsmarine

Was sind Schnellboote — diese kleinsten Kriegsschiffe mit schlankem, schnittigen Rumpf, mit dünnem kurzen Mast und dem leicht gewölbten Vordeck, die mit weisser, gischtprühender Bugwelle und schäumend ablaufender Hecksee ihre Torpedos zum Angriff vortragen? Das sind die „Rennboote“ der Kriegsmarine. Nicht nur in der deutschen Flotte stehen diese flinken Torpedojäger im Dienst, auch die Marinen Englands, Frankreichs, Russlands, vor allem aber Italiens haben diese Bootstypen entwickelt; ja — sogar Staaten, wie Estland, Finnland, Schweden, Griechenland, Jugoslawien sind dem Beispiel der Grossmächte gefolgt, da gerade das Schnellboot für die Verteidigung der Küstengewässer, die den Flotten der kleineren Staaten als Hauptaufgabe zufällt, sehr geeignet ist. In allen Auslandsflotten wird der Bootstyp als „Torpedomotorboot“ bezeichnet, nur in der deutschen Marine hat man ihm den Namen „Schnellboot“ gegeben.

Geschwindigkeit

Beide Namen weisen schon auf Eigenschaften und Aufgabe des kleinen Kriegsschiffes hin. „Schnellboot“ — und das mit Recht! Gelten schon die Zerstörer und Torpedoboote mit ihrer 40-Kilometer-Geschwindigkeit durchschnittlich als Schiffe von grosser Schnelligkeit, so werden sie doch von den „kleinen Brüdern“ noch übertroffen, die mit noch grösserer Geschwindigkeit durch die Wellen jagen. Der Name „Torpedomotorboot“ kennzeichnet die Bestimmung, die diesem Bootstyp innerhalb der Flottenarbeit zugeordnet ist. Als ihr kleinster Vertreter gehört er zur Torpedowaffe. Die Ausrüstung der Boote besteht aus zwei Torpedo-Ausstossrohren, die — wie z. B. auf den deutschen Schnellbooten — auf dem Vorschiff fest eingebaut sind. Neben einem oder zwei Flugabwehr-Maschinengewehren und Wasserbomben zur U-Bootbekämpfung bilden die Torpedos die Hauptwaffe der Schnellboote, die also allein zum Angriff geschaffen sind.

Angriff! Das ist die Parole unserer Schnellboote! Ihre hohe Geschwindigkeit und die geringen Abmessungen machen sie zur schlagkräftigen Angriffswaffe. Nur 25 bis 30 Meter lang, grau, mit niedrigen Bordwänden und leicht ansteigendem Vorschiff, ist das angreifende Schnellboot vom Gegner schlecht auszumachen. Den Geschützen der „grossen Schiffe“ bieten sie nur ein winziges Ziel. Morgengrauen oder Dämmerung und der fast undurchdringliche Schleier der Nacht nehmen den Angreifer in ihren Schutz, der, tief eingewühlt in die graugrüne See, pfeilschnell auf seinen Gegner anläuft. Auf dem Boot lauern zwei todbringende Torpedos, die es unbemerkt und zielsicher an den Feind heranzutragen gilt. Um die silbernen, zigarrenförmigen Geschosse mit der zerstörenden Sprengladung im Kopf gut gezielt aus den fest eingebauten Rohren abschliessen zu können, muss das Boot genau auf den Gegner zuhalten. Gezielt wird also mit dem ganzen Boot.

Unter dem Hämmern der starken Motoren zittert das kleine Schiff in allen Fugen. Grünlichweisse Salzwasserfontänen sprudeln zu beiden Seiten des messerscharfen Bugs hoch und verlaufen im Schaum der durcheinandergewirbelten Flut. „Schnurrbärte“ sagt der Schnellbootsfahrer. Schnurrbärte sind die drohenden Anzeichen des Angriffs: „Höchste Fahrt! Noch wenige Sekunden und dem bisher ahnungslosen Gegner werden die Torpedos mitten im Rumpf sitzen. Auch sein aufmerksamer Ausguck half dem Gegner nichts. Zu spät!

Schuss

Das erste Schnellboot hat sich in schneidiger Angriffsfahrt herangepircht. Höchste Spannung an Bord ... Schuss!

Die Torpedos flitzen kurz nacheinander aus den Rohren und laufen dem Ziel mit unabwehrbarer Sicherheit entgegen. Mit äusserster Kraft versucht der Feind abzudrehen, dem Schicksal zu entgehen. Ein wildes Feuer schlägt den tollkühnen Schnellbooten entgegen. Auch zu spät! Fast auf der Stelle hart abbrechend, laufen sie mit wirbelnder Heckwelle auf Gegenkurs ab. Der Auftrag ist erfüllt. Mit schwerer Schlagseite bleibt der Gegner auf dem Kampffeld liegen, um bald darauf in die Tiefe zu sinken.

Die Schnellboote sind inzwischen hinter einer Nebelwand verschwunden, unmerklich,

schattenhaft, wie sie gekommen. Eben dem Feuer des sinkenden Gegners entronnen, ruft neuer Alarm: drei feindliche Aufklärer haben die Boote entdeckt. Signale fliegen von Boot zu Boot. Weit ausgeschoren, um kein konzentriertes Ziel zu bilden, halten sie ihren Kurs auf die Küste durch; die Maschinen beweisen ihre Güte und dröhnen mit höchster Kraft. Die MG-Schützen stürzen nach achtern an ihre Fla-Waffen, und schon schlagen dem Gegner in der Luft die Geschossgarben entgegen. Der Kampf dauert an, bis der Feind die Aussichtslosigkeit seines Angriffs einsieht und von den Schnellbooten ablässt.

Scharfer Dienst

Jeder Mann bleibt auf seiner Station, solange das Boot auf Kriegsfahrt ist. „Freiwache wie auf den grossen Schiffen gibt es nicht. Der Kommandant, der Rudergänger, Ausguckposten, Maschinist, der Mann am FT-Gerät, die MG-Bedienung, Signalgäste usw. müssen ununterbrochen Dienst tun, vom Auslaufen der Unternehmung bis zur Heimkehr zum Begleitschiff, das die Flotille überall betreut, Proviant, Munition und Torpedos an Bord bewahrt, die Kommandanten zu Besprechungen vereinigt, als Werkstatt dient und den Besatzungen Unterkunft und Erholung bietet.

Nur wenige Mann Besatzung hat ein Schnellboot, deren kleiner Raum in erster Linie von der Dieselmotor-Anlage beansprucht wird. Kommandantenkammer und Mannschaftslogis sind klein, aber praktisch eingerichtet. Sogar eine Kombüse fehlt nicht, wohl aber ein besonderer Koch. Die Rolle des „Smutje“ übernimmt einer der Matrosen.

So neuzeitlich uns diese Schnellboote anmuten — wenn man ihre Lebensgeschichte schreiben wollte, müsste man über 50 Jahre zurückgehen. Damals entstanden nämlich die ersten Torpedoboote überhaupt. Im Weltkrieg standen sich bereits 1916 deutsche und englische Torpedomotorboote an der Flandernfront, die im Licht des heutigen Kriegsgeschehens in der Erinnerung lebendig wird, im Kampf gegenüber. Ebenso waren deutsche und russische Boote in der östlichen Ostsee und italienische (bekannt als M. A. S.-Boote — U-Boot-Jäger) in der Adria tätig.

Mit der Wiedergewinnung der Wehrfreiheit erhielt auch der Schnellbootsbau neuen Auftrieb. Die Seetüchtigkeit der S-Boote, die auch grössere See in Nord- und Ostsee zu halten vermögen, ist gerade in der deutschen Kriegsmarine besonders beachtet worden.

Die 1. Schnellbootsflotille der Kriegsmarine übernahm die Traditionspflege der alten Flandernboote, die vor mehr als 22 Jahren in tapferstem Einsatz gegen den gleichen Gegner fochten, dessen Herausforderungen ein Vierteljahrhundert später die neue deutsche Kriegsflotte auf das Kampffeld riefen. Im Abwehrkampf gegen die Westmächte stehen auch die kleinsten Kriegsschiffe, die Schnellboote, in vorderster Front und haben — besonders in diesen Tagen — glänzende Erfolge heimgebracht.

Duiz onforozt

Das Wichtigste der Woche

Aus dem Transocean-Dienst (Agencia Asemã)

Französisch-italienischer Waffenstillstand unterzeichnet

Rom, 24. — Von italienischer Seite wurde das Waffenstillstandsabkommen durch Marschall Badoglio, seitens der Franzosen durch General Huntzinger unterzeichnet. Hierüber wurde folgendes Kommuniqué ausgegeben:

„Um 19.15 Uhr italienischer Sommerzeit des 24. Juni wurde in der Villa Incisa Algiate bei Rom der französisch-italienische Waffenstillstand unterzeichnet. Von italienischer Seite unterzeichnete der Chef des Generalstabes Marschall Badoglio, von französischer Seite General Huntzinger. Um 19.35 Uhr teilte der Außenminister Graf Ciano der Reichsregierung die vollzogene Unterzeichnung mit. Infolgedessen werden die Feindseligkeiten, am Morgen des 25. Juni um 1.35 Uhr Sommerzeit eingestellt werden.“

Berlin, 24. — Amtlich wird mitgeteilt: Der Oberbefehlshaber der Marine, Grossadmiral Dr. h. c. Raeder, hat vom 17. bis 21. Juni die Einheiten der Kriegsmarine und die Arsenale in den Bezirken Hollands, Belgiens und an der Küste Nordfrankreichs inspiziert, um sich über den Stand der Vorbereitungen zum Angriff auf England zu vergewissern.

Hamburg, 24. — Wieder warfen englische Flieger in der Umgebung von Hamburg Bomben ab. In einem mit Franzosen besetzten Gefangenenlager wurden dabei drei Mann getötet und mehrere verletzt.

Berlin, 24. — Die deutsche Presse richtet ihr Hauptaugenmerk jetzt wieder auf den kommenden Angriff gegen England. Der Abbruch der diplomatischen Beziehungen zwischen Frankreich und England wird von den

deutschen Blättern als der schwärzeste Verrat der englischen Geschichte gebrandmarkt.

Stockholm, 25. — Der englische König hat für sich und seine Familie unter den tiefsten Kellern des Buckingham-Palastes einen bombensicheren Luftschutzraum bauen lassen, in dem aller Komfort vorhanden ist, den das englische Königshaus über Tag geniesst.

Genf, 25. — Die Regierung Pétain hat den nach London geflüchteten französischen General De Gaulle wegen dessen Widersetzlichkeit und Verrat mit sofortiger Wirkung aus dem Heeresdienst ausgestossen. Der französische Rundfunk führt gegen die unverschämten Anschuldigungen der britischen Presse und Rundfunksprecher eine scharfe Sprache und verbittet sich jede Einmischung der Engländer in Frankreichs eigene Angelegenheiten.

Genf, 25. — Der heutige Tag wird auf Anordnung der französischen Regierung in Frankreich als Trauertag begangen. Sämtliche Kinos, Restaurants und sonstige Vergnügungstätten sind geschlossen. Die öffentlichen Aemter arbeiten nicht. Um 11 Uhr vormittags findet eine Gefallenenehrung durch den Ministerpräsidenten Pétain statt. Die Presse schreibt: „Wir müssen die französische Seele läutern und eine neue Moral schaffen.“

Genf, 25. — Der französische Propagandakommissar Jean Prouvost erklärte vor ausländischen Pressevertretern, dass in Frankreich alle Männer bis zu 48 Jahren eingezogen wurden, während England nicht einmal die 28jährigen mobilisiert hatte. Die englische Regierung habe sich mit der Knappheit an Uniformen, Waffen und Kasernen entschuldigt.

Oslo, 25. — Viele norwegische Bezirke sind heute bereits von Arbeitslosen frei. Mit doppelter Energie wird überall im Lande am Wiederaufbau gearbeitet.

Bukarest, 25. — In Rumänien wurde unter der persönlichen Leitung des Königs Carol eine „Nationalpartei“ gegründet, deren Wahlspruch lautet: Ueber allem das Vaterland, der autoritäre Staat und die Berufsorganisation.

Budapest, 25. — Im ungarischen Reichstag gab ein rechtsradikaler Abgeordneter die Gründung einer neuen ungarischen nationalsozialistischen Partei bekannt, der sich vor allem die Mitglieder der Pfeilkreuz-Partei angeschlossen haben.

Madrid, 25. — Die spanische Grenzpolizei verhaftete mehrere Agenten des ehemaligen Ministerpräsidenten Reynaud, die wertvolles Aktenmaterial nach London schmuggeln wollten.

Englandfeindlichkeit in Südafrika

Rom, 26. — Die Meldungen über den Widerstand der Buren gegen die Regierung Smuts häufen sich. In allen Orten der Südafrikanischen Union, besonders in Orange und Transvaal, finden Kundgebungen gegen den englischen Krieg statt. Man fordert die Einberufung des Parlaments. Gleichzeitig wächst die antisemitische Bewegung und die Unzufriedenheit der Eingeborenen, da die Regierung nicht daran denkt, ihre sozialpolitischen Versprechen in die Tat umzusetzen.

Berlin, 26. — Sofort nach dem Krieg wird in Deutschland ein grosszügiges Bauprogramm für Privathäuser durchgeführt. Alle Vorbereitungen sind bereits im Gange. — Das Reich hat die gesamte Ueberproduktion Ungarns an Früchten und Gemüse im Werte von 15,1 Millionen Mark angekauft.

Wien, 26. — 6000 holländische Kinder sind zu einem mehrmonatigen Aufenthalt in der Ostmark eingetroffen.

Genf, 26. — Ministerpräsident Marschall Pétain sagte in einer Rundfunksprache, dass Frankreich die Waffenstillstandsbedingungen annehmen musste, um sich einen Ausweg für die Zukunft zu erhalten. Jeder Widerstand der Franzosen in Uebersee sei zwecklos. Die Alliierten wollten den Krieg mit Geld und Rohstoffen führen. Aber sie hätten nur von Illusionen gelebt, denn Deutschland habe ihnen eine imponierende Ueberlegenheit an Truppen und Material gegenübergestellt. Der Krieg war von Deutschland gewonnen, bevor Italien eintrat. Ungeheure Ausmasse habe das Flüchtlingsproblem angenommen: 10 Millionen Franzosen und 2,5 Millionen Belgier haben sich auf einen Weg ins Ungewisse gemacht. Die französische Regierung gehe nicht nach Uebersee, da sie dem Volk beim Wiederaufbau helfen will. Die Bedingungen des Waffenstillstandes seien ernst und streng, doch sei die französische Ehre gerettet. Frankreich werde von Franzosen verwaltet. Die Verbindungen zwischen dem Mutterland und den Kolonien seien garantiert.

Indien stirbt des Hungers unter britischer Knechtschaft.

Auf der ganzen Welt. In sämtlichen Kriegen während 107 Jahren 1793-1900



Die Folgen zweier Jahrhunderte britischer Herrschaft.

Die von heuchlerischer Moral tiefenden Bitten lassen das indische Volk, das seit zwei Jahrhunderten die „Segnungen britischer Herrschaft“ genießt, verhungern, das ist die klare Feststellung vieler englischer Historiker und Politiker. Nach englischen Statistiken wurden an Hungersnöten in Indien gezählt: In den Jahren 1769 bis 1800: 4 Perioden, in der Zeit von 1802 bis 1838: 12 Perioden und in den Jahren 1854 bis 1908 sogar 35 Perioden. Man sieht also, daß in Indien, je länger die Engländer herrschen, das Elend immer grösser wird. Ein Vielfaches aller Menschen, die in allen Kriegen in der ganzen Welt in den letzten 200 Jahren gestorben sind, wurden durch die englische Gewaltherrschaft in Indien verhungern gelassen, ohne daß sich das sonst so um das Wohl der Menschheit „beforgte“ England, darum kümmerte. Kann man die Unfähigkeit dieses elenden Krämervolkes, andere Völker zu zivilisieren und die bodenlose Gemeinheit der Engländer schlagender beweisen?

Paris, 26. — Der „Matin“ fragt in einem Leitartikel, warum Frankreich dem Reich eigentlich Krieg erklärt habe. „War es vielleicht ein Akt der Verzweiflung, oder wollte England Deutschland unterdrücken, indem es uns zwang, ihm zu helfen?“ Ein anderes Blatt, „Dernières Nouvelles“, betont das gute Verhältnis zwischen den deutschen Soldaten und der Pariser Bevölkerung. Sowohl für die Deutschen als auch für die Pariser gilt die auf 22 Uhr festgesetzte Polizeistunde, damit Raub und Ueberfall auf die Häuser der Flüchtlinge vermieden werden. Die NS-Volkswohlfahrt greift allenthalben helfend ein. Der Vorortverkehr wurde noch nicht aufgenommen. Das einzige Verkehrsmittel in Paris ist die Untergrundbahn.

Zweites Konzert im Beethoven-Zyklus des Freijahrs-Quartetts (Dresden) in São Paulo

Wieder bereiteten die von einer geradezu spürbaren Mittlerfreudigkeit besessenen vier deutschen Künstler Gustav Fritzsche, Lothar Gebhardt, Johannes Oelsner und Volkmar Kohlschütter ihrem ansehnlichen aufmerksamen Zuhörerkreis eine musikalische Feierstunde, die Geist und Herz gefangen nahm. Es muss betont werden, dass das Quartett im Laufe seines nun fast einjährigen Aufenthaltes hierzulande, wie er sich ähnlich auch für viele andere Besucher und Reisende zwangsläufig aus dem europäischen Geschehen ergab, eine besonders begeisterte Gemeinde unter den Brasilianern erworben hat. Sie war am vergangenen Donnerstagabend im grossen Saal der Gesellschaft Germania genau wie am ersten Abend vertreten und wird sicherlich am 4. Juli neue Bekannte mitbringen, denn leider ist die gegenwärtige Durchführung der Beethovenabende noch zu wenig bekanntgemacht worden. Und wann dürfte auch der grossen deutschen Kolonie dieser Stadt wieder Gelegenheit geboten werden, Quartettkonzerte des Schöpfers der unsterblichen IX. Sinfonie in derartig vollendeter Wiedergabe zu hören! Wie soll man ausdrücken, worin das grosse Geheimnis des Fritzsche-Quartetts hinsichtlich seiner Anpassung an Beethoven besteht? Es fehlt an Vergleichen und Bildern. Man vergisst im Zusammenklingen der Instrumente Raum und Zeit, folgt den Rhythmen und Themen, wie sie eigenwillig schreiten oder spielend tanzen, wie sie sich berühren und von einander fliehen und scheinbar alle Empfindungen des menschlichen Herzens suchen, deuten und irgendwie der Erfüllung zuführen wollen. Es ist etwas Eigenes, Feierliches in dieser meisterlichen Quartettmusik, auch wenn sie so leicht und unbeschwert erklang wie im op. 18/II und op. 59 I, dass man unwillkürlich an Mozart erinnert wurde. Als Einleitung gelangte der Quartettsatz „Andante cantabile“ des brasilianischen Komponisten João Gomes jr. ebenfalls meisterhaft zum Vortrag. Die vier deutschen Künstler wurden nach Abschluss des Konzerts stürmisch gefeiert und mussten sich zu einer Zugabe bereiterklären. Sie haben diesen herzlichen Dank ihrer Gemeinde in jeder Weise verdient.

Deutscher Männergesangsverein „Lyra“

singt

Soldatenlieder

Samstag, den 13. Juli,
20.30 Uhr,
in ihrem Vereinsheim,
Rua São Joaquim 329

Einlasskarten sind zu haben bei den Sängern und Sängerinnen, im Vereinsheim und in der Geschäftsstelle des Bundes der schaffenden Reichsdeutschen, Rua Constituição 31.

Ultimatum da USSR á Rumania

Bucarest, 27. — (T.O.) — Nos círculos políticos bem informados desta capital diz-se que a Russia apresentou ao governo da Rumania a exigencia de cessão imediata dos distritos de população com maioria ucraniana.

Tambem querem os russos a Bessarabia, que até 1919 pertencera á Russia, e o norte da antiga provincia austriaca de Bukovina, assim como direito de controle sobre os portos do Mar Negro de Costanza e Dulcea no Don.

Sabe-se por fonte da mesma procedencia que a Russia espera até ás 22 horas de hoje uma resposta concreta da Rumania. O Rei Carol procura resolver nestes momentos a questão por via diplomatica.

Oficialmente nada comunicou por enquanto o governo rumeno.

Bucarest, 27. (T.O.) — A's 12,30 horas reuniu-se o Conselho da Coroa, so ba presidencia do rei Carol, afim de estudar as exigencias territoriais russas. A reunião foi suspensa ás 13,40 horas, e marcada nova sessão para ás 17 horas.

Durante essa pausa, segundo os círculos bem informados, será redigida a resposta rumena á Russia.

A impressão dominante é de que a Rumania accederá aos desejos sovieticos, porém as condições são mantidas em sigilo. —

Bucarest, 27. (T.O.) — Antes da reunião do Conselho da Coroa, o rei Carol recebeu em audiencia o ministro plenipotenciario da

Allemanha, Wilhelm Fabricius e em seguida o ministro plenipotenciario italiano, Pellegrino Ghigi.

Bucarest, 27. (T.O.) — Informa-se que na reunião do Conselho da Coroa, sob a presidencia do rei Carol, foi ventilada a exigencia russa de cessão da Bessarabia e direitos de controle do porto de Constanza e do porto de Dulcea, exigencias essas que foram teitas pela Russia, por intermedio do ministro plenipotenciario rumeno em Moscou, Davidescu.

Segundo noticias não confirmadas, o rei Carol e o Conselho da Coroa resolveram accetar as pretensões russas.

Dom Archio Der deutschen Einwanderung

Den Nachkommen deutscher Auswanderer wird nicht selten der Vorwurf gemacht, dass sie ein geschichtsloses Dasein führen, dass sie ihre eigene Geschichte nicht kennen und nicht achten und sich damit leichtfertig wertvoller kultureller Güter entäussern, ihnen selbst und ihrer neuen Heimat zum Nachteil. Mag dem so sein oder nicht, es steht jedenfalls ausser Zweifel, dass im Bewusstsein solchen Mangels und in dem Bestreben, die Vergangenheit zielbewusst in den Dienst der Zukunft zu stellen, sich in Brasilien seit Beginn der deutschen Einwanderung viele Kräfte geregt haben. An Misserfolgen hat es dabei nicht gefehlt, denn eine auf Freiwilligkeit gegründete Gemeinschaftsarbeit, die nicht wie die Kirche, Schule, Musik oder Sport unmittelbar erfassbaren praktischen oder geselligen Zwecken dient, muss immer mit besonderen Schwierigkeiten rechnen.

Um so mehr verdient ein Werk Beachtung, das vor anderthalb Jahrzehnten ins Leben gerufen und seit einigen Jahren mit Erfolg erweitert wurde: das Archiv der Deutschen Einwanderung in São Paulo. Inmitten des grossstädtischen Lebens der Rua Barão de Itapetininga hat es in den schönen Räumen der Hans Staden-Gesellschaft einen angemessenen Platz gefunden. In schweren Schränken sind Dokumente aller Art, Drucksachen, Urkunden, Bilder und Zeitungen verwahrt; in anderen Schränken stehen Zeitschriften und Bücher griffbereit, etwa tausend Bände, und für Lese- und Arbeitsgelegenheit ist ausgiebig gesorgt. Alles Material bezieht sich auf die deutschen Einwanderer, auf die Geschichte ihrer Nachkommen und auf die kulturellen und wirtschaftlichen Beziehungen zwischen Brasilien und Deutschland. Was Forscher, Schriftsteller, Journalisten und andere, die Schriften und Akten auf diesem Gebiete zu Rate ziehen müssen, bisher in Brasilien vermissten, ist hier in dem „Archiv“ zusammengetragen worden. Auch dafür, dass die Sammlungen nicht totes Material bleiben, wurde bereits Sorge getragen, und von Monat zu Monat steigt die Zahl der Besucher.

Mit dieser erfreulichen Entwicklung erhöhen sich naturgemäss die Anforderungen, vorhandene Lücken müssen ausgefüllt, Hilfskräfte herangezogen werden, und die Kosten, die bisher ein kleiner Kreis von wenigen hundert Männern und Frauen getragen hat, werden anwachsen, wenn das bisherige Mass im Ausbau beibehalten werden soll. So tritt an alle Mitglieder der hiesigen deutschen Kolonien wie an die Nachkommen der deutschen Einwanderer die Frage heran: Wollt ihr ein vielversprechendes Werk, in dem ihr euch selbst ein Denkmal setzen könnt und in dem Brasilianer und Deutsche sich im Austausch geistiger Güter die Hand reichen, fördern oder nicht?

Hier bietet sich für jedermann eine Gelegenheit, durch Mitarbeit oder materielle Hilfe, selbst in bescheidenem Ausmass, etwas zu erhalten und auszubauen, was zwar nicht den dringendsten Bedürfnissen des Tages dient, dafür aber unter allen Umständen eine umso grössere Dauer und nachhaltige Wirkung verspricht. Ausserdem ist die Gegenwart sicherlich mehr als andere Zeiten dazu angetan, die Menschen wachzurufen und mit der Frage nach dem Wohin auch die Frage nach dem Woher aufzuwerfen. Eines bedingt das andere. Wer aber einen festen Weg in die Zukunft gehen will, muss wissen, woher er kommt, und Geschichtslosigkeit bedeutet damit nicht nur ganz allgemein Mangel an Kultur, sondern auch die Unmöglichkeit, sich zielbewusst einzusetzen, und in unserem Falle: die Unfähigkeit, den beiden Völkern denen wir verbunden sind, mit Ausnutzung aller Kräfte zu dienen, das heisst, über die vorwiegend materiellen Bedürfnisse des Alltags hinaus.



Os Balkans

Der Balkan

Russisches Ultimatum an Rumänien

Wie die letzten Transocean-Telegramme aus Bukarest melden, hat die russische Regierung der Regierung von Rumänien eine Note ultimativen Charakters zugestellt, in welcher ausser der sofortigen Abtretung der Gebiete mit überwiegend ukrainischer Bevölkerung Bessarabien gefordert wird, das bis zum Jahre 1919 zu Russland gehörte; ausserdem fordert Russ-

land den Norden der ehemaligen österreichischen Provinz Bukovina sowie ein Kontrollrecht über die Häfen Konstanza und Tulcea. Moskau hat sein Ultimatum bis zum 27. Juni 22 Uhr befristet.

Unter dem Vorsitz König Carols tagte am Donnerstag nachmittag der Kronrat, nachdem der König zuvor den deutschen Gesandten

Dr. Wilhelm Fabricius und den italienischen Gesandten Pellegrino Ghigi empfangen hatte.

Es wird allgemein angenommen, dass den russischen Forderungen von der rumänischen Regierung entsprochen wird.

Rumänien war von England garantiert worden...

Aber auch die weltpolitische Leistung, die der Führer seit 1933 vollbrachte, ist eine soldatische! Denn alle ausserpolitischen Erfolge, durch die der Führer unsere heutige Stellung als Weltmacht begründet hat, beruhen auf der militärischen Erstarkung des Reiches. Deshalb ist die Schöpfung des neuen deutschen Volksheeres, das der Führer inmitten einer drohenden Umwelt mit unerhörter Kühnheit buchstäblich aus dem Boden stampfte, sein grösstes Werk.

Diese gewaltige Leistung ist nicht nur das Werk eines politischen, sondern auch eines militärischen Genies! Nur wenige Menschen auch in Deutschland wissen, wieviel von seiner so sehr in Anspruch genommenen Zeit, wieviel Tage und Nächte der Führer dem Studium militärischer Dinge opfert. Es gibt keine wesentliche Schrift militärtechnischer und militärhistorischer Art, die ihm fremd wäre. Es gibt keine der Öffentlichkeit überhaupt zugängliche militärische Erfindung, die er nicht in den Kreis der Ueberlegungen mit seinen Generalen und Admiralen einbezieht. Das Interesse des Führers an militärischen Dingen bis in die kleinsten Einzelheiten aller Waffengattungen ist ganz ausserordentlich und sein Fachwissen selbst für Sachverständige bewundernswert. Und deshalb ist er nicht nur die Antriebskraft und die Seele der deutschen und militärischen Rüstung, sondern auch ihr geistiger Schöpfer und Inspirator! In seiner unermüdeten Arbeit an der wehrpolitischen Kraft des Reiches, in der Pflege seiner Wehr und Waffen, in der Sorge um den militärischen Schutz der deutschen Nation ist er der wahre soldatische Führer seines Volkes. In seiner Persönlichkeit verkörpert sich das Wort: dass alles echte Soldatentum nationalsozialistisch und aller echte Nationalsozialismus soldatisch ist.

Und deshalb gebührt ihm der höchste Ruhm der Nation: Er ist der Soldat seines Volkes!

Adolf Hitler, der erste Soldat seines Volkes

Von Reichspressechef Dr. Otto Dietrich

Die Weltgeschichte ist die Geschichte einiger Männer. Diese Männer waren Soldaten; Soldaten in ihrem Leben, Soldaten in ihrer Haltung, Soldaten in ihrem Handeln! Es waren soldatische Tugenden, die ihre Erfolge trugen und ihnen den Lorbeer des Ruhmes flochten: Der Glaube an die eigene Kraft, der Mut zum Kampf, der Entschluss zur Tat und der Wille zum Sieg. Nur diese Eigenschaften echten Soldatentums sind auch das Unterpfand wahrer staatsmännischer Grösse. Und deshalb war es kein Spiel des Zufalls, sondern Fügung des Schicksals, dass es dem deutschen Volke in seiner grössten Not und Erniedrigung einen Soldaten zum Führer gab.

Adolf Hitler ist eine ebenso soldatische wie künstlerische Natur. Künstlerisches Empfinden und soldatische Haltung, das, was äusserlich so oft als Gegensatz erscheint, ist in der Tiefe seines Wesens in begnadeter Ursprünglichkeit vereint; sie sind die Elemente seiner politischen Grösse. Aus der gemeinsamen Wurzel beider erwächst das Spezifische, vielleicht Einmalige seines Genies. Aus ihrer Synthese offenbart sich das Mysterium seiner Erfolge, erschliesst sich uns das Wunder seiner stattsmännischen Leistung.

Ein Arbeiter, dessen Traum es war, Baumeister zu werden, wurde Führer einer Nation und Baumeister des Grossdeutschen Reiches. Ein einfacher Soldat, ein Gefreiter der ruhmreichen deutschen Armee, steht heute als

Oberster Befehlshaber an der Spitze einer neuen deutschen Wehrmacht. Diese beglückende unmittelbare Verbundenheit des Führers mit dem schaffenden Volk und seinen Soldaten ist von gewaltiger symbolischer Kraft. Sie lässt auch dem letzten unserer Volksgenossen tagtäglich aufs neue bewusst werden, dass Adolf Hitler auch als Führer der Nation in seinem Herzen das geblieben ist, als was er sich immer fühlte und was er immer war: Der Soldat seines Volkes.

Als Soldat seines Volkes, als unbekannter Kriegsfreiwilliger eines reichsdeutschen Regiments zog er 1914 hinaus. Nach vierjährigem Heldenkampf zerschlug Verrat die beste Armee der Welt. Aber als Soldat seines Volkes pflanzte der Gefreite Hitler — noch im feldgrauen Rock — sofort eine neue Fahne auf, um sie nach fünfzehnjährigem Ringen im Volke zum Siege zu führen. Kaum fünf Jahre später zieht er an der Spitze einer neuen deutschen Armee als Befreier seiner deutsch-österreichischen Heimat in Wien ein. Er schuf ein grösseres Deutschland und erfüllte als Soldat seines Volkes das Vermächtnis seiner gefallenen Kameraden des grossen Krieges. Er setzte ihnen das Denkmal, das ihrer Opfer würdig ist: Das Grossdeutsche Reich.

Die Grösse dieser Leistung ist in der Geschichte ohne Beispiel. Sie konnte nur aus dem gläubigen Geist und dem starken Herzen eines Frontsoldaten erwachsen, der seine Mis-

sion nur zu erfüllen vermochte dank der harten Erziehung, die er als deutscher Soldat erhielt. Der Führer selbst hat es in Linz vor seinen Landsleuten ausgesprochen: „Die sechs Jahre als Soldat in der einzigen, unvergleichlichen alten deutschen Armee haben mir die Grundlage der Härte, der Festigkeit und Beharrlichkeit gegeben.“

Man kann die Männer ausserhalb des Krieges nicht beurteilen — sagt ein bekanntes Wort. Wie der Krieg dem deutschen Volke seinen Führer schenkte, so schenkte er auch dem Führer den Glauben an sein deutsches Volk. Wie keinen andern liess ihn die harte Schule des Krieges und später des politischen Kampfes den Wert seines Volkes und seiner Menschen erkennen. Frontsoldaten waren es, die sich als erste um ihn scharten, und soldatische Tugenden trugen im inneren Kampfe den politischen Sieg davon. Vom ersten Tag dieses Ringens an nimmt der Führer selbst die Hauptlast des Kampfes auf sich. Immer und überall tritt er als erster dem Gegner und der Gefahr entgegen — ein leuchtendes Beispiel soldatischer Haltung für alle, die ihm folgen.

Die Energie und die Arbeitskraft des Führers sind ohne Grenzen. Für ihn gilt wie für keinen anderen das Wort eines Soldaten, dass Müdigkeit eine Schwäche der Seele ist. Er hat sie in all den Jahren seines Kampfes niemals gekannt und kennt sie heute nicht. Als Soldat hat er den politischen Kampf begonnen und durch soldatische Haltung das Herz seines Volkes erobert.